

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carina Domingues dos Reis

Facebook: Professores, Crianças e Jovens na Rede



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carina Domingues dos Reis

Facebook: Professores, Crianças e Jovens na Rede

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Tecnologia Educativa

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria João da Silva Ferreira Gomes

outubro de 2014

DECLARAÇÃO

Nome: Carina Domingues dos Reis

Endereço eletrónico: domingues.carine@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 11119931

Título da dissertação: Facebook: Professores, Crianças e Jovens na rede

Orientadora: Professora Doutora Maria João da Silva Ferreira Gomes

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências de Educação – área de especialização em Tecnologia Educativa

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

A realização deste projeto não me seria possível sem os preciosos contributos prestados por algumas pessoas. Sendo assim, de entre todo o apoio e a ajuda recebida, não posso deixar de agradecer:

À Doutora Maria João Gomes pela sua preciosa orientação neste trabalho e pela sua paciência na hora da entrega do estudo. Agradeço ainda aos restantes professores, pelos ensinamentos disponibilizados que me alargaram os horizontes em termos de formação e me permitiram trilhar novos caminhos, e enveredar por outras trajetórias;

À minha colega Olívia Morais, a Olive, minha colega de trabalho na altura, que me deu a indicação deste mestrado e me deu a oportunidade de poder frequentá-lo. Pela disponibilidade demonstrada, pelos trabalhos feitos juntas, pelas horas passadas frente aos computadores, pelas horas de conversa no Skype, em que, a par da força de trabalho, não faltavam o humor e o ânimo, por todos os bons momentos passados;

À minha colega Célia, pelo ânimo e boa-disposição e pelo apoio dado. À minha colega Jenny pelo inquestionável apoio no estudo e todos os contactos que me proporcionou. Ao meu colega Pedro, pela ajuda prestada, e à minha colega Deolinda pela atenção dada ao longo de todos os meses desta fase difícil da minha vida.

À Rosa Cruz, ex-diretora do agrupamento em que se realizou este estudo, que me aceitou e apoiou ao longo do mesmo e fez todas as diligências necessárias para que ele se realizasse em todos os sentidos. Ainda a todos os colegas do agrupamento que contribuíram para a realização do estudo. À Teresa Almeida, minha ex-coordenadora e atual diretora do agrupamento, que também revelou um apoio incondicional em todas as situações.

Aos meus pais, sempre presentes, e ao meu irmão que me empurra “do outro lado” na luta dos meus sonhos... Obrigada!

RESUMO

No primeiro quartel do século XXI, diversas foram as alterações sociológicas que criaram uma "sociedade 3.0", uma sociedade centrada na inovação e no uso das Tecnologias. Os contornos desta conduzem ao redimensionamento da Escola e da Educação em que o desenvolver de novas competências pessoais, a par do das competências digitais, representam valiosos contributos para a construção do *knowmad*, o indivíduo do ...valorizando novos padrões de aprendizagem essenciais para o futuro.

Reconhecendo que as "redes sociais" protagonizam uma forma de comunicar e de "estar socialmente", não podemos ignorar a sua influência nas crianças e nas adolescentes. Reconhecendo que a Escola Paralela e os contextos externos à Escola, "*Invisible Learning*", representam valiosas ferramentas de aprendizagem, é objetivo desta dissertação perceber o potencial do Facebook no âmbito do ensino e da educação, ao observar a forma como docentes e discentes se relacionam na rede social, identificar como interagem e de que forma esta interação pode ser positiva para o estudo.

A fim de perceber a emergência dos ambientes digitais, estudou-se de que forma professores, crianças e jovens estudantes se apropriam e utilizam estes novos espaços de sociabilidade. O estudo realizou-se para o levantamento das características dos professores e dos alunos no Facebook e a sua opinião sobre o seu uso a nível pedagógico. Foram colocados aos alunos e professores da Escola Básica e Secundária do Agrupamento de Barroelas questionários sobre o uso das redes sociais (RS) na internet. Através do método qualitativo exploratório, realizou-se o tratamento dos dados dos questionários realizados com a finalidade de caracterizar a presença dos jovens e docentes no Facebook, o tipo de motivações e objetivos por parte destes no seu uso.

Os resultados demonstraram que o uso do Facebook é cada vez mais crescente, quer seja pelas crianças e pelos jovens, quer seja pelos docentes, embora o principal utilizador das RS seja o adolescente. Demonstra ainda que estes recursos já foram utilizados em contexto educativo, sendo as dimensões como a interação, a colaboração e a partilha valorizadas, revelando que importa conhecer o perfil dos utilizadores dos alunos, nas RS para que se entenda de que forma se podem desenvolver e utilizar no contexto educativo.

Palavras-chave: Aluno, Facebook, Redes Sociais

Abstract

In the first quarter of the twenty-first century, many sociological changes that have created a "Society 3.0", a company focused on innovation and use of technology. The contours of this lead to downsizing and the School of Education in the development of new personal skills alongside the digital skills represent valuable contributions to the construction of knowmad and promoting new standards for essential learning for the future.

Recognizing that "social networking" star in a way of communicating and being "socially", cannot ignore their influence on children and adolescents. Recognizing that the Parallel School and external contexts to School, "Invisible Learning", represent valuable tools for learning objective of this dissertation is to realize the potential of Facebook in teaching and education, observing how teachers and students relate in the social network, identify how they interact and how this interaction can be positive for the study.

In order to understand the emergence of digital environments we studied how teachers, children and young students take ownership and utilize these new spaces of sociability. The study was carried out to assess the characteristics of teachers and students on Facebook and your thoughts about your use of the pedagogical level. In the form of questionnaires on the use of social networking (RS) on the internet, they were put to the students and teachers of Primary and Secondary School Grouping Barroselas. Through exploratory qualitative method, we carried out the processing of data from questionnaires conducted to characterize the presence of young people and teachers on Facebook, the kind of motivations and goals by them in its use.

The results showed that the use of Facebook is increasingly growing, either by teachers, either by children and young people, although the main user of RS is the teenager. It also demonstrates that these features were used in an educational context, and its dimensions such as interaction, collaboration and sharing valued, indicating that matter know the profile of the users of the students on Facebook or other RS in order to understand the how you can develop and use in educational context.

Keywords: Student, Facebook, Social Networks

ÍNDICE GERAL

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	23
1.1. Contextualização do estudo	25
1.2. Motivações para a realização do estudo	28
1.3. Questões e objetivos de investigação	29
1.4. Descrição geral do estudo	31
1.5. Organização da dissertação	31
CAPÍTULO 2 – <i>Invisible learning</i>	35
2.1.1. Sociedade 3.0	38
2.1.2. <i>Invisible learning</i> e os <i>knowmads</i>	46
2.1.3. Nova sociedade – nova escola	59
2.2.1. As Redes Sociais	65
ClassMates.com (1995)	70
AOL Instant Messenger (1997)	71
Sixdegress (1997)	72
Friendster(2002)	72
My Space (2003)	73
Hi5 (2003)	73
LinkedIn - A rede social dos empresários (2003)	74
Orkut (2004)	74
Facebook (2004)	75
Flickr (2004)	75
YouTube (2005)	76
Twitter (2006)	76
Edmodo (2008)	77
Pinterest (2010)	78
Instagram (2010)	78
Google+ (2011)	79
2.2.2. Os portugueses <i>online</i>	80
2.2.3. O perfil do adolescente: utilizador das rs	96
2.2.4. Redes sociais e/ ou ferramentas sociais	112
2.2.5. Aplicações das ferramentas sociais em contexto educativo	120

P2PU ou Universidade Peer-to-Peer (EUA).....	120
O tabuleiro digital (Brasil)	121
<i>Invisible learning</i>	121
Littéraires iroises (França).....	122
Coursera (EUA)	122
<i>Shibuya University Network</i> (Japão)	123
<i>Banco Común de Conocimientos-BCC</i> (Espanha)	123
<i>TED.com</i> (EUA).....	123
<i>FutureLab</i>	124
Estudos sobre o Facebook.....	124
<i>"Informal Learning–the other 80%"</i>	124
Institutos Leapfrog (EUA)	125
CAPÍTULO 3 – Desenho do estudo	127
3.1. Questões, objetivos e metodologia de investigação.....	129
3.2. Constituição da amostra	132
3.3. Construção dos questionários	134
3.3.1. Questionário aplicado aos professores	137
3.3.2. Questionário aplicado aos alunos	139
3.4. Validação dos instrumentos de recolha de dados	141
3.5. Processo de recolha e tratamento dos dados.....	142
3.6. Taxa de retorno dos questionários dos professores e alunos.....	145
CAPÍTULO 4 – Apresentação e discussão dos resultados	147
4.1. Os questionários aos professores.....	149
4.1. 1. Caracterização biográfica e profissional	149
Idade.....	149
Sexo	150
Filhos.....	151
Situação profissional.....	151
Grupo de recrutamento a que pertence	152
Ciclos de lecionação.....	152
Habilitações literárias.....	153
Formação contínua	154

Síntese da caracterização biográfica e profissional da amostra dos docentes	155
4.1.2. Práticas de utilização das Redes Sociais.....	156
Utilizador de alguma rede social	156
redes sociais utilizadas.....	157
redes sociais mais utilizadas.....	157
Tempo de utilização das redes sociais.....	158
Idade de utilização das redes sociais	159
Apoio na criação do perfil/ conta na rede social.....	159
Amigos no perfil	161
Grupos de pessoas no perfil	161
Motivações (razões) da criação do perfil	164
Frequência de uso em tempo de Aulas.....	164
Frequência de uso em tempo de férias	166
Locais de acesso	167
Dispositivos de acesso	167
Atividades realizadas no perfil	168
Motivos de acesso	171
Conhecimento de colegas professores que utilizem as redes sociais na esfera privada	173
Conhecimento de colegas professores que utilizam as redes sociais em contexto profissional	173
Opinião sobre os motivos dos alunos para o uso das redes sociais.....	174
Uso pedagógico das redes sociais.....	175
Uso das redes sociais em contexto escolar	176
Opinião sobre o uso das redes sociais em contexto escolar	177
Não utilizou as RS em contexto escolar mas gostaria de utilizá-las.....	178
Não utilizou as RS em contexto escolar e não gostaria de utilizá-las	179
Síntese da caracterização do acesso e uso de redes sociais na internet.....	179
4.2. Resultados dos questionários aos Alunos.....	181
4.2.1. Caracterização biográfica.....	182
Idade.....	182
Sexo	183
Situação familiar.....	184

Habilitações literárias dos pais.....	184
Anos, turmas e níveis de escolaridade	185
Níveis de reprovação	188
Síntese da caracterização biográfica da amostra	189
4.2.2. Práticas de utilização das Redes Sociais.....	189
Utilizador de alguma rede social	189
Razões da não utilização de redes sociais.....	190
Redes sociais utilizadas.....	191
Redes sociais mais utilizadas	192
Idade de utilização das redes sociais	193
2.º ciclo	193
3.º ciclo	194
Nível secundário.....	195
Apoio na criação do perfil.....	196
“Amigos” no perfil	198
Grupos de pessoas no perfil	199
Adição de desconhecidos	199
motivações (razões) da criação do perfil	200
Conhecimento dos pais da sua participação numa rede social	201
Frequência de uso em tempo de Aulas.....	202
Frequência de uso em tempo de férias	203
Locais de acesso	205
Atividades realizadas no perfil	206
Motivos de acesso	207
Dispositivos de acesso	208
Síntese da caracterização do acesso e uso de redes sociais na internet por parte dos alunos	209
4.2.3. perspectivas de uso das redes sociais em contextos escolares.....	211
Uso das redes sociais em contexto escolar.....	211
Uso das redes sociais em contexto escolar	213
Não utilizou as redes sociais em contexto escolar mas gostaria de utilizar	214
Não utilizou as redes sociais em contexto escolar e não gostaria de utilizar	216

Síntese das perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares.....	217
Capítulo 5 – Conclusões e recomendações	223
Conclusões	225
5.1. Síntese global de conclusões e considerações	225
5.2. Constrangimentos da investigação e sugestões para próximas.....	231
5.3. Considerações finais e sugestões para estudos posteriores	232
6. Bibliografia	237

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - A Lei de Moore e a evolução tecnológica (Kurzweil, 1999)	42
Ilustração 2 - Crescimento exponencial do poder do computador (Kurzweil, 1999)	43
Ilustração 3 - Crescimento exponencial do poder do supercomputador (Kurzweil, 1999)	44
Ilustração 4 – <i>Knowmad</i> (Cobo & Moravec, 2011)	47
Ilustração 5 – Os limites da educação formal e não formal no conceito de <i>invisible learning</i> (Cobo & Moravec, 2011)	57
Ilustração 6 – Os princípios do <i>knowmad</i> (Cobo & Moravec, 2011)	60
Ilustração 7 - Os três paradigmas da web (Moravec, 2008)	68
Ilustração 8- Logotipos de algumas redes sociais	69
Ilustração 9 - Como encontrar os colegas do tempo de escola no <i>classmates</i>	71
Ilustração 10- A janela de entrada do Friendster	73
Ilustração 11 - A história do Facebook	96
Ilustração 12 - As funcionalidades dos medias sociais (Frederic Cavazza, 2012)	113
Ilustração 13 - “Infográfico: O acontece em 60 segundos na Web Social”	114
Ilustração 14 – Uso das redes sociais em contexto escolar	177

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Os três paradigmas sociais segundo Moravec (2008)	44
Tabela 2 – Os três paradigmas da educação (Cobo & Moravec, 2011)	63
Tabela 3- Ranking das redes sociais mais utilizadas e a idade mínima para ter o perfil	92
Tabela 4 – Maior uso dos <i>mobile</i>	95
Tabela 5 - Distribuição por idades das crianças que utilizam internet na UE	98
Tabela 6 – Uso do telemóvel por faixas etárias	99
Tabela 7- Distribuição dos alunos da escola sede do agrupamento por ciclo de escolaridade (2012/ 2013)	133
Tabela 8 - Distribuição do pessoal docente por género, vínculo, habilitações académicas e tempo de serviço (2012/ 2013)	134
Tabela 9- Dimensão 1: “caracterização biográfica e profissional” dos professores	137
Tabela 10- Dimensão 2: práticas de utilização das redes sociais dos professores	138
Tabela 11- Dimensão 3: “perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares”	139
Tabela 12 - Dimensão 1: “caracterização biográfica” dos alunos	139
Tabela 13 - Dimensão 2: práticas de utilização das redes sociais dos alunos	140
Tabela 14 - Dimensão 3: perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares dos alunos	141
Tabela 15 - Tabela-resumo do número de sujeitos por grupos amostrais	145
Tabela 16 - Formação contínua quanto ao género	155
Tabela 17 – “utilizadores-professores” das redes sociais quanto ao género	156

Tabela 18 - Apoio na criação do perfil dos professores quanto ao género	160
Tabela 19 – Grupos de pessoas no perfil dos professores segundo o género	163
Tabela 20 – Frequência de uso em tempo de aulas das redes sociais pelos professores segundo o género	165
Tabela 21 – Frequência de uso em tempo de férias das redes sociais pelos professores segundo o género	166
Tabela 22 – Atividades no perfil dos professores	170
Tabela 23- Número global de alunos	182
Tabela 24 - Quadro-síntese comparativos dos resultados do questionário	218

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- As aprendizagens segundo Marcia Conner	52
Gráfico 2- A aprendizagem formal e a aprendizagem informal	53
Gráfico 3 – <i>invisible learning</i> segundo Cobo & Moravec (2011).....	54
Gráfico 4 - Sites de redes sociais com perfil criado.....	85
Gráfico 5 - Sites de redes sociais com perfil criado.....	86
Gráfico 6 – Funcionalidades utilizadas nas redes sociais	87
Gráfico 7 – Número de amigos na rede social.....	88
Gráfico 8 – Razões para a utilização do Facebook.....	89
Gráfico 9 - Motivos da adesão	90
Gráfico 10 - Utilização das redes sociais em 2010	97
Gráfico 11 – Os perfis dos adolescentes nas RS.....	101
Gráfico 12 – Os perfis dos adolescentes	102
Gráfico 13 - Distribuição dos professores por idade	150
Gráfico 14 - Distribuição da amostra dos professores por género.....	150
Gráfico 15 - Distribuição da amostra pelos filhos	151
Gráfico 16 - Distribuição da amostra dos professores por situação profissional	152
Gráfico 17 - Distribuição da amostra dos professores por níveis de leccionação	153
Gráfico 18 - Distribuição da amostra dos professores pelas habilitações literárias	154
Gráfico 19 - Distribuição dos professores pela formação que se encontram a frequentar	154
Gráfico 20 – “Utilizadores-professores ” da rede social	156
Gráfico 21 - Rede social que os professores costumam utilizar	157
Gráfico 22 - Rede social mais utilizada pelos professores	158
Gráfico 23 - Anos de utilização das redes sociais pelos professores.....	158
Gráfico 24 - Idade de utilização das redes sociais pelos professores	159
Gráfico 25 – Apoio na criação do perfil dos professores	160
Gráfico 26 – Amigos no perfil dos professores	161
Gráfico 27 – Grupos de amigos no perfil dos professores	162
Gráfico 28 – Razões dos professores para a criação de um perfil/ conta na rede social	164

Gráfico 29 – Frequência de uso em tempo de aulas das redes sociais pelos professores	165
Gráfico 30 – Frequência de uso em tempo de férias das redes sociais pelos professores	166
Gráfico 31 – Locais de acesso às redes sociais pelos professores	167
Gráfico 32 – Dispositivos de acesso às redes sociais pelos professores.....	168
Gráfico 33 – Atividades dos professores quanto ao género.....	169
Gráfico 34 – Motivos de acesso dos professores	172
Gráfico 35 - Conhecimento dos colegas professores que utilizam as redes sociais na esfera privada	173
Gráfico 36 – Conhecimento dos colegas professores que utilizam as redes sociais na esfera profissional	174
Gráfico 37 – Opinião dos professores sobre os motivos dos alunos para o uso das redes sociais	175
Gráfico 38 – Uso pedagógico das redes sociais.....	176
Gráfico 39 – Uso das redes sociais pelos professores em contexto escolar	176
Gráfico 40 – Uso pedagógico das redes sociais pelos professores em contexto escolar para quem ainda não usou.....	177
Gráfico 41 – Motivos dos professores para o uso das redes sociais em contexto escolar	178
Gráfico 42 – Motivos dos professores para o não uso das redes sociais em contexto escolar.....	179
Gráfico 43- Distribuição dos alunos por idade.....	183
Gráfico 44 - Distribuição da amostra dos alunos por género	183
Gráfico 45 – Caracterização do agregado familiar dos alunos	184
Gráfico 46 – habilitações literárias dos encarregados de educação dos alunos.....	185
Gráfico 47 - Distribuição das turmas a nível do 2º ciclo de escolaridade	186
Gráfico 48 - Distribuição das turmas a nível do 3º ciclo de escolaridade	187
Gráfico 49 - Distribuição das turmas a nível do secundário	188
Gráfico 50 - Níveis de reprovação	188
Gráfico 51 - “Utilizadores-alunos ” da rede social	189
Gráfico 52 - Razões dos alunos para não utilizar as redes sociais.....	191
Gráfico 53 – Redes sociais utilizadas pelos alunos	192
Gráfico 54 - Rede social mais utilizada pelos alunos.....	193
Gráfico 55 - Idade de utilização das redes sociais no 2.º ciclo	194
Gráfico 56 - Idade de utilização das redes sociais no 3º ciclo	195
Gráfico 57 - Idade de utilização das redes sociais no ensino secundário.....	196
Gráfico 58 – Apoio na criação do perfil dos alunos.....	197
Gráfico 59 - Apoio na criação do perfil dos alunos por nível de ensino.....	197
Gráfico 60 – Amigos no perfil dos alunos	198
Gráfico 61 - Grupo de amigos no perfil dos alunos.....	199
Gráfico 62 – Adição de desconhecidos pelos alunos	200

Gráfico 63 – Razões dos alunos para a criação do perfil	200
Gráfico 64 – Outras razões dos alunos para criação de uma conta	201
Gráfico 65 – Conhecimento dos pais da rede social.....	202
Gráfico 66 – Frequência de uso das redes sociais pelos alunos em tempo de aulas...	202
Gráfico 67– Frequência de uso das redes sociais pelos alunos em tempo de aulas por nível de ensino	203
Gráfico 68 - frequência de uso das rs em tempo de férias pelos alunos.....	204
Gráfico 69 – frequência de uso em tempo de férias pelos alunos – nível de ensino ...	205
Gráfico 70 – Locais de acesso pelos alunos às redes sociais	206
Gráfico 71 - Atividades realizadas pelos alunos nas redes sociais.....	207
Gráfico 72 – Motivos dos alunos para aceder às redes sociais no ensino secundário .	208
Gráfico 73 - dispositivos de acesso às redes sociais	209
Gráfico 74 – Uso das redes sociais em contexto escolar	211
Gráfico 75 - Disciplinas em que utilizaram as redes sociais	211
Gráfico 76 - opinião sobre o uso das redes sociais em contexto escolar	213
Gráfico 77 – Não utilizou as redes sociais em contexto escolar mas gostaria de utilizar	215
Gráfico 78 - Razões para a não-utilização das redes sociais.....	217

Anexos	243
Anexo 1: Pedido de autorização pais.....	245
Anexo 2: Grupos de recrutamento para a docência.....	247
Anexo 3: Modelo de questionário para o professor	249
Anexo 4: Modelo de Questionário para o aluno.....	255
Anexo 5: Modelo de Questionário para o professor realizado <i>online</i>	259

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.2. MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.3. QUESTÕES E OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

1.4. DESCRIÇÃO GERAL DO ESTUDO

1.5. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Inicia-se este capítulo com uma breve contextualização do presente estudo (1.1.), apresentam-se as motivações pessoais para seu desenvolvimento (1.2.), identificam-se as questões e objetivos do estudo (1.3.) e faz-se uma descrição geral do mesmo (1.4). Finalmente apresenta-se a organização da presente dissertação (1.5.).

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

"Sessenta anos atrás, eu sabia tudo. Hoje sei que nada sei. A educação é a descoberta progressiva da nossa ignorância."

Will Durant

O limiar do séc. XXI acarretou uma série de desafios que alteraram a nossa sociedade. Os desafios das Tecnologias, a difusão da Net, a democratização da sociedade têm aumentado os desafios atuais da Educação e da sociedade, contribuindo para um redimensionamento da Escola. A história revela constantes transformações sociológicas que conduziram àquilo que podemos designar de "sociedade 3.0" (Cobo & Moravec, Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación., 2011), uma sociedade centrada na inovação, que se distingue bastante das suas antecessoras, a sociedade do conhecimento e a sociedade industrial. O desafio proposto é criar uma educação 3.0 que satisfaça as necessidades de uma sociedade "post-1.0" (Cobo & Moravec, Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación., 2011, p. 42). Os contornos de uma nova sociedade estão a formar-se, os contornos de uma sociedade em que conhecimento e educação já são vistos como um fator de unidade e integração dentro das sociedades ou como formas de vencer as diferenças e desigualdades sociais.

São numerosos os estudos que revelam a "invisibilização das novas tecnologias" (Cobo & Moravec, Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación., 2011) e o desenvolvimento de competências digitais externas

a diversas políticas educativas. De forma deliberada, assiste-se à criação de novas competências pessoais e ao desenvolvimento de outras para agir e aplicar o conhecimento (inovação). Surgem assim novas ferramentas, métodos e técnicas que representam novos padrões de aprendizagem mais flexíveis, inovadores e criativos, que podem ser utilizados em qualquer lugar e em qualquer momento, gerando um *continuum* de experiências e interações. Assim, estas perspectivas devem ser exploradas para repensar o futuro da educação e atuar nessa direção.

A par da sociedade e do sistema escolar, também a instituição familiar surge com novos traços e contornos nas relações, entre essas duas grandes instâncias de socialização (Nogueira, 2005, p. 570). Neste contexto, novos espaços de interação e novas estruturas relacionais se vêm desenvolvendo tendo como suporte as redes sociais *online*, suportadas pelas comunicações móveis e pela internet e desenvolvendo-se em espaços como o Hi5, Twitter, Facebook e blogues, entre outros.

O presente estudo nasceu de uma forte motivação para perceber a emergência dos ambientes digitais a que usualmente nos referimos como “redes sociais”, nomeadamente o Facebook, e identificar de que forma professores, crianças e jovens estudantes se apropriam e utilizam estes novos espaços de sociabilidade¹.

¹ Não é utilizado o termo socialização visto que este designa “a dinâmica da transmissão de cultura, o processo pelo qual os homens aprendem as regras e as práticas dos grupos sociais” (Worsley, 1983, p. 203) e, por conseguinte, aponta para um dos aspetos de toda e qualquer atividade na sociedade humana. Tal como se aprende um jogo, jogando-o, também se aprende a viver, vivendo. A socialização depende das atividades em que se participa.

Já o termo sociabilidade designa a capacidade natural do ser humano para a convivência em sociedade, desenvolvendo-se pelo meio da socialização. A constante evolução humana conduz a que a forma atual de sociabilidade absorva características diferentes da sociedade antes do século XXI. Na sociedade contemporânea, surgem novas formas de expressão dos novos tipos de sociabilidade, as tribos urbanas, afirma Maffesoli (1998) que exemplifica com as claques de futebol, os surfistas, os gangues. Na pós-modernidade, muitos dos sentimentos e emoções são partilhados em coletividade. Assim como a sociedade da pós-modernidade é fragmentada, os grupos formados também são fragmentados em várias tribos. Segundo Simmel (2006), os indivíduos reúnem-se devido às afinidades ou interesses em comum. A evolução da sociedade e das tecnologias do século XXI complexifica o processo de formação de novas tribos com o crescimento das comunidades virtuais que habitam o ciberespaço constituindo um dos novos tipos de sociabilidade dos mais polémicos e estudados no campo das Ciências Sociais.P

Tem-se observado que o Facebook desempenha um papel cada vez mais preponderante nas relações interpessoais e ainda mais nas dos adolescentes, o que nos leva a tomar:

uma atitude de *maioridade* baseada por uma relação refletida, pela análise do saber da natureza discursiva e racional do conhecimento tecnológico, por um uso mediado pela racionalidade comunicativa examinando objetivamente aquilo que as TIC nos oferecem para modificar a escola e as práticas pedagógicas; por uma complementaridade entre a riqueza informativa e comunicacional proporcionada pelo ambiente da comunicação virtual e a riqueza dos processos de significação favorecidos pela dimensão sensorio afetiva-social da comunicação presencial. (Silva, 2002, p.43)

Perante a crescente utilização das Novas Tecnologias e da Internet², e o crescimento do fluxo de comunicação em ambiente virtual, não podemos negar a crescente utilização das redes sociais (RS), nomeadamente do Facebook, tanto ao nível de entretenimento como ao nível do acesso à informação, de relacionamento ou até a nível profissional, comercial e educativo. Os estudos conduzidos pela Obercom2012³ revelam um crescente uso das RS e um crescente protagonismo a diferentes níveis. Também Cobo e Moravec (2011), apresentam, entre os mais diferentes exemplos de perspetivas, o de "*aprendizaje invisible*" ou "*invisible learning*", que conduzem a uma reflexão profunda sobre a educação e a escola, e destacam as RS como sendo uma preciosa ferramenta.

A crescente valorização das aprendizagens informais, da Escola Paralela (Friedman, 1962, citado por Bento, 2008, p.1915), ou do "*invisible learning*" (Cobo & Moravec, *Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación.*, 2011), que coloca as crianças perante um crescente conjunto de estímulos afetivos e intelectuais fora da "escola oficial", a partir do meio

² "Internet é o exemplo da rede de base colaborativa que interpreta o sentido desta nova galáxia comunicativa, cujo prelúdio ainda estamos a viver." (Silva, *Tecnologias, Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais*, 2008, p. 1913)

³ O Observatório da Comunicação apresenta todos os anos um estudo sobre o uso da Internet em Portugal. No caso do nosso estudo, a maioria das vezes apresentaremos o estudo Obercom2012, comparando os dados obtidos no inquérito a Sociedade em Rede 2011 com o estudo posterior, a Sociedade em Rede 2012.

ambiente, não pode ser ignorado. Assim, o conhecimento e a inovação tecnológica assumem cada vez um papel mais preponderante na nossa sociedade – sociedade em rede⁴ ou mesmo sociedade 3.0 - gerando uma crescente influência no contexto das relações educativas formais, informais e não formais, e favorecendo uma nova aprendizagem. Nesta perspectiva, configura-se como relevante o (re) conhecimento do tipo de atividades que professores, crianças e jovens estudantes levam a cabo no Facebook, bem como até que ponto se “cruzam” e interagem nestes espaços online.

1.2. MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO ESTUDO

A escolha do tema prendeu-se sobretudo com os meus tempos livres e com a minha área profissional. Com algum espanto meu, assistia diariamente no círculo das minhas amigas ao desenvolvimento de relações amigáveis e amorosas no Facebook, relações que nunca se desenrolariam sem a utilização deste meio. Essa constatação foi-me provocando uma motivação crescente pela temática das redes sociais e do papel que as mesmas desempenham nas mais diversas situações da nossa vida.

Tendo em conta a minha formação inicial como professora de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira, cuja atividade profissional se orientava para o ensino e aprendizagem das línguas em questão e à sua comunicação, pretendi caracterizar o perfil do professor/e alunos através do uso de uma rede social.

Neste sentido, quis estudar a sua importância enquanto espaço de interação entre alunos e professores. Também a crescente valorização de outras aprendizagens que não as formais e as informais, as chamadas *invisible learning* em contextos pouco definidos, “em que qualquer indivíduo se sente à vontade para comunicar, partilhar e interagir” (Patrício & Gonçalves, 2010) da Escola Paralela (Friedman, 1962, citado por Bento, S. 2008), que coloca as crianças perante um crescente conjunto de estímulos afetivos e intelectuais fora

⁴ Novo modelo de sociedade que se move através das comunidades virtuais e em que as pessoas se organizam em torno das suas afinidades e interesses através das novas tecnologias como telemóveis, internet... (Castells, A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade, 2004)

da "escola oficial", a partir do meio ambiente, não pode ser ignorada e deve ser aproveitada.

Assim, o conhecimento e a inovação tecnológica assumem cada vez um papel mais preponderante na nossa sociedade, sociedade em rede, ou ainda uma sociedade 3.0 (Cobo & Moravec, *Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación.*, 2011), representando progresso e riqueza. Impõe-se desta forma uma nova aposta na educação e formação do cidadão.

Perante estas motivações e a minha situação profissional, tive de pedir apoio para a consecução deste estudo a algumas minhas ex-colegas de trabalho e orientar esta tese para a realização de um questionário no Agrupamento da Escola Básica e Secundária de Barroelas, meu antigo local de trabalho.

1.3. QUESTÕES E OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Na sequência das considerações sobre as redes sociais e o seu possível papel em contexto escolar, foi formulada uma questão geral de investigação:

Questão 1: Como se caracteriza a presença de professores, crianças e jovens estudantes nas redes sociais?

Esta questão geral de investigação foi subdividida num conjunto de outras (sub) questões que permitiram operacionalizar o estudo, orientando o processo de recolha de dados. Assim, identificámos um conjunto de questões "parcelares":

Quest.1.1 – Como, porquê e com que idade as crianças e jovens (estudantes) começam a utilizar a rede social Facebook?

Quest.1.2 – Que atividades realizam as crianças e jovens (estudantes) na rede social Facebook?

Quest.1.3 – Quem são os “amigos” das crianças e jovens (estudantes) na rede social Facebook?

Quest.1.4 – Quais são os motivos que levam as crianças e jovens a usar redes sociais?

Quest.1.5 – Que perspectivas de utilização das redes sociais em contexto educativo possuem as crianças e jovens?

Quest.1.6 – Como, porquê e com que idade os professores começam a utilizar a rede social Facebook?

Quest.1.7 – Que atividades realizam os professores na rede social Facebook?

Quest.1.8 – Quem são os “amigos” dos professores na rede social Facebook?

Quest.1.9 – Quais são os motivos que levam os professores a usar redes sociais?

Quest.1.10 – Que perspectivas de utilização das redes sociais em contexto educativo possuem os professores?

Subjacente a estas questões de investigação está um conjunto de objetivos gerais que se passam a apresentar de forma sintética:

- Conhecer os processos e razões pelas quais professores, crianças e jovens estudantes se tornam utilizadores/membros de redes sociais *online*;
- Caracterizar a forma como professores, crianças e jovens estudantes usam as redes sociais diariamente;
- Identificar perspectivas de professores, crianças e jovens estudantes relativamente à utilização de redes sociais online em contextos educativos escolares.

Foi ainda objetivo complementar deste estudo a caracterização específica dos alunos e professores do Agrupamento da Escola Básica e Secundária de Barroelas enquanto utilizadores de RS, quanto à idade, género, situação escolar/ profissional, perfil de utilizador, amigos, motivos de utilização, tempo

de frequência, motivações, atividades e suportes de acesso, por esta ter sido uma escola onde a investigadora desenvolveu atividade docente e cujos membros e direção se manifestaram recetivos ao estudo.

1.4. DESCRIÇÃO GERAL DO ESTUDO

O estudo realizado é de natureza quantitativa, podendo classificar-se como um estudo não experimental ou descritivo do tipo *survey* (Coutinho, 2005). A recolha de dados decorreu no ano letivo de 2012/2013, incidindo sobre os professores e alunos do segundo e terceiro ciclos e do ensino secundário do Agrupamento da Escola Básica e Secundária de Barroselas.

Numa primeira fase, foi solicitada a colaboração da Direção para a realização do estudo ao nível da escola sede do agrupamento, e simultaneamente solicitada a autorização para realização do estudo através da submissão dos instrumentos de recolha de dados e respetiva nota metodológica ao site de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (MIME), da responsabilidade da Direção Geral de Educação. Após a validação dos instrumentos de recolha de dados (questionário dirigido aos professores e questionário dirigido aos estudantes) e obtenção da autorização para a sua aplicação quer por parte da equipa do MIME, quer por parte da direção da escola, seguiu-se o pedido de autorização aos encarregados de educação dos alunos relativamente à possibilidade dos mesmos colaborarem no estudo. Finalmente, foram distribuídos aos professores e aos alunos os questionários realizados e validados para o efeito do estudo empírico. Este processo de recolha de dados será explicitado em maior pormenor no capítulo III.

Numa segunda fase, procedeu-se à recolha, análise e interpretação dos dados, a fim de responder às questões da investigação formuladas.

1.5. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação é composta por cinco capítulos, a saber:

Capítulo 1 – Introdução: é feita uma introdução em que se contextualiza o estudo, o tema a ser estudado, se apresentam os objetivos e as questões da investigação assim como as principais motivações para o seu desenvolvimento, terminando com a organização do estudo.

Capítulo 2 – *Invisible Learning*: divide-se em duas partes. A primeira parte, intitulada *Nova Sociedade – Nova Escola*, em que caracterizamos a sociedade atual, adotando a designação de Sociedade 3.0. Começamos por uma breve contextualização da transformação da sociedade e, por conseguinte, de uma nova escola, discutindo aspetos como a evolução da sociedade 1.0 até à 3.0 e o nascimento dos *knowmads*, a necessidade das TIC e da Internet no contexto educativo perante as mudanças tecnológicas e económico-sociais e problematizando algumas das suas aplicações no contexto educativo. Na segunda parte, intitulada *Redes Sociais*, procedemos a uma breve apresentação das redes sociais (RS) e do seu uso. Segue-se uma breve contextualização do surgimento e expansão do Facebook, plataforma sobre qual se desenvolvem muitas das redes sociais *online*, observando as alterações que tem sofrido desde a sua criação até aos dias de hoje numa panorâmica europeia e nacional, com referência à sua implementação do mundo profissional até à escola. Para além de traçar o perfil dos utilizadores das RS, tentamos desenhar com mais rigor o perfil do adolescente. Descrevemos as funcionalidades do Facebook e de que forma podem servir de ferramentas sociais no processo de ensino-aprendizagem. Finalmente, apresentamos algumas aplicações da Web que podem ser facilmente utilizadas em contexto educativo.

Capítulo 3 – Desenho do Estudo: explicita-se o desenho do estudo, começando pela opção metodológica, fazendo a caracterização da população e da amostra bem como caracterizando o agrupamento da Escola Básica e Secundária de Barroselas onde foi elaborada a investigação. Segue-se a apresentação dos instrumentos de recolha de dados, com a caracterização e descrição dos questionários aplicados a professores e alunos, com referência ao processo de validação e aplicação dos mesmos. No final, descrevemos o processo de tratamento e análise de dados.

Capítulo 4 – Apresentação e discussão de dados: procede-se à apresentação e discussão dos dados. Este capítulo divide-se em duas partes, o questionário aos professores e o questionário aos alunos, que por sua vez se subdividem em três grandes dimensões, uma primeira que se intitula caracterização pessoal e profissional no caso dos docentes e caracterização pessoal no caso dos alunos, a segunda, “práticas de utilização das RS”, e a terceira, “perspetivas de uso das RS em contextos escolares”. Ao longo deste capítulo, na sequência da análise e discussão dos dados recolhidos, vão-se retirando conclusões parcelares a partir dos mesmos.

Capítulo 5 – Conclusões e Recomendações: confrontamos os dados obtidos e as leituras feitas, faz-se uma síntese das conclusões decorrentes das questões e objetivos da investigação e da discussão dos dados, tecem-se as considerações finais e avançam-se algumas propostas para futuros trabalhos.

CAPÍTULO 2 – *INVISIBLE LEARNING*

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1.1. SOCIEDADE 3.0

2.1.2. *INVISIBLE LEARNING* E OS *KNOWMADS*

2.1.3. NOVA SOCIEDADE – NOVA ESCOLA

2.2.1. AS REDES SOCIAIS

2.2.2. *Online* no FACEBOOK

2.2.3. O PERFIL DO ADOLESCENTE: UTILIZADOR DAS RS

2.2.4. REDES SOCIAIS E/ OU FERRAMENTAS SOCIAIS

2.2.5. APLICAÇÕES RS EM CONTEXTO EDUCATIVO

CAPÍTULO 2 – *Invisible learning*

No propósito de reunir bases teóricas que sustentassem o estudo proposto, a revisão crítica da literatura foi orientada em vários sentidos. Numa primeira fase, tentou-se definir o que é uma Nova Sociedade, caracterizando a sociedade atual, a Sociedade 3.0 (2.1.1.), começando por uma breve contextualização da transformação da sociedade, da sociedade 1.0 até à 3.0, que ilustrasse a transformação da sociedade industrial à sociedade do conhecimento, até à sociedade centrada na inovação. Numa fase posterior, assinalámos o *invisible learning* e o nascimento dos *knowmads* (2.1.2.), lançando um especial olhar para o uso das TIC e da Internet no contexto educativo, perante as mudanças tecnológicas e económico-sociais e algumas aplicações no contexto educativo, o que conduziu a uma reflexão do papel da Escola na construção desta nova sociedade e à criação de uma educação 3.0, ao encontro das necessidades de uma sociedade post-1.0 (2.1.3).

Na segunda parte, definiu-se o conceito de redes sociais (RS) e fez-se uma breve apresentação destas e do seu uso (2.2.1.). Com a análise de estudos estatísticos, revelou-se o destaque da rede social Facebook, fazendo-se uma breve contextualização do que constituiu e de que forma se tem desenvolvido, observando as alterações que tem sofrido desde a sua criação até aos dias de hoje, numa panorâmica europeia e nacional, através do estudo da Obercom, a sua implementação no mundo profissional até ao ensino (2.2.2.). Tentámos ainda desenhar o perfil do adolescente como utilizador das RS (2.2.3) e avaliar o comportamento que adotam com o uso das RS. Verificámos o seu uso e, perante estas evidências, analisámos de novo as RS a fim de retirar todas as funcionalidades que se revelem úteis e necessárias a nível pedagógico, as chamadas ferramentas sociais (2.2.4.). Finalmente, apresentámos alguns programas e projetos envolvendo as Redes Sociais *online* que foram implementados em contexto escolar a nível nacional e internacional (2.2.5.).

2.1.1. SOCIEDADE 3.0

"Quando acreditávamos que tínhamos todas as respostas, mudaram todas as perguntas."

Mário Benedetti

Ao longo dos tempos, a história da humanidade é marcada por vários ciclos distintos que a caracterizam nesse eixo de tempo.

As mudanças económico-sociais e as inovações tecnológicas irrompem na história da Humanidade, demarcando eras. Daniel Bell (1972) citado por Lyon (1992), nos anos 60, na era do pós-industrialismo, defendia que à semelhança do que aconteceu com a sociedade agrária substituída pela industrial, com a importância económica da indústria em detrimento da propriedade, ao deslocarem-se os interesses económicos para o setor da prestação de serviços, nascia a sociedade pós-industrial, uma sociedade que com o impacto das novas tecnologias (rádio, TV, computador...) fazia o melhor uso possível das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tornando, através da informática, a informação como um elemento central de toda a atividade humana. Considerada uma nova era civilizacional e tecnológica, Castells (1999) designa-a de Sociedade da Informação (SI), ou ainda de sociedade de conhecimento ou sociedade de aprendizagem⁵. Acreditava-se na importância da informação e do conhecimento para a criação e aproveitamento de riqueza, uma sociedade em constante mudança, em que o sujeito com

⁵Apesar desta aproximação de termos e conceções, Vieira (2005), citando Lindley (2000, p.36) lembra que a expressão foi bastante problematizada criando novas conceções:

O termo sociedade da informação refere-se à enorme proliferação da informação, estimulada pelo aproveitamento da microeletrónica e pelas primeiras manifestações do seu potencial impacte social e económico. Em contrapartida, o conceito de *sociedade de aprendizagem* transporta em si a conceção embrionária do modo de vida moderno, fortemente recomendado devido à crescente integração das tecnologias de informação e comunicação e ao receio de que a globalização possa prejudicar a competitividade [...]. A *sociedade do conhecimento* distingue-se [...] pela maneira como encara a mudança estrutural da economia a longo prazo. Segundo esta visão, a produção, divulgação e utilização do conhecimento irão desempenhar um papel ainda mais importante na criação e aproveitamento da riqueza.

conhecimentos generalistas, com domínio das TIC, de várias línguas, seja flexível, empreendedor, proactivo e criativo, com capacidade de formação ao longo da vida (Matos 2004). Também (Webster, 2004) afirmava que a educação era a prioridade política em que se pretende formar, citando Reich (1992) “analistas simbólicos”, “aqueles cujo trabalho envolve a negociação, comunicação, gestão e atividades afins – na economia mundial”, e que Castells (1999) identificava como sendo «trabalho informacional». Tratava-se da criação de uma classe laboral e social altamente especializada no tratamento de informação e no trabalho intelectual. Estes analistas simbólicos eram profissionais altamente educados que vão exercer, no capitalismo global, papéis de interpretação e transformação de símbolos e linguagens complexas. Eram atores essenciais da sociedade de informação, cuja produção se distingue da produção industrial por ser basicamente informacional e intelectual. O capital cultural elevado destes analistas e a progressiva complexificação simbólica do universo, que rodeia os indivíduos privados deste capital, vão gerar uma maior polarização social dentro dos estados e no sistema-mundo (Webster, 2004). Altamente flexíveis e adaptáveis, uma das mais importantes características dos analistas era a sua capacidade para as novas aprendizagens, revelando-se a atividade de maior importância neste novo paradigma (Webster, 2004). Deste modo, os indivíduos menos escolarizados ou oriundos de estados com apostas mais fracas na educação viam-se facilmente desprovidos de apetência para desempenhar as funções mais qualificadas ou ascender socialmente, ficando relegados para um plano de “mão-de-obra” barata (Webster, 2004). Esta política significava que cada um deveria resignar-se ao jogo das forças do mercado ao nível global e nacional, colocando o enfoque político na produção do «capital humano» mais necessário neste sistema mundial, de modo que grande parte da sua população jovem pudesse emergir com as qualidades exigidas pela economia global. No entanto, as nações que não possuísem infraestruturas educacionais necessárias estariam condenadas a fornecer os trabalhadores sobre os quais agiriam os analistas simbólicos.

Neste âmbito, a escola desempenhava um papel crucial na formação do sujeito e da sociedade, do cidadão e da democracia, em que todos participavam

na sua construção com o cumprimento dos direitos e dos deveres do Homem. No Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI (Delors et al 1996:55-58), a educação constituía o pilar da democracia a par da emergência da sociedade da informação.

Com a irrupção de uma “era eco-info-bio-nano-cogno” (Cobo & Moravec, 2011, p.11) uma era demarcada pelas novas tecnologias em que ciência e progresso convivem com o respeito pela natureza e claras preocupações ecológicas, os autores Cobo e Moravec acreditam na mudança de paradigma que conduza a uma nova sociedade, a Sociedade 3.0, a sociedade do futuro, num futuro mais imediato que imaginamos, um futuro em *work-in-progress* cujo prognóstico se caracteriza por enormes transformações sociais e económicas, produto das aceleradas mudanças tecnológicas e para o qual temos de preparar os jovens. A globalização e os rápidos avanços das TIC, sobretudo com a Internet, facilitam a produção de significados socialmente construídos, de uma consciência global, e consolidam a presença das Redes Sociais. As tecnologias sociais disponibilizam uma série de ferramentas que nos permitem participar em inúmeras tarefas de interesse. Os autores Cobo e Moravec (2011) referem ainda que a disponibilidade massiva destas ferramentas, como os wikis, YouTube, possibilitando formas de gerar e difundir a sua própria informação, criou diversos fenómenos. Um dos primeiros foi o “periodismo do cidadão” em oposição ao *mainstream media*. O segundo foi o aparecimento dos “cidadãos científicos”, pessoas sem formação científica que podem participar em projetos. Finalmente, favoreceu a democratização dos mercados com o aparecimento dos “cidadãos capitalistas”, que investem noutros capitais como o mercado global de talentos e de ideias. Contudo, pelas suas condicionantes e limitações, as tecnologias sociais obrigam os indivíduos a mudar a forma de pensar e de atuar, o que tem suscitado questões entre os teóricos educativos e sociais relativamente às suas consequências e ao tipo de sociedade gerada⁶.

⁶ Que poderemos dizer de Kaczynski ou o Unabomber, matemático norte-americano, escritor, militante ecologista, neolúdico e terrorista, condenado a prisão perpétua. Criança prodígio e intelectual, foi aceite em Harvard University, com a idade de 16 anos, tendo-se destacado academicamente desde tenra idade. Tornou-se professor assistente na Universidade da

Do processo evolutivo criado pelo ritmo acelerado da tecnologia, nasceram algumas teorias como a Lei de Moore e a Teoria das Mudanças Aceleradas (também chamada de Lei dos Retornos Acelerados) de Kurzweil⁷, embora muitos cientistas defendam que estas dentro de anos terão de ser reformuladas (Pearce, 2011). Também John Neumann, nos meados da década de 1950, formulou a Teoria da Singularidade Tecnológica em que defendia que a contínua aceleração do progresso da tecnologia e as mudanças no modo de vida humano pareciam apontar para a aproximação de alguma singularidade essencial na história da raça, a partir da qual os assuntos humanos, como os conhecemos, não poderiam continuar. Como um evento histórico, no futuro, prevê que a humanidade atravessará, num curto espaço de tempo, um estágio de colossal avanço tecnológico, em que a inteligência artificial superará a inteligência humana, alterando radicalmente a civilização e a natureza dos homens.

Mais tarde, Gordon Moore, químico e físico americano, em 1965, anteviu, com razoável precisão, o ritmo da revolução tecnológica nas quatro décadas subsequentes. Assim, indicou que a capacidade de processamento do microprocessador, o chip, duplicaria cada ano, avanço que permitiria a criação de máquinas cada vez mais potentes e baratas. Em 1975, teve de rever o cálculo e mudou a previsão ampliando o período para dois anos e previu ainda que o limite seriam os circuitos à escala atômica, com interferência de fenômenos quânticos.

Califórnia aos 25 anos mas renunciou dois anos depois. Mudou-se para uma cabana isolada, sem eletricidade ou água corrente, onde viveu como um eremita ao aprender habilidades de sobrevivência a fim de se tornar autossuficiente. Decidiu iniciar uma campanha de bombardeio, após assistir ao deserto em torno de sua casa ser destruído pelo desenvolvimento, o futuro. Assim, de 1978 a 1995, Kaczynski enviou 16 bombas a alvos como cientistas de renome, universidades e companhias aéreas, matando três pessoas e ferindo 23. Argumentou que os seus atentados foram extremos, mas necessários para atrair a atenção para a erosão da liberdade humana exigida pelas tecnologias modernas.

Kaczynski ainda enviou uma carta ao The New York Times em 1995 e prometeu "desistir de terrorismo" se o Times ou o Washington Post publicassem o seu manifesto [Na sua Sociedade Industrial e o seu Futuro](#) (também chamado de "Manifesto Unabomber"), em que chama a atenção para o progresso da sociedade, que caminha para uma civilização tecnológica, uma sociedade que segundo ele se afasta da humanidade. Consultado em http://fr.wikipedia.org/wiki/Theodore_Kaczynski em 29-10-2013

⁷A Teoria das Mudanças Aceleradas consultada em http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_mudan%C3%A7as_aceleradas em 02-11-2013

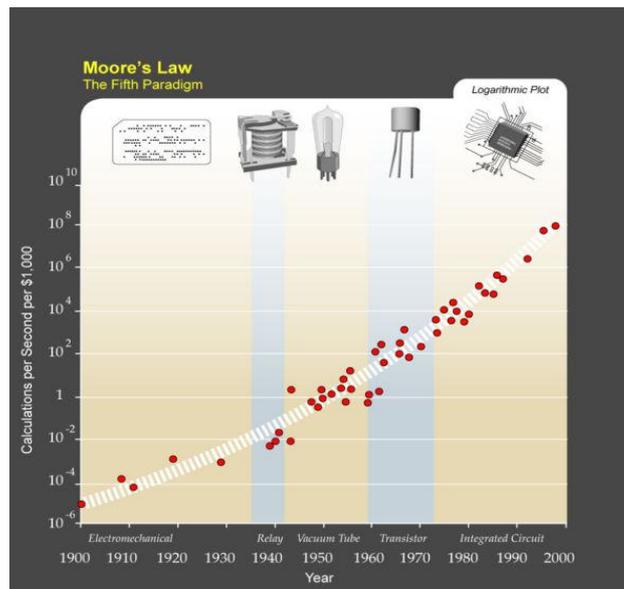


Ilustração 1 - A Lei de Moore e a evolução tecnológica (Kurzweil, 1999)

Quanto à Teoria das Mudanças Aceleradas, na sua obra "The Age of Spiritual Machines" (1999)⁸, Kurzweil afirma que, com o advento da inteligência, a tecnologia é inevitável, o que acelerará ainda mais o processo evolutivo, visto que os produtos da evolução acelerada pela tecnologia surgem em intervalos de tempo cada vez menores. Acrescenta que, mesmo quando a Lei de Moore perder a validade, haverá um crescimento exponencial do progresso tecnológico no sentido da Teoria da Singularidade Tecnológica. Assim, prevê que as mudanças de paradigma continuarão a ser como têm sido, tornando-se cada vez mais comuns, levando a mudanças tecnológicas tão rápidas e profundas que representarão uma ruptura no tecido da história humana. Acredita ainda que a teoria das mudanças aceleradas implica a ocorrência de uma singularidade tecnológica na primeira metade do século XXI, mais precisamente em 2045. Kurzweil criou os seguintes gráficos (ilustrações 2 e 3)

⁸ Sobre a obra "The Age of Spiritual Machines", consultado em http://www.reaprendentia.org.br/uploads/arq1364692111a_era_das_m_quinas_espirituais.pdf em 02-10-2013.

para ilustrar a sua opinião a respeito de sua teoria das mudanças aceleradas⁹ e da evolução tecnológica.

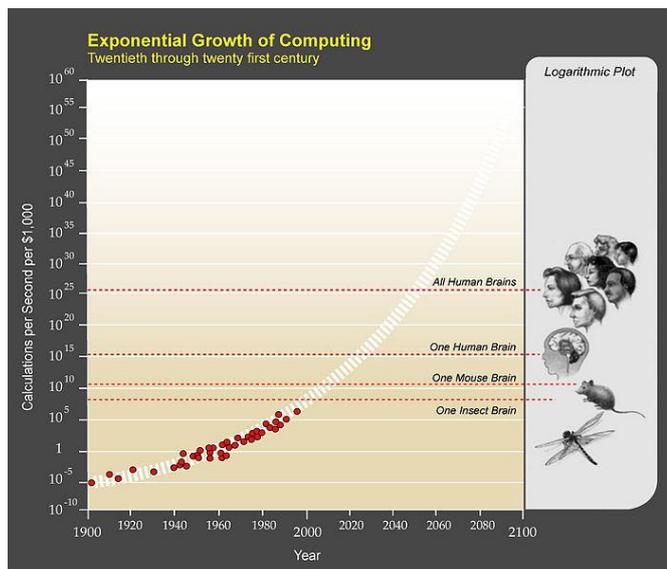


Ilustração 2 - Crescimento exponencial do poder do computador (Kurzweil, 1999)

Segundo este postulado, o crescimento exponencial do progresso tecnológico deixa de ser linear ou flexionado, podendo ser representado através de uma curva de crescimento íngreme. Sendo um modelo de aceleração global do progresso dependente da taxa de inovação tecnológica, desencadeará num futuro muito próximo mudanças sociais que não imaginamos.

Moravec (2008) apresenta na tabela que se segue (tabela 1) as diferentes características entre os três paradigmas sociais. Assim, a sociedade agrária e pré-industrial deu lugar à sociedade industrial (do séc. XVIII ao séc. XX), apelidada de sociedade 1.0, que se caracterizava pelas organizações assentes nas estruturas familiares e hierárquicas e o paradigma educativo

⁹ A Teoria das Mudanças Aceleradas consultada em http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_das_mudan%C3%A7as_aceleradas, em 03-10-2013.

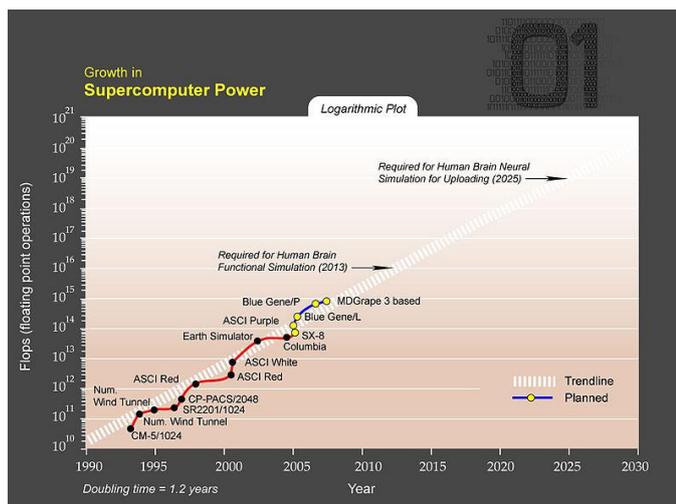


Ilustração 3 - Crescimento exponencial do poder do supercomputador (Kurzweil, 1999)

fomentava o “aprender fazendo”. Segue-se a sociedade 2.0, que se associa à sociedade do conhecimento (séc. XX) e que requer “trabalhadores do conhecimento” para uma “gestão do conhecimento” ou analistas simbólicos (Webster, 2004).

Tabela 1 - Os três paradigmas sociais segundo Moravec (2008)

	Paradigmas		
	1.0	2.0	3.0
Relaciones básicas	Simple	Complejas	Creativo-complejas (teleológicas)
Orden	Jerárquico	Heterárquico	Intencionado, autoorganizado
Relación entre las distintas partes	Mecánica	Holográfica	Sinérgica
Visión del mundo	Determinista	Indeterminada	Diseñada
Causalidad	Lineal	Mutua	Anticausal
Proceso de cambio	Conjunto	Morfogénico	Destrucción creativa
Realidad	Objetiva	Perspectivista	Contextual
Concepción del espacio	Local	Globalizador	Globalizado

No final do séc. XX e no limiar do séc. XXI, segundo Carneiro (2001), o *homo globatus* situa-se no caos. Isto é, o arquétipo da complexidade situa-se

entre a fronteira da ordem perfeita e da ordem total marcando o fim de um pensamento linear. A oposição entre as duas antigas culturas, a literária e a científica, antes separadas, por serem diferentes, por marcarem uma oposição entre uma cultura analítica e fragmentária, oriunda de séculos de racionalismo positivista, e uma cultura holística e integradora oriunda de milénios de sabedoria civilizacional, necessariamente se entrecruzam e passam a constituir um todo que se caracteriza pela complexidade, pela desordem total.

Da sociedade 1.0 até à sociedade 3.0, a perspectiva do mundo determinista, mecanicista e de ordem linear é progressivamente substituída por uma visão sinérgica e pouco linear, cuja realidade, dadas as transformações a ritmo célere e contínuo, é analisada contextualmente e a nível particular.

A sociedade 3.0 é um protoparadigma, um paradigma ainda em desenvolvimento, que representa uma sociedade em processo de construção, que não podemos descrever atualmente, mas sobre a qual devemos conjeturar. Segundo os autores, (Cobo & Moravec, 2011, p.11) é impulsionada por três agentes principais:

- Mudança social e tecnológica acelerada;
- Globalização constante e redistribuição horizontal do conhecimento e das relações;
- Sociedade da inovação impulsionada por *knowmads* (termo que explicaremos no capítulo a seguir)

Deste modo, o acelerado ritmo das transformações sociais e do progresso tecnológico tem um impacto enorme na educação, que tem de preparar os jovens para um futuro que transcende a nossa imaginação (Cobo & Moravec, 2011). Novas aprendizagens se formam, novas competências se exigem e a maioria delas não se obtêm na Escola, como veremos mais ao pormenor a seguir.

2.1.2. INVISIBLE LEARNING E OS KNOWMADS

"É um milagre que a curiosidade sobreviva à educação formal"

Albert Einstein

Revela-se a emergência de uma nova sociedade que implica necessariamente uma reflexão em torno da escola e dos seus objetivos. Os telejornais diários, a leitura de periódicos ou os sites mais noticiosos revelam que, apesar de a população deter cada vez mais habilitações literárias/ académicas e de o número de sujeitos com formação superior ter aumentado, a taxa de desemprego mantém-se com níveis altos no território português e os níveis de emigração de "mão-de-obra" especializada são cada vez maiores, ultrapassando os níveis de emigração dos anos 60. Assim como o setor terciário que antes representava um indicador económico positivo, de riqueza e de prestígio a nível regional e nacional, é desvalorizado, a classe média decresce para classe baixa, para uma classe desprovida de meios ou perspetivas.

Muito embora o ensino superior represente uma lufada de ar fresco para a entrada num mercado competitivo multinacional, Cobo e Moravec (2011, p. 19) afirmam que este não só falha na cobertura e na inclusão como também em aspetos como a pertinência, a eficácia, a flexibilidade e a inovação. Citando Schmidt (2010), docente da Universidade das Nações Unidas, que defende que os atuais modelos da educação superior estão em crise:

...los vectores del ecosistema actual convergen en la necesidad de pensar en modelos de aprendizaje continuos, en dosis concentradas y flexibles por antonomasia. Que no sólo promuevan la adquisición de contenidos, sino que también estimulen el desarrollo de competencias que respondan a las demandas del mundo actual. (p.19)

É sabido que o enquadramento sócio histórico de cada processo comunicacional desenvolveu uma ecologia comunicacional - interpessoal, elite, massa, individual e ambiente virtual - que reconfigurou o homem – *homo*

sapiens, loquens, pictor, comunicans, digitalis - e cada tipo de sociedade pelas tecnologias, pela reordenação das relações espaciais e temporais com o mundo e pela renovação das estruturas educativas – comunidade familiar, escola, escola paralela, autoeducação e comunidades de aprendizagem (Silva, 2005).

No âmbito da sociedade 2.0, observam-se os “analistas simbólicos”, aqueles cujo trabalho envolve a negociação, comunicação, gestão e atividades afins, na economia mundial (Webster, 2004). Na sociedade 3.0, assiste-se à promoção dos *knowmad*¹⁰, (Moravec, 2008) os nómadas do conhecimento e da inovação. Revelam-se inovadores, imaginativos, criativos, capazes de trabalhar com qualquer pessoa, em qualquer lugar e/ou momento. Os *knowmad* são valorizados pelo seu conhecimento pessoal, o que lhes confere uma vantagem competitiva relativamente aos outros trabalhadores. Outra grande característica é a versatilidade que demonstram, quer a nível de tarefas, quer a nível de localização. Revelam ainda uma grande capacidade em reconfigurar o seu trabalho e/ ou o seu espaço de trabalho. Dando lugar a trabalhos intensivos no âmbito do conhecimento e da inovação, a sociedade 3.0 é o lugar por excelência do *knowmad* (Cobo & Moravec, 2011).

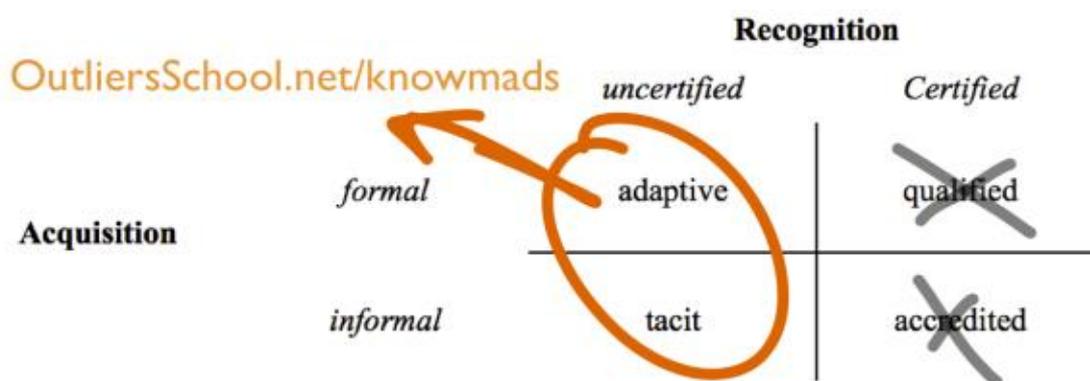


Ilustração 4 – *Knowmad* (COBO & MORAVEC, 2011)

¹⁰ Este é um neologismo criado por Moravec em que combina as palavras *know* (conhecer, saber) e *nomad* (nómada), dando conta do perfil de um sujeito como um nómada do conhecimento.

Esta revolução de tarefas e de relações sociais afeta a educação que não evolui para o paradigma 3.0. Cobo e Moravec (2011) afirmam que para refletir sobre como é possível aprender no séc. XXI, é necessário analisar:

...el papel que los avances tecnológicos juegan en la transformación de procesos de aprendizaje que van más allá de de las tradicionales distinciones entre educación formal, no formal e informal no parece clave en un momento como el actual. (Cobo & Moravec, Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación., 2011, p. 5)

Também os estudos desenvolvidos pelos maiores centros de investigação internacional, como a OCDE e o Banco Mundial, revelam “ a invisibilidade das tecnologias” nas aprendizagens¹¹. Apesar dos esforços de todas as políticas educativas em integrar as infraestruturas tecnológicas, desenvolver as competências tecnológicas e implementá-las no sistema educativo a fim de rentabilizá-lo e beneficiar os alunos¹², os efeitos destas últimas não foram perceptíveis¹³ pelas comissões de avaliação. Mais, por maior que tenha sido a

¹¹ Não pretendemos entrar no campo da discussão dos programas tecnológicos inseridos a nível nacional (a título de exemplo, o Projeto Minerva, o Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal, a Rede Ciência, Tecnologia e Sociedade (RCTS), eTwinning,...) que, até a nosso ver, constituíram medidas bastantes positivas no acesso de igualdade de oportunidades às TIC.

¹² A Comissão Europeia reconhece a importância das competências digitais a longo prazo na economia do conhecimento:

Para além disso, a iniciativa Agenda Digital para Europa define a promoção da literacia digital e das competências digitais como um dos principais pilares e promove a implementação de e-skills e políticas a nível da literacia digital, a longo prazo. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) asseguram uma variedade de ferramentas que podem abrir portas a novas realidades na sala de aula (...) como também dar aos alunos as competências digitais essenciais necessárias na nossa economia do conhecimento. (European Commission, 2008, p. 5).

¹³ Após diversos estudos realizados, a Comissão Europeia emitiu um documento em que reconhece a falta de efetividade das TIC na educação e a necessidade de estudar de que forma devem ser utilizadas em contexto escolar:

No entanto, a solução para uma utilização efetiva das TIC na educação não é a tecnologia em si. A maioria dos países Europeus realizou investimentos significativos nos últimos anos com o objetivo de assegurar o acesso universal as TIC, com um sucesso considerável. O foco das políticas atuais nesta área deve agora ser alterado para o avanço da nossa compreensão no que respeita a forma como as novas tecnologias são e podem ser melhor utilizadas em meio

prioridade das TIC nos campos da educação e formação na maioria dos países na última década, o rendimento ou desempenho escolar não se revelou na mesma proporção (European Commission, 2008). É sabido que as competências digitais, ou *e-skills*, desempenham um papel estratégico na formação de estudantes e profissionais do século XXI. Do ponto de vista europeu, essas habilidades estão presentes, como uma das oito competências¹⁴ essenciais referidas no programa de Educação e Formação Europeu de 2020 (Conselho da União Europeia de 2009) relevantes tanto no plano da educação como no mundo do trabalho. Também segundo o Livro Verde (1997):

Os jovens em idade escolar devem beneficiar do acesso à informação disponível nas redes digitais e dos poderosos instrumentos da sociedade da informação para processamento de texto, imagem e som, nomeadamente através de aplicações multimédia, jogos e aplicações interativas, que combinam o entretenimento com a aprendizagem, o lazer com o desenvolvimento de capacidades mentais e de melhoria de reflexos, a imaginação com a partilha de experiências com outros grupos de interesses similares espalhados pelo mundo, o trabalho individual com a interatividade sem fronteiras e a criatividade com as ferramentas para a sua concretização em realidade virtual. (pag. 11)

Castells (2005) já chamava a atenção para o facto de que dotar as escolas de internet e computadores, não era suficiente para haver alterações sociais, tornava-se necessário conhecer os constrangimentos e possibilidades destas tecnologias. Um trabalho organizado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE, 2010), baseado no PISA 2006¹⁵ com estudos realizados nos países escandinavos, evidencia estratégias transversais na educação como a invisibilização das tecnologias, o

escolar, por forma a apoiar o processo de aprendizagem, e quais são as barreiras a essa rentabilização. (European Commission, 2008, p. 5).

¹⁴ Relembramos as oito competências: A comunicação na língua materna; comunicação em línguas estrangeira; Matemática e habilidades científicas; competências digitais; Competências de aprender a aprender, sociais e cívicas, espírito de iniciativa e Empreendedorismo e Consciência Cultural (Comissão Europeia, 2007).

¹⁵ Pisa ou Programa de Avaliação Internacional dos Alunos de 2009 é uma prova realizada a nível educativo que visa avaliar o rendimento educativo dos alunos nos diferentes países do mundo.

desenvolvimento das competências digitais, as políticas educativas desde o local ao nacional, a aprendizagem a 360º e a inovação sistemática. Evidenciava ainda duas brechas digitais: quanto maior fosse a frequência de uso do computador em casa, maior seria o rendimento das provas; constituía um fator determinante o acesso ao computador, o que contribuía para a literacia digital e distinguia o aluno que tinha computador daquele que não tinha. A compreensão do fenómeno da exclusão digital refere-se ao desigual acesso às tecnologias de informação e comunicação e à desigual capacitação do utilizador para extrair o melhor proveito das potencialidades oferecidas a partir dela. Afinal, o desenvolvimento das competências em ambientes digitais prendia-se ao capital económico, social e cultural dos estudantes.

O desafio da Educação digital revela-se necessário mas apenas pode ser estimulado pela experiência prática. Além de conhecer a funcionalidade de um instrumento de software ou dispositivo, o sujeito deve ser capaz de aplicar o pensamento para resolver problemas complexos de várias maneiras. Ou seja, as tecnologias, embora invisíveis, devem ser atrativas, fáceis de conectar e de disseminar o conhecimento criado. Na maioria dos casos, as competências inerentes ao ambiente digital são aprendidas quando desempenhamos atividades que vão além do simples facto de usar uma tecnologia particular. A aprendizagem em geral, e das competências digitais, em particular acontece quando estamos a fazer "outras coisas" (Vox, 2008). Isto explica por que tantas competências digitais são adquiridas em ambientes de socialização informal e por isso não de forma induzida. Observa-se que a aprendizagem é um processo contínuo em que o desenvolvimento do potencial humano se realiza estimulando o sujeito a adquirir de forma constante conhecimentos, valores e habilidades precisas ao longo da vida, o que se designa por aprendizagem ao longo da vida (Longworth y Davies, 1996, p. 22). Este conceito de aprendizagem indica ainda que a educação é um processo contínuo, que se encontra presente de forma transversal ao longo da vida tanto na escola como no trabalho, tanto nas instituições de educação formal como nas de não formal (CEDEFOP, 2008).

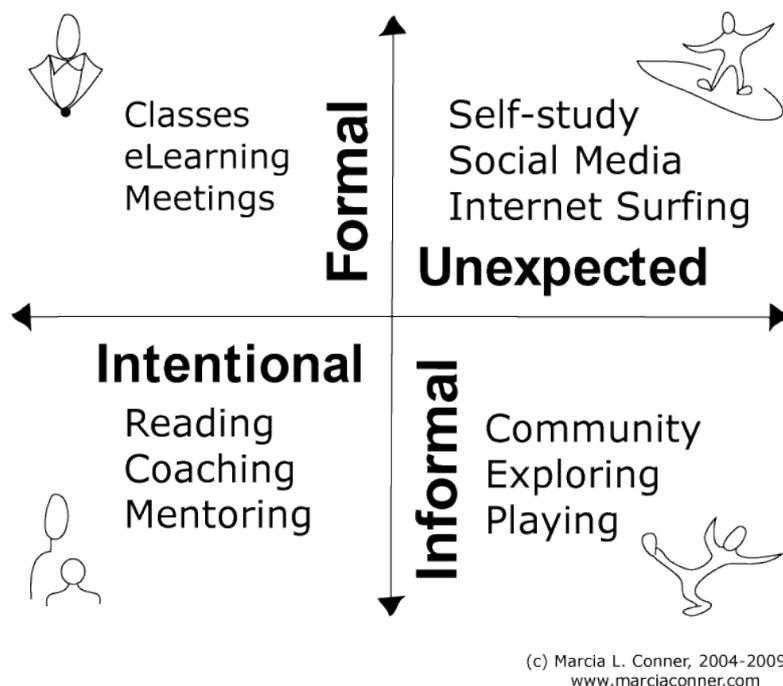
Convirá lembrar os diferentes tipos de educação. Por educação formal, entende-se todas as práticas pedagógicas levadas a cabo por instituições escolares e académicas, com uma estrutura hierárquica, organizada cronologicamente. A educação informal é o conjunto de todas as aprendizagens adquiridas e desenvolvidas nos contextos pessoais e sociais, fora das instituições e sem seguir objetivos educativos. Quanto à educação não formal, embora tenha objetivos de aprendizagem, acontece no exterior das instituições formais, não tem uma hierarquia rígida, nem uma estrutura cronológica estática.

Com o conceito de aprendizagem ao longo da vida, aprendizagem permanente ou *lifelong learning*, os contextos informais e não formais são valorizados como novas possibilidades de aprendizagem. As comunidades *online*, centradas em interesses e partilha de conhecimentos, recursos e aprendizagens comuns, adquirem uma importância crescente nos últimos anos. Cada vez mais, os ambientes pessoais de aprendizagem e os portefólios individuais ganham reconhecimento académico e institucional. A aprendizagem ao longo da vida ganha novo espaço e reconhecimento com a aprendizagem informal: "(...) lifelong learning means all general education, vocational education and training, non-formal education and informal learning undertaken throughout life, resulting in an improvement in knowledge, skills and competences within a personal, civic, social and/or employment-related" (Pinto, 2005). No entanto, por muito que se tente distinguir os conceitos de aprendizagem, o desenrolar da vida revela-nos que se encontram emaranhados e que dificilmente se diferenciam. Conner (2009)¹⁶ desenvolveu um gráfico em que tentou associar os diferentes tipos de aprendizagem a diferentes tipos de atividade. Acrescenta mais dois tipos de aprendizagem: a aprendizagem intencional e a aprendizagem accidental, a primeira ocorre quando um sujeito pretende aprender, a segunda, não planificada, ocorre diariamente. O seguinte gráfico (gráfico 1) permite-nos observar que estas dimensões combinam-se entre si - a título de exemplo, a aprendizagem formal-

¹⁶ As diferentes aprendizagens segundo Conner, consultado em <http://marciaconner.com/resources/informal-learning>, em 28-09-2013

acidental na elaboração de um trabalho de investigação, a aprendizagem informal intencional quando visualizamos um vídeo no YouTube para aprender uma técnica de cozinha.

Gráfico 1- As aprendizagens segundo Marcia Conner

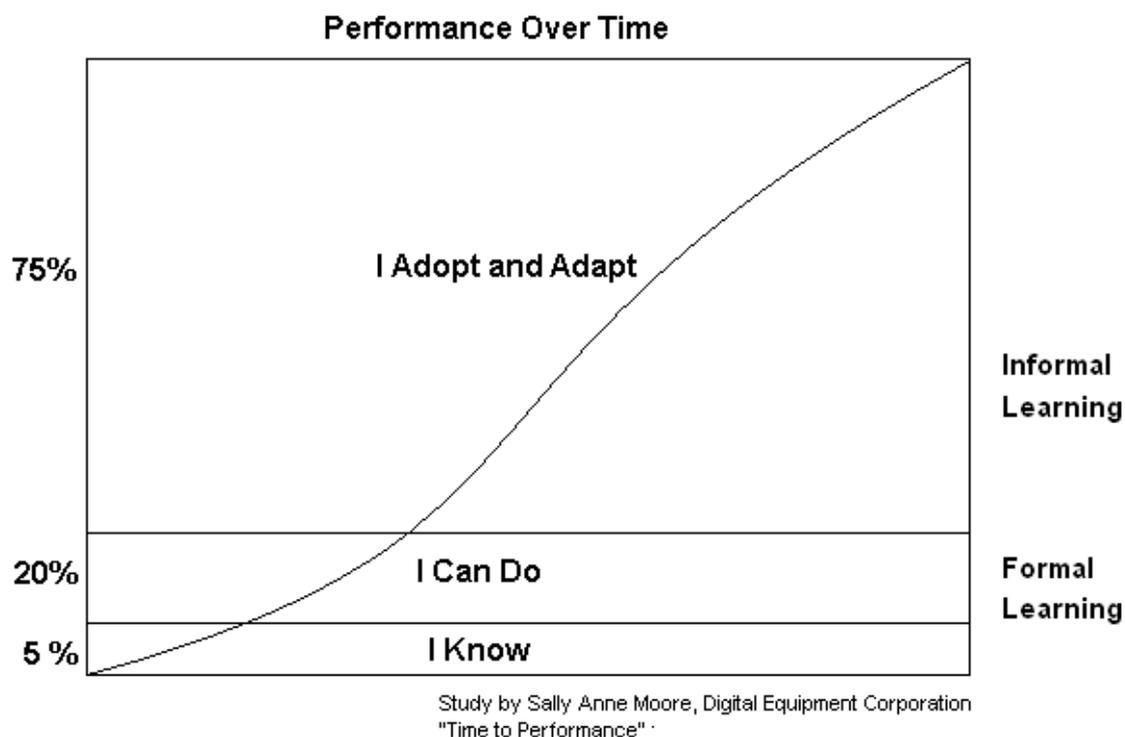


A aprendizagem informal constitui ainda um foco de interesse nas diversas investigações realizadas porque é um tipo de aprendizagem que resulta invisível na educação formal. Muitos têm sido os estudos e as experiências em torno da aprendizagem informal que analisam o papel das TIC. Parece que as tecnologias digitais incidem de forma silenciosa e são difíceis de detetar, mas atuam de forma significativa (OCDE, 2010). A experiência indica que grande parte da aprendizagem para o desempenho é informal¹⁷ (The Institute for Research on Learning, 2000). Mais, um estudo realizado por Sally Anne Moore na Digital Equipment Corporation no início de anos 90¹⁸, revela graficamente essa disparidade entre o uso da aprendizagem formal e o da aprendizagem informal (gráfico 2). Mais de dois terços das nossas competências foram adquiridos em contextos de aprendizagem informal.

¹⁷ The Institute for Research on Learning, 2000, Menlo Park

¹⁸ Moore, Sally-Ann, "Time -to -Learning", Digital Equipment Corporation, 1998

Gráfico 2- A aprendizagem formal e a aprendizagem informal



A análise do papel das novas tecnologias na transformação dos processos de aprendizagem permite-nos explorar padrões de aprendizagem mais flexíveis, inovadores e criativos que transcendem as restrições temporais, espaciais e conceptuais da aprendizagem formal e informal. À amplificação das dimensões temporais e espaciais do processo de aprendizagem, Cobo e Moravec designam de "ubiquidade do processo de aprendizagem" (Cobo & Moravec, 2011). Já Maria João Gomes, quando aponta para a novidade do sistema e-learning, designa-o de "extensão virtual da sala de aula presencial" (2005)¹⁹ e explica o termo:

Mais recentemente, com a progressiva expansão da Internet e do *WWW*, com a melhoria das condições gerais de acessibilidade à Internet, com o surgimento de software de fácil utilização capaz de criar e editar páginas para a web, bem como com a expansão de serviços de comunicação em rede como o correio electrónico, os fóruns de discussão ou os *instant messengers*, um novo domínio de utilização das TIC na educação se tem vindo a afirmar" (Gomes, 2005, p. 230)

Com a nova era WWW e o crescente uso das TIC, os espaços de aprendizagem ampliaram-se, o que levou a grandes alterações tanto nos espaços de educação formal como na educação não formal e na educação informal, o que nos obriga a repensar os limites da educação e a valorizar novos processos de aprendizagem informal, como as comunidades de aprendizagem, a aprendizagem entre pares e as comunidades *peer-based learning* que permitem aprender em qualquer momento e em qualquer lugar, a fim de gerar um *continuum* de experiências e interações (Dewey, 1938).

Cobo e Moravec valorizam a aprendizagem informal e a aprendizagem não-formal como um precioso contributo para o conceito do *Invisible Learning* ou *aprendizaje invisible* presente nas práticas de aquisição e transferência de conhecimentos tácitos, nas *soft skills*²⁰ e nas chamadas “competências para o séc. XXI”.

Gráfico 3 – *INVISIBLE LEARNING* SEGUNDO COBO & MORAVEC (2011)

Invisible Learning Facts			
Serving Size 1 Learner (80.5 kg)			
Calories 0		Calories from Fat 0	
% Life Value*			
Total Learning		83.33%	
Non-formal Learning		100%	
Informal Learning		100%	
Imagination	100%	Innovation	100%
Creativity	100%	Passion	120%

*Percent Life Values are based on a full lifespan. Your life values may be higher or lower depending on your interests and dreams.

Relembrem ainda diferentes propostas que se afastam do panorama educativo tradicional. Uma das sugestões é a educação expandida que implica uma nova cultura digital, que inclui todos os processos sociais e

²⁰ *soft skills, social skills ou people skills* - designam as competências sociais que se desenvolvem com as experiências do sujeito em interação com os outros (Wagner, 2008)

comunicacionais provocados pela Internet. No entanto, estes não fazem parte dos sistemas educativos convencionais como nos demonstra Freire:

[De] la aplicación que a comienzos de los años setenta Gene Youngblood hacía del término *expanded* al ámbito de la creación audiovisual, se propone ahora una aproximación a aquellas prácticas que, a pesar de su diversa procedencia y naturaleza, tienen en común la aspiración de desarrollar, extender y difundir nuevas formas de producción, comunicación y adquisición del conocimiento, en y desde el ámbito de la educación (Zemos 98 y Freire, 2010).

“A educação expandida” é apresentada como um movimento pelo professor Freire e pela Zemos 2008²¹ através de diversos projetos, artísticos, científicos, sociais e educativos, e demonstra que as instituições especializadas na formação de sujeitos não podem perder de vista as transformações tecnológicas.

Outro conceito de aprendizagem, bastante próximo do anterior é o de *Edupunk*. É um neologismo inglês que designa uma ideologia de ensino e aprendizagem decorrente de práticas inventivas que resultam da atitude “faça você mesmo” (*DIY* ou *Do it yourself*). Este método define-se como uma abordagem de ensino que evita ferramentas tradicionais como o PowerPoint e o quadro preto, e em vez disso pretende trazer à sala de aula a atitude rebelde e o D.I.Y. próprio das bandas dos anos 70, como *The Clash*²². Muitas aplicações de instrução podem ser descritas como DIY educação ou *Edupunk*. Utilizado pela primeira vez em 2008 por Jim Groom no seu blogue, uma semana depois o conceito de *Edupunk* tinha-se espalhado muito rapidamente pela Internet.

Baseada em ideologias muito próximas das dos punks, pensa-se que tenha nascido por oposição aos esforços do governo e de negócios em comercializar a educação através das novas tecnologias e como forma de

²¹ ZEMOS98 é uma equipa de pesquisa interessada em desenvolver projetos multidisciplinares de forma contínua, aberta e colaborativa. Formada desde o Festival ZEMOS98 International, em Sevilha, no Centro Cultural das Artes, o âmbito da investigação situa-se no campo da criação cultural e das novas tecnologias com projetos para produções audiovisuais, através de exposições, oficinas, reuniões ou o desenvolvimento de *web sites*. Baseia-se na educação expandida como um sistema contínuo que se rege por princípios como a reciclagem, a colaboração e a importância do erro.

²² O conceito de *edupunk* consultado em <https://en.wikipedia.org/wiki/Edupunk>, em 20-10-2013.

promover a filosofia DIY e na autoaprendizagem (pensar e aprender por si mesmo). São bastantes os seus seguidores. Um exemplo de um projeto Edupunk foi a criação de artigos na Wikipédia sobre literatura latino-americana durante a primavera 2008 por Jon Beasley-Murray na Universidade de British Columbia. Outro exemplo é o “Manifesto Edupunk” (2010)²³.

Em resposta ao termo *Edupunk*, surge o *Edupop*, que acredita no sujeito e na tecnologia e que, por isso, confia nesta última como inestimável ferramenta na criação do futuro. Se estamos num mundo conectado, a tecnologia deve ser livre e compartilhada entre todos. Também com um manifesto, “o Manifesto Edupop”²⁴, alguns dos seus lemas são:

- Vivimos en un mundo conectivo donde la cultura y el conocimiento están en todas partes y los individuos deben ser libres de hacer lo que quieran en él;
- Lo importante es conectar, no construir;
- El remixado de contenidos es la actividad más antigua del mundo.

Outro conceito é o da aprendizagem serendípico-acidental-incidental que reúne três conceitos - aprendizagem serendípico, aprendizagem acidental e aprendizagem incidental – pelas semelhanças na abordagem. O primeiro caracteriza-se por uma aprendizagem que não se baseia tanto no resultado mas mais no processo, ao referir-se àquilo que acontece causalmente e ao valorizar os alunos de uma instituição pelo seu potencial inovador e criativo. O segundo conceito já foi explicado anteriormente e é relativo a quando um sujeito assimila durante as atividades diárias (Conner, 2009). Quanto ao último conceito, refere-se a toda a aprendizagem que não foi planificada e que decorre de várias formas: observação, repetição, interação social e resolução de problemas. Como é difícil de medir, não é facilmente identificada.

Finalmente, a última proposta é a aprendizagem ubíqua que apenas é possível através dos novos meios digitais e que lança um novo paradigma educativo. Com as novas tecnologias, qualquer pessoa, em qualquer lugar,

²³ O conceito de *edupunk* consultado em <http://www.edupunkmanifesto.org>, em 21-10-2013.

²⁴ O conceito de *edupop* consultado em <http://www.nodosele.com/edup>, em 21-10-2013.

pode produzir e difundir informação. Esta noção do fluir virtual e do hiperespaço que transcende os limites espaciais e temporais aparece como ubíqua. Neste sentido, os professores devem adquirir bastantes destrezas com a finalidade de construir comunidades de aprendizagem inclusivas, que permitam a cada estudante dar o seu melhor.

Os limites entre a educação formal e informal são repensados a par de novas possibilidades de ensino como a autoaprendizagem, a exploração e a experimentação, que o uso das novas tecnologias “in loco” permite. Com o objetivo de formar uma força laboral multicompetente que facilmente se converta num capital de alto valor estratégico na era do conhecimento, torna-se fundamental estreitar a relação entre o mundo da educação e o do trabalho, a fim de reconfigurar estratégias que respondam aos desafios de uma “economia de talentos”. É neste sentido que os autores (Cobo & Moravec, 2011) introduzem o conceito de *aprendizaje invisible* ou *invisible learning*, a visão de uma aprendizagem que procura incluir as experiências e as estratégias adquiridas em diversos contextos, sendo o resultado de diferentes processos de aprendizagem, formais e não formais, informais ou serendípicos. Mas mais importante será notar que *el aprendizaje invisible* procura dar maior relevo e visibilidade a certas práticas de aquisição de saberes e a certas habilidades não institucionalizadas, algumas que não são necessariamente conscientes (Cobo & Moravec, 2011).

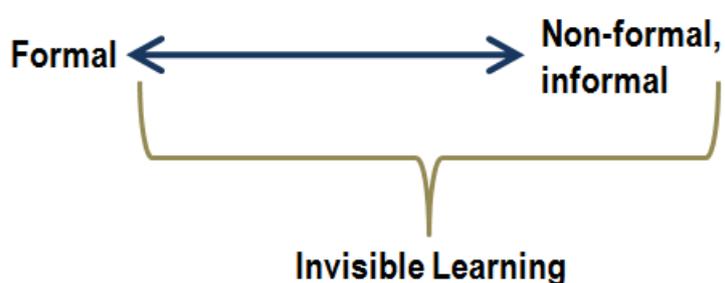


Ilustração 5 – Os limites da educação formal e não formal no conceito de *invisible learning* (COBO & MORAVEC, 2011)

Cobo e Moravec referem ainda que a expressão de *Invisible learning* ou *Aprendizaje Invisible* gira em redor de pontos como:

Compartir experiencias y perspectivas innovadoras, orientadas y repensar estrategias para aprender y desaprender continuamente; promover el pensamiento crítico frente al papel de la educación formal, informal y no formal en todos los niveles educativos; y, finalmente, contribuir a la creación de un proceso de aprendizaje sostenible (y permanente), innovando y diseñando nuevas culturas para una sociedad global (Cobo & Moravec, Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación., 2011, pp. 11-12).

Em síntese, os cinco postulados expostos são:

- 1) As competências não evidentes resultam invisíveis em contextos formais.
- 2) As TIC tornam-se invisíveis.
- 3) As competências adquiridas em contextos informais são invisíveis.
- 4) As competências digitais resultam invisíveis.
- 5) Há certas práticas empregadas na escola/universidade que devem invisibilizar-se.

A formulação destes postulados pressupõe imensas críticas ao sistema de ensino. A primeira é a necessidade de reestruturação dos sistemas de educação para atender às necessidades da sociedade moderna e do futuro. Uma segunda crítica é a valorização da aprendizagem em espaços formais, espaços que não se prendem com a experiência profissional. Outra é a sobrevalorização da avaliação. Esta é outra advertência por parte dos autores, a necessidade de superar o culto da medição dos resultados. Deve-se enfatizar o como aprender e não o que aprender. No paradigma da aprendizagem invisível, a memorização fragmentada e "a aprendizagem preventiva" são substituídas por um tipo de aprendizagem que visa ser significativa para todos os envolvidos na experiência educacional, cultivando o pensamento sintético e criativo. Pretende-se ainda pôr em prática a aprendizagem - tornar visível o invisível - e repensar as habilidades humanísticas (*liberal skills*) como as tecnologias pessoais e sociais, as competências do séc. XXI (Cobo & Moravec, 2011).

Como vimos, as aceleradas mudanças sociais e tecnológicas exigem que nos preparemos para um futuro para o qual nunca sonhamos. Assim, nas

escolas 1.0 não se podem ensinar alunos 3.0. A tecnologia é vista como um instrumento pragmático que visa melhorar a própria experiência humana. Não é usada para reproduzir os tradicionais modelos. A educação tem de ser repensada embora a história nos revele como é difícil ser inovador na educação.

2.1.3. NOVA SOCIEDADE – NOVA ESCOLA

"Traditional ways of organizing education need to be reinforced by innovative methods, if the fundamental right of all people to learning is to be realized."

John Daniel (Diretor Geral Assistente para a Educação) Unesco, 2002

No dia em que morreu Mandela, imensas foram as homenagens prestadas nos media ao grande estadista da África Sul. Uma minha amiga facebookiana, de outra geração e professora do primeiro ciclo, pedia desculpas pela não-homenagem e pela sua ignorância, alegando que a História ensinada na Escola não lhe permitia reconhecer valor ao grande sul-africano. Ao ler este comentário bastante genuíno, não consegui deixar de rir. De seguida, pensei uma aluna 2.0 numa sociedade 3.0. Este pequeno episódio apenas comprovava que atualmente o saber divulgado na escola não era suficiente e que, de facto, todo e qualquer canal de informação deveria ser aproveitado e que, assim como foram os media, os jornais e a TV, se revelavam importantes as redes sociais e que o uso destas determinavam uma nova sociedade e, por conseguinte, o ressurgimento de uma nova escola.

Como já foi referido, esta revolução de tarefas e de relações sociais afeta a educação que não evoluiu para o paradigma 3.0. visto que a escola continua a seguir o paradigma industrial e os modelos pedagógicos bancários (Freire, 1968). O legado da educação da sociedade 1.0 conduziu ao modelo de escolaridade obrigatória protagonizado por Frederico II da Prússia, e passou a prevalecer no mundo ocidental, para formar obreiros e funcionários do Estado. Este modelo não se justifica no âmbito de uma sociedade global, que se baseia na inovação e no conhecimento.



Ilustração 6 – Os princípios do *knowmad* (COBO & MORAVEC, 2011)

Embora a educação formal incorpore práticas da educação informal e não-formal, torna-se necessária uma visão da educação a três dimensões (3D) e de 360°, uma aprendizagem 7/ 24 que foque aprendizagens que transcendam os limites temporais e espaciais (Cobo & Moravec, 2011). A sociedade em rede caracteriza-se pela não-existência de barreiras de espaço e tempo, pela globalização das atividades económicas e pela individualização do trabalho através de ligações estabelecidas entre os elementos de diversas redes relativamente à família, às opções políticas, ao trabalho, ao país, etc. Estes pontos da rede, a que chamamos de “nós”, estabelecem relações entre si para trocarem informações, trabalham para um objetivo comum trocando informações e experiências. O crescimento diário das redes, das quais todos nós fazemos parte, impulsionado pelos avanços tecnológicos, fomentou não só

o aparecimento de novas oportunidades na área dos negócios e no da educação, como também o de novos perigos, modificando a nossa capacidade de comunicação, a forma como nos relacionamos e até como pensamos. Estamos perante mudanças profundas nas nossas vidas em termos de comunicação, cultura, economia, política, nas relações entre as pessoas e, principalmente, a nível profissional, em que temos de ser “nós” ativos e autónomos da rede pois será através deles que a empresa se tornará inovadora e produtiva. Como a escola é uma parte integrante destas redes, também terá que se adaptar a esta realidade, alterando currículos, revendo pedagogias e incluindo tecnologias nos processos.

Neste sentido, as competências para a globalização e para a inovação, para a dita sociedade 3.0, implicam o desenvolvimento não só de capacidades pessoais (*soft skills*), como de outras que possibilitem a ação e a aplicação do conhecimento (inovação). Se bem que as TIC tenham representado por vezes nada mais do que o postulado de uma falsa inovação, ao superar o acesso à Internet e à informática, o desafio atual situa-se entre a literacia digital e a transdisciplinariedade “eco-info-bio-nano-cogno”, desafio que contribui para a inclusão e reforça aspetos como a eficácia, a flexibilidade e a inovação (Cobo & Moravec, 2011). Consideram que as novas tecnologias, tal como a televisão em tempos, geram impactos mas que a educação tradicional teima em ignorar (Cobo & Moravec, 2011).

Relativamente ao contributo das TIC, Castells (2005) afirmava que “a tecnologia é condição necessária mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspetos da atividade na base das redes de comunicação digital” (p. 17). A tecnologia é um veículo privilegiado na construção de uma sociedade mas as sociedades mediante os seus interesses e valores é que potenciam a evolução das tecnologias.

Bento Silva (2005) apelou a uma atitude de maioria que reconheça o contributo do TIC para o redimensionamento hipertextual, interativo e plural dos processos de ensino e aprendizagem e das estruturas educativas através das comunidades de aprendizagem, que proporcionou o aparecimento de redes

em que se desenvolvem atos de comunicação onde o mundo privado da experiência pessoal daqueles que o praticam é projetado no interior do mundo interpessoal e grupal das interações. A manifestação de redes colaborativas virtuais e o potencial do ambiente tecnológico reequacionou o papel do professor, do aluno, da comunidade e da escola.

No contexto da educação formal, as escolas e a sala de aula deixaram de estar circunscritas ao espaço físico e às limitações presenciais, não sendo necessário que professores e alunos partilhem o mesmo espaço à mesma hora para que o diálogo educativo aconteça (Castells, 2003). Apesar do espaço físico continuar a existir, existe uma extensão da sala de aula (Gomes, 2005), um hiperespaço virtual que cria novos ambientes, relações e dinâmicas de aprendizagem. O novo hiperespaço educativo, no âmbito da educação formal, exige novos métodos e novas competências aos professores e uma nova organização curricular.

Na tabela 2, podemos observar os 3 paradigmas da educação integrados nos diferentes tipos de sociedade. Verificamos mais uma vez que todo o sistema de ensino e em especial as escolas estão perante um novo paradigma, o professor deixa de ser um transmissor de informação e reconverte-se num mediador da aprendizagem. Também os locais de aprendizagem serão diversificados, sustentados na rede global e neste sentido, a escola deve estar atenta ao desenvolvimento destes novos contextos. Assim, é da responsabilidade da escola o desenvolvimento destes novos valores de conhecimento e criatividade numa sociedade globalizada.

A escola deve promover os talentos, o empreendedorismo dos alunos, tornando-os investigadores, criativos e com capacidade para resolver problemas – os *knowmads*. É também imprescindível a remodelação dos currículos, a flexibilização e a adaptação às reais necessidades de cada escola.

Tabela 2 – Os três paradigmas da educação (COBO & MORAVEC, 2011)

	Education 1.0	Education 2.0	Education 3.0
Meaning is...	Dictated	Socially constructed	Socially constructed and contextually reinvented
Technology is...	Confiscated at the classroom door (digital refugees)	Cautiously adopted (digital immigrants)	Everywhere (ambient, digital universe)
Teaching is done ...	Teacher to student	Teacher to student and student to student (progressivism)	Teacher to student, student to student, student to teacher, people-technology-people (co-constructivism)
Schools are located...	In a building (brick)	In a building or online (brick and click)	Everywhere (thoroughly infused into society: cafes, bowling alleys, bars, workplaces, etc.)
Parents view schools as...	Daycare	Daycare	A place for them to learn, too
Teachers are...	Licensed professionals	Licensed professionals	Everybody, everywhere
Hardware and software in schools...	Are purchased at great cost and ignored	Are open source and available at lower cost	Are available at low cost and are used purposively
Industry views graduates as...	Assembly line workers	As ill-prepared assembly line workers in a knowledge economy	As co-workers or entrepreneurs

A educação 3.0 apela para um paradigma mais complexo, socialmente reconstruído e em permanente reconstrução, que vai ao encontro das teorias construtivistas do ensino, mais precisamente, às teorias de Piaget e de Vygotsky com o (socioconstrutivismo), a construção do conhecimento realiza-se pela interação dos sujeitos com o mundo e com outros sujeitos. Já Dewey afirmava que as experiências de aprendizagem se construíam através dos princípios da “continuidade” e da interação permitindo gerar um *continuum* de experiências enriquecidas com interações em diferentes contextos.

Em grupo, a estruturação do conhecimento processa-se mais facilmente e com êxito, por conseguinte, a interação entre pares é mais facilitadora de aprendizagem. Numerosos estudos foram feitos neste sentido e comprovam as perspectivas de aprendizagem de Piaget e Vygostky (Palincsar, 1998) em que as interações sociais que podem levar a níveis mais elevados de pensamento e

aprendizagem, respetivamente ao conflito sociocognitivo (Piaget) e à dupla formação dos processos psicológicos superiores e a zona desenvolvimento próximo (Vygotsky).

Deste modo, *Invisible learning* e os seus postulados aproximam-se assim em grande medida dos princípios e pressupostos enunciados nas teorias socioconstrutivistas na estrutura do conhecimento (Woolfok, 2007) que recomendam: ambientes de aprendizagem complexos e com tarefas próximas da vida real; interação e negociação social através de processos colaborativos; confronto de múltiplas perspetivas; compreensão do processo de construção do conhecimento; consciencialização por parte dos alunos do seu papel na construção do conhecimento e da forma como diferentes experiências podem dar origem a diferentes formas de conhecimento, num processo eminentemente social; apropriação por parte do aluno do seu próprio processo de aprendizagem, colocando-o no centro do processo. Revelam-se necessários não só as práticas de educação informal e não formal como também esquemas mais flexíveis e inovadores de aprendizagem em contextos de vida prática e de interação. Terá sido neste sentido que o Projeto educativo da União Europeia para 2020 definiu como seu principal objetivo a aquisição de competências e conhecimentos em contextos formais e informais.

Um tempo em constante transformação e a capacidade de criar novos futuros para a educação ditam a necessidade de utilizar ferramentas e métodos digitais como as redes sociais. Para uma revolução do ensino no ensino, sem nunca perder os quatro pilares fundamentais essenciais para a educação - a aprendizagem deve apoiar-se em aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (Delors, L. et al.,1997). Outros autores (Veen e Jacobs, 2005) apontam ainda como princípios gerais para a educação de futuro, para além da vontade política: confiança, o professor precisa de ter confiança em que o aluno vai aprender; relevância, adequabilidade dos conteúdos lecionados à vida dos alunos; talento, realçar as aptidões dos alunos em detrimento das suas dificuldades; desafio, através dos talentos promover a relação do aluno com o meio; imersão, uso de ambientes virtuais imersivos promovendo as descobertas; paixão, este princípio relaciona-se com os

anteriores, isto é, se os alunos gostarem do que fazem estabelecem laços mais fortes; e autorregulação, responsabilização mútua no processo de aprendizagem.

Com o massificado uso da internet e a consequente formação de comunidades virtuais ou sociedade em rede, abre-se a era da democratização do diálogo e do trabalho colaborativo que deve reportar-se para a educação. Os pedagogos devem entender as redes sociais para saberem como atuar para rentabilizar o potencial destas ferramentas a nível escolar. Deste modo, pese embora à sociedade esta nova forma dominante de sociabilidade, representativa do triunfo do indivíduo, estas leituras permitem-nos ter a perceção de um novo modelo comunicacional e social que perspectiva o redimensionamento das estruturas educativas e a valorização das ferramentas ao nosso dispor.

2.2.1. AS REDES SOCIAIS

Como foi observado anteriormente, a nossa sociedade desenvolve-se a par das novas tecnologias. O crescente uso das TIC e a massificação da Internet (Lini, 2010) alterou os modelos de comunicação.

Na década de 70, Vint Cerf criou os protocolos TCP/IP, a base de ligação à Internet, muito provavelmente sem nunca imaginar o impacto que teriam no mundo e na comunicação²⁵. Criada com objetivos militares, a Internet evoluiu deste âmbito para o académico até ser divulgado nos anos 90 o projeto World Wide Web. Ao longo destas décadas, não só a Internet sofreu mudanças assim como os modelos de comunicação (Obercom 2010) foram diversificados, as distâncias encurtadas, o que lhe conferiu um papel fulcral na disponibilização da informação e nas relações. A nível da comunicação, temos oportunidade de enviar mails para uma só pessoa, duas, três, dezenas ou centenas ou de comunicar com várias em simultâneo seja através de texto, som, imagem, como se pode ver nos chats. Podemos partilhar documentos, afetos, músicas,

²⁵ A propósito da Internet, consultado em http://fr.wikipedia.org/wiki/Vint_Cerf, em 29-10-2012

filmes, através de plataformas. Podemos editar as nossas opiniões, os nossos textos, as nossas imagens e difundi-los anonimamente pelo mundo, receber comentários através de blogues ou de um determinado grupo nas redes sociais (RS).

Assim, a emergência das RS na Internet tem alimentado um novo modelo de organização social que Castells (2005) designa por “sociedade em rede”, assente numa interligação geral e na comunicação de todos para todos (Levy, 2005). Torna-se um meio de comunicação interativo, mediado pelas relações da comunidade, que partilha, discute e se aproxima por meio das redes sociais. Os utilizadores trocam experiências, contam e criam histórias em conjunto, dependendo da sua motivação.

Com base na Teoria de Redes, nasce a definição de rede social assente na análise das relações sociais. Define-se por rede social um conjunto de nós que estabelece ligações entre pessoas, podendo ser estas relações mais ou menos fortes (Barnes, 1972)²⁶.

Com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e da Web 2.0, as relações entre utilizadores são reforçadas com a partilha de informação e produção colaborativa via *online*. Como afirmam Trusov, Bodapati, e Bucklin (2010, p. 3), “o núcleo de uma RS na Web é uma coleção de perfis de utilizadores, onde os membros registados podem colocar as informações que desejam partilhar com os outros”. Assim, as redes sociais possibilitam uma partilha e troca de informação, de preferências e interesses da comunidade (Miller et al., 2009).

De acordo com Duarte, Quandt e Souza (2008):

Uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes é a sua abertura e porosidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. (p.34)

²⁶ Nesta parte, o conceito de rede social distingue-se do habitual, que designa uma plataforma de suporte, apontando para um conjunto de nós que estabelece ligações entre as pessoas.

Como serviços alojados na Web, Boyd e Ellison (2007) definem as redes dentro de um sistema limitado que permite aos utilizadores, construir um perfil público ou semipúblico, possuir uma lista de outros utilizadores a quem estão ligados e ver a sua lista de contactos. Neste processo de ligação a outros, sugerem ainda a existência de ligações bidirecionais e unidirecionais, exigindo as primeiras a confirmação de ambos e as segundas a adesão de apenas um deles, sem precisar que a outra parte confirme.

Analisando diversos estudos, Castells (2005) demonstrou ainda que, com este suporte tecnológico, a reprojecção das relações espaço-temporais cria novos padrões de interação social, que designa de relações terciárias, e que se caracterizam pela privatização da sociabilidade²⁷ ou ainda pelo individualismo em rede, o que perspetiva um novo modelo comunicacional.

No início dos anos 90, com a disseminação de *World Wide Web* por Tim Bernes Lee, o mundo mudou definitivamente. É nesta época que surgem as empresas mais conhecidas da Web: Yahoo (1995), Amazon (1995) e Google (1998), possibilitando o acesso a uma multiplicidade de serviços disponíveis via Internet. Em pouco mais de uma dúzia de anos, os seus utilizadores passaram de 16 a 1650 milhões de utilizadores (Internet World Stats, 2010a).

Embora a versão inicial da Web, comumente designada por Web 1.0, se caracterizasse pela disponibilização de grande quantidade de informação de forma estática e pouca interativa, (Cormode e Krishnamurthy, 2008), a Web 2.0 distingue-se da Web 1.0 pelo novo conceito de Internet introduzido, que se desenvolve a partir do maior número de ligações e de participação, usufruindo da inteligência coletiva (O'Reilly, 2005). Tim O'Reilly (2005) numa série de conferências definiu Web 2.0 como um conjunto de ferramentas e *websites* que permitem a colaboração e participação tal como o Youtube, o Wikipedia, o Facebook.

De facto, em 2004, com a chegada da Web 2.0, é que se deu o grande "Boom" das redes sociais, que por sua vez indicava a chegada da segunda

²⁷ Relembramos o conceito de sociabilidade nos nossos tempos, já referido no capítulo 1, com novas formas de expressão (MAFFESOLI, 1998), em que muitos dos sentimentos e emoções são partilhados por um grupo de indivíduos. Com o crescimento das comunidades virtuais no ciberespaço, surgem as "novas tribos".

geração de comunidades, uma espécie de evolução da web após a internet. Esta mudança caracterizava-se por uma nova forma de utilizar e encarar o ciberespaço, tanto pelos utilizadores como pelos criadores.

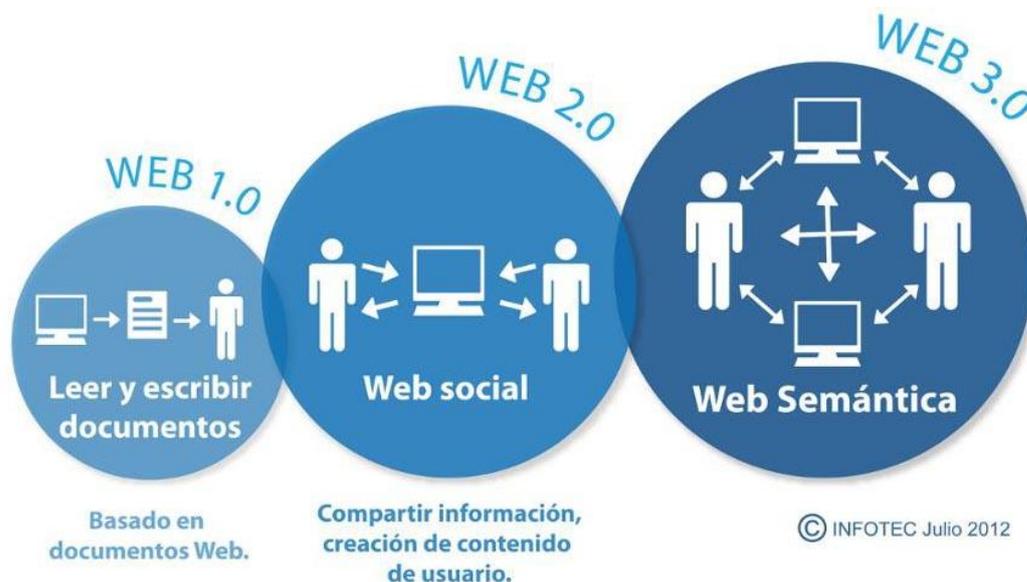


Ilustração 7 - Os três paradigmas da web (MORAVEC, 2008)

Com a Web 3.0, valoriza-se a troca de informação e de conhecimentos entre os utilizadores, que passam de espectadores a personagens, construindo informação de forma coletiva. As redes sociais (RS) passam a integrar um espaço *online*, integrando-se nos *Social Media* (Media Sociais) que se caracterizam pela comunicação, a criação de comunidades, a ligação entre indivíduos, a participação e abertura, com o encorajamento à contribuição e ao *feedback* por parte dos indivíduos, o que atenua a barreira entre *media* e audiência (MAYFIELD, 2007).

Os autores Boyd e Ellison definem as RS ou *Social Network sites* como serviços disponibilizados na Web que permitem construir um perfil público ou semipúblico. Consistem ainda num conjunto de perfis visíveis que mostram uma lista de "Amigos", que são também utilizadores do sistema e que disponibilizam perfis, amigos, comentários, mensagens privadas... As RS tornam-se um meio privilegiado não pela possibilidade de conhecer novas pessoas mas pela possibilidade de quem as utiliza poder articular e dar visibilidade às suas RS.

Resultam no estabelecimento de ligações entre indivíduos, que de outro modo poderia não acontecer (BOYD & ELLISON, 2007). A Web ganha um novo contorno, a Web Social, um espaço *online* onde os utilizadores com interesses comuns têm a possibilidade de partilhar pensamentos, comentários e opiniões (Weber, 2009).



Ilustração 8- LOGOTIPOS DE ALGUMAS REDES SOCIAIS²⁸

Embora um dos princípios da rede seja a sua abertura por ser uma ligação social, a conexão fundamental entre as pessoas realiza-se através da identidade. Curiosamente, os limites das redes não são os limites de separação, mas os limites de identidade que demarcam um limite de expectativas, de confiança e lealdade, permanentemente mantido e renegociado pela rede de comunicações (Capra, 2008). As RS *online* podem atuar a diferentes níveis como, por exemplo, nas redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), nas redes políticas, nas redes temáticas (em que se partilhem assuntos como a literatura, o futebol, um determinado tipo de cozinha), nas redes de relacionamentos (Facebook, Hi5, MySpace, Orkut), nas redes profissionais (LinkedIn), nas redes escolares entre outras. Permitem analisar a forma como as organizações desenvolvem a sua atividade, como os indivíduos alcançam os seus objetivos ou medir o *capital social* – o valor que os indivíduos obtêm da rede social. O cerne entre os diversos tipos de RS é a

²⁸ Quanto à imagem das redes sociais, consultado em <http://www.vitrynet.com.br>, a 27-07-2014.

partilha de informações, de conhecimentos, de interesses e esforços em busca de objetivos comuns. A intensificação da formação das RS, neste sentido, conferiu ao utilizador um poder e uma liberdade de comunicação à distância nunca antes conhecido e que reflete um processo de fortalecimento da Sociedade Civil, num contexto de maior participação democrática e mobilização social.

Vale a pena analisarmos ao pormenor a panorâmica histórica das redes sociais para observarmos como evoluíram tendo em conta os seus objetivos e as funcionalidades que revelavam.



CLASSMATES.COM (1995)

A primeira rede social nasceu com o portal **Classmates.com**. Atualmente, 50 milhões de indivíduos utilizam-no, todos com mais de 18 anos, para procurar colegas ou antigos companheiros da escola ou do tempo militar. Esta ideia foi depois replicada nos anos seguintes por diversos tipos de redes, que com maior ou menor dimensão têm vindo a crescer, multiplicando-se em públicos-alvo grupos profissionais, interesses comuns ou amizade.



Find Your Graduating Class



I graduated in:

1996
1986
1976
1966
1956

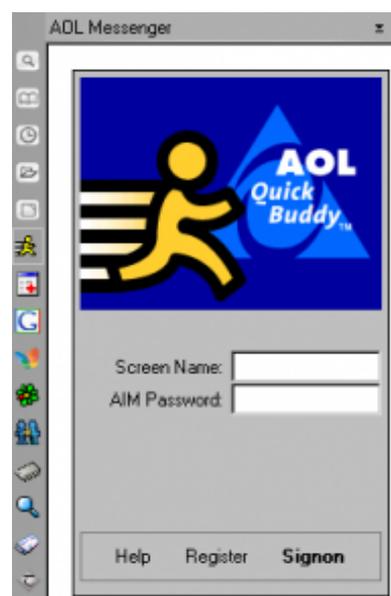


Ilustração 9 - Como encontrar os colegas do tempo de escola no *classmates*

Considerada a primeira rede social na Internet, teve um enorme sucesso nos Estados Unidos e no Canadá embora o site apresentasse um modelo de serviço pago.

AOL INSTANT MESSENGER (1997)

Com o AOL Messenger, as primeiras mensagens instantâneas começaram a ser enviadas pela internet. Esta rede teve um papel bastante importante na popularização dos chats.



SIXDEGRESS (1997)



No mesmo ano, em que apareceu o **AOL Messenger**, surgiu a Sixdegrees, considerada por muitos como a primeira rede social porque permitia a criação de um perfil virtual bem como a publicação e listagem de contatos. Segundo Nickson (2009), este novo modelo passou a permitir a visualização de perfis de terceiros. Aliás, o nome Sixdegrees refere-se aos seis graus de amizade, um conhecido conceito que fala que a cada 6 pessoas que conhecemos, temos um amigo em comum. O objetivo era precisamente ampliar a rede de contatos através das amizades que os utilizadores possuíam. A partir deste modelo de RS, muitas outras foram criadas.



FRIENDSTER(2002)

Entre 1997 e 2002 muitas outras RS foram criadas, sendo uma delas a **Friendster** que se aproxima bastante dos formatos das atuais. Com o conceito de círculo de amizades, conquistou muitos cibernautas, ao encorajá-los a criar laços de relacionamento com outras pessoas que tinham interesses em comum. Apresentava ainda características do perfil da Sixdegrees ao permitir a criação e divulgação de perfis e listas de contatos.



MY SPACE (2003)

Concebida como o “clone” da Friendster, surgiu **My Space**, que se destacou pela sua interatividade com espaços para músicas, fotos e um blogue que poderia ser personalizado por cada utilizador. Tornou-se assim uma das redes sociais mais populares do mundo, principalmente nos Estados Unidos, contando com mais de 100 milhões de utilizadores.



Ilustração 10- A janela de entrada do Friendster



HI5 (2003)

Fundada em 2003 pelo norte-americano Ramu Yalamanchi, o **HI5** é uma RS virtual onde cada utilizador após o registo pode criar um perfil com um *layout* atrativo e colocar fotografias, músicas e vídeos. Foi considerado o site mais rigoroso na questão da privacidade por não permitir a partilha dos dados

personais dos utilizadores a terceiros. Constituiu uma das tecnologias mais famosas e utilizadas em todo o mundo, tendo sido também a RS mais utilizada pelos portugueses. Ainda com 60 milhões de membros ativos, o número de utilizadores do Hi5, decresceu com o crescimento do Facebook.

LINKEDIN - A REDE SOCIAL DOS EMPRESÁRIOS (2003)



O **LinkedIn** apareceu com uma proposta totalmente diferente das RS da época porque não tinha como foco a integração de grupos de amizades com interesses em comum. Pelo contrário, focava-se na área profissional, sendo um conhecido recurso para os empresários que se queiram comunicar com outros profissionais. Ademais, denomina a ligação entre os utilizadores com o termo conexões e não contatos como nas demais redes.

ORKUT (2004)



Foi criado pelo engenheiro turco, funcionário do Google, chamado Orkut Büyükkökten, com o objetivo de possibilitar aos utilizadores a criação de novas amizades. Se bem que o público-alvo seria os cibernautas americanos, a rede social teve sucesso a nível mundial, especialmente em dois países, o Brasil e a Índia. Inicialmente, era necessário o convite por parte de algum amigo que já participasse na rede o que gerou uma grande interação entre quem utilizasse a rede e permitiu a grande difusão do **Orkut**.



FACEBOOK (2004)

No mesmo ano, outra rede social era criada: o **Facebook**. No início, chamada de *The Facebook*, foi fundada pelos ex-estudantes da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Cris Hughes, somente para os estudantes de Harvard. Com o passar do tempo, expandiu-se para outras universidades e depois para outros campos. Apenas em 2006 é que qualquer utilizador com mais de 13 anos poderia criar o seu perfil no Facebook. Atualmente, lidera o ranking de RS no mundo pelo seu crescimento e pela variedade de aplicativos que apresenta, possibilitando um cada vez maior número de atividades dentro da rede social.



FLICKR (2004)

O **Flickr** é um site de partilha de imagens fotográficas (e de outros tipos de documentos gráficos, como desenhos e ilustrações) que permite ainda novas maneiras de organizar as fotos e vídeos. Caracterizado também como RS, permite a quem o utiliza criar álbuns para armazenamento das suas fotografias e entrar em contato com fotógrafos variados e de diferentes

locais do mundo. Foi adquirido pela Yahoo e conta com mais de 32 milhões de utilizadores tendo tido um rápido crescimento.



YOUTUBE (2005)

Foi criado em 2005 por 3 pioneiros do Paypal, Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim. Trata-se do mais popular site de partilha de vídeos em formato digital. Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros que podem ser disponibilizados em blogues e sites pessoais através de mecanismos disponibilizados.²⁹

Em 2006, a fim de consolidar o mercado de publicidade, o Google compra o YouTube. A revista norte-americana Time, na 13ª edição de novembro de 2006, elegeu o YouTube como a melhor invenção do ano por, entre outros motivos, criar uma nova forma de entretenimento e de educação para milhões de pessoas.

A 28 de Outubro de 2010, alcança um bilião de assinantes. A 23 de janeiro de 2012, atinge o número de quatro mil milhões de visualizações de vídeos³⁰.



TWITTER (2006)

²⁹ Relativamente à rede do Youtube, consultado em <http://fr.wikipedia.org/wiki/YouTube>, em 27-09-2012.

³⁰ O valor monetário do Youtube, consultado em <http://www.pcinpact.com/news/68499-youtube-le-site-qui-valait-4-milliards-de-videos.htm>, em 29-09-2012.

No ano de 2006, criada pela *Obvios Corp*, foi lançada a RS Twitter, considerada inovadora pela velocidade da informação. O termo foi inspirado no som de um pássaro para comunicar aos demais a sua localização e atividade.

Diferencia-se das outras redes sociais pelo limite de caracteres, 140, na publicação de algum conteúdo. Tornou-se uma das principais RS do mundo pelo seu alucinante crescimento e pelos ganhos conseguidos com a publicidade. Atualmente, o Twitter conta com mais de 500 milhões de utilizadores.



Edmodo (2008)

Trata-se de uma plataforma de aprendizagem social, de um site para professores, alunos e pais, comercializado como o Facebook para as escolas. De fácil navegação, pode-se integrar nas salas de aula através de uma variedade de aplicações, e permite publicações, criações de inquéritos e de questionários para os alunos, vídeos, grupos de aprendizagem, calendários de eventos e atribuições. Os alunos podem diretamente entregar as tarefas aos professores que logo de seguida poderão atribuir uma nota no Edmodo. Também os pais podem visualizar este site, quer seja em nome de seus filhos, quer seja em seu nome para ver as notas ou alertas enviados pelos docentes.

É uma rede social educacional que permite conectar-se aos alunos e oferece aos educadores a oportunidade de explorar o uso das RS, dos medias e de tudo que apareça em formatos *online*. Em dezembro de 2013, com mais de 20 milhões de utilizadores, apareceu em 29.º lugar na lista de "As 100 Melhores Ferramentas para Aprendizagem" atrás de sites colaborativos como o Twitter (1.º), o YouTube (3.º), o Facebook (9.º), o Moodle (11.º) e o Skype (13.º)

PINTEREST (2010)

Desenvolvido em 2009 por Paul Sciarra, Evan Sharp e Ben Silbermann, com o intuito de ser uma RS voltada para a partilha de



fotos, o Pinterest ganhou fama por permitir aos utilizadores uma personalização do seu perfil. Conhecida como “quadro de inspirações”, possibilita não só a gestão das imagens bem como a possibilidade da divisão em temas e categorias. Caracteriza-se ainda por um *layout* simples, fácil e eficiente na partilha de imagens na internet. Em 2011, foi classificado pela revista Time como um dos “50 melhores sites de 2011”. Embora popular, esta rede mantém-se afastada do Facebook.

INSTAGRAM (2010)



Lançado oficialmente em Outubro de 2010, o Instagram alcançou o sucesso mundial no final de 2010 pelo seu aplicativo permitindo a captura de imagens, a aplicação de filtros e a publicação gratuita.

Embora inicialmente o aplicativo fosse exclusivamente para os utilizadores da Apple, hoje pode ser aplicado tanto para IOS como para o sistema Android.

Outra grande curiosidade do Instagram foi o de ter alcançado quase dez milhões de utilizadores, com uma equipa de apenas seis funcionários. Atualmente a aplicação está disponível nas mais variadas línguas, Inglês, mandarim, francês, alemão, italiano, japonês, latim, coreano, português e espanhol.



GOOGLE+ (2011)

Após várias tentativas em lançar uma RS, o Google lançou o novo projeto chamado de Google+ ou plus. O maior motor de buscas lançou o seu novo projeto dando destaque aos círculos e à *Social Search*. Lançado com o intuito de ter bastante sucesso e de destronar o Facebook, assemelha-se bastante a este. A maior diferença é que permite uma interação seletiva, dividindo em círculos cada grupo de contatos e organizando-os. Possibilita ainda aos utilizadores de fazer uma conferência em tempo real com vários elementos.

O Google criou recentemente ainda a *Search your world* onde relaciona diretamente o Google+ com os resultados de buscas. Também tem tido um crescimento bastante significativo a nível mundial, contando com 343 milhões de utilizadores.

Em síntese, a partir de 2003, dá-se o maior *boom* de RS com o Hi5, bastante popular na Ásia e América Latina e ainda em Portugal, com 80 milhões de utilizadores em todo o mundo. Segue-se o LinkedIn, com mais de 100 milhões de utilizadores e o Myspace. O Google inaugura ainda o Orkut, a rede social mais utilizada no Brasil com 1.000 milhões de utilizadores em todo o mundo.³¹

³¹Sobre a história das redes sociais, consultado em <http://www.tvi24.iol.pt/tecnologia/redes-sociais-facebook-twitter-hi5-tvi24/1263347-4069.html>, em 25-09-2012.

Em 2004, nasce a maior rede do mundo, o Facebook, não só porque cresceu rapidamente, ultrapassou os 900 milhões de utilizadores, ultrapassando a influência do Orkut no Brasil, como se tornou igualmente uma das mais valiosas, dando ao seu criador Mark Zuckerberg a possibilidade de pertencer à lista dos homens mais ricos do mundo.

Na Europa Ocidental, no final de 2009, o número de utilizadores das RS era já de 144,5 milhões – 27% da população nesta região. O número de utilizadores de RS à escala global correspondia a 917 milhões – 13,3% da população mundial e previa-se que em 2015 este número aumentasse para os 1971 milhões – 27% da população mundial (Nuttney, 2010). No futuro, eMarketer³² previa que a taxa de utilização de redes sociais tenderia a aumentar nos próximos anos, 23,4% em 2013 e 25,8% em 2014. Ora, neste momento, só o Facebook já conta com mais de um bilião de utilizadores a nível mundial.

2.2.2. OS PORTUGUESES *ONLINE*

"Olhar para a Internet e para aquilo que é a relação dos portugueses com a Internet é refletir sobre um complexo processo comunicacional que ocorre a nível global – embora respeitando diferentes particularidades culturais."

(Obercom, 2012)

As redes sociais determinam um novo processo de comunicação no ambiente virtual que ganhou bastante destaque nos últimos anos. A Internet passa a fazer parte do dia-a-dia da grande maioria da população mundial e não se pode analisar o fenómeno da sociedade em rede sem antes observar o uso que se faz da web.

³²Relativamente à utilização das redes sociais, consultado em <http://www.emarketer.com/Article.aspx?R=1008903&ecid=a6506033675d47f881651943c21c5ed4>, em 22-09-2012.

Segundo um estudo da Obercom 2012³³, a percentagem da amostra que não utiliza nem nunca utilizou Internet era ainda bastante significativa, 47,1%, contra 49,1% que utilizam este meio de comunicação.

De acordo com um inquérito realizado pelo Eurostat³⁴ sobre o uso da *Internet* em 2013, os números não são tão significativos, com cerca de 33 por cento dos portugueses que nunca a utilizou. Portugal estará assim na quinta posição europeia, atrás da Roménia (42%), Bulgária (41%), Grécia (36%) e Itália (34%). Revela ainda a mesma média que a europeia relativamente a quem nunca acedeu à internet (Eurostat, 2013). Os países onde os cidadãos mais utilizam a Internet diariamente, com uma percentagem de cerca de 80 por cento, são a Dinamarca, a Holanda, o Luxemburgo e a Suécia. É ainda de notar que apenas 48 por cento dos portugueses acede todos os dias à Internet, percentagem bastante baixa relativamente aos 62% da média europeia. Cerca de 10% acedem à Internet uma vez por semana, a mesma média dos europeus em geral, e um terço nunca a utilizou, perante uma média europeia de 21%.

Relativamente às posses de equipamentos (Obercom 2012), os portugueses obedecem a uma lógica bastante conservadora que, segundo os investigadores, segue uma cronologia histórica de adoção. Assim, 99,0% dos inquiridos possuem televisão, 88,5% possuem telemóvel, 72,7% um rádio (equipamento isolado) e 61,3% possuem telefone fixo. A Internet (em modo de acesso fixo, doméstico, surge em quinto lugar com 57,2%). Contudo, o acesso à Internet em Portugal continua em crescimento nos agregados domésticos (dos 51,2% em 2010 para os 57,0% em 2011), sendo a banda larga, enquanto forma de acesso, o principal motor deste processo (por cabo, 38,6% dos

³³ O observatório da Comunicação apresenta um estudo *Internet em Portugal 2012*, em que compara os dados obtidos no inquérito *A Sociedade em Rede 2011* com o estudo posterior, *A Sociedade em Rede 2012*. Concebendo a Web como “um meio de comunicação particular, é, também, o mais forte media canibalizador” (Obercom 2012, p.4), revela-se necessário analisar a relação que os portugueses entretêm com a Internet. Este estudo foi bastante importante na realização da nossa investigação, como se pode confirmar no capítulo III, pois este foi um dos que norteou o nosso estudo.

³⁴ O estudo do Eurostat foi realizado nos últimos seis meses de 2013, inquirindo indivíduos entre os 16 e os 74 anos – consultado em <http://www.bit.pt/eurostat-realiza-estudo-sobre-uso-da-internet-em-2013>, em 05-02-2014.

inquiridos e ADSL, com 29,7%) sendo a fibra ótica uma estrutura de com penetração residual (7,7% dos inquiridos) (Obercom, 2012).

Segundo o estudo do Eurostat 2013, em Portugal 62% dos lares já têm Internet em banda larga numa média de 28 países europeus com 76% com banda larga, sendo a Finlândia o país com mais ligações domésticas, seguindo-se a Holanda, 95%, e depois Luxemburgo, Dinamarca e Suécia, todos com 93%. A Bulgária, Grécia e Roménia são os países que estão nos últimos lugares desta tabela.

Quanto ao género, a Obercom 2012 apresenta que em 2011 54,3% dos homens eram utilizadores de Internet, contra 44,2% nas mulheres. A principal razão apontada pelos não utilizadores de Internet para que a não utilizem prende-se com a falta de interesse ou com a noção de que não tem utilidade para eles (38,9%). A iliteracia digital é a segunda razão apontada para a não-utilização (34,9%), a falta de acesso ao computador ou Internet é a terceira razão (9,1%), seguem-se razões económicas como o custo elevado (8,5%).

Relativamente aos termos de acesso, os portugueses não são ainda internautas móveis pois enquanto a banda larga móvel (USB) atinge percentagens significativas (25,4% dos inquiridos), a banda larga em tablet e smartphone revela percentagens residuais. Segundo os investigadores, a justificação para estes valores reduzidos prende-se com o preço deste tipo de *hardware* e com os custos do acesso. Mais, quando se compara a posse de telemóvel entre internautas e não internautas, a quase totalidade (99,5%) tem telemóvel. No caso dos *dropouts*³⁵ a taxa de posse de telemóvel é bastante próxima da dos atuais internautas (95,8%).

O nível da utilização da Internet relaciona-se estritamente com os níveis de literacia de cada utilizador na medida em que, para lidar com os novos aparelhos e formas de acesso, os conhecimentos têm de ser necessariamente mais complexos. Os dados deste estudo e de anos anteriores comprovam que a utilização decresce à medida que a idade aumenta e a escolaridade diminui (90,6% dos inquiridos entre os 15 e os 24 anos utilizam a Internet, e 79,2% dos 25 aos 24 anos, contra 5,0% dos que têm 65 ou mais anos; 97,5% dos

³⁵ *Dropout* – indivíduo que abandonou a escola antes de cumprir a obrigatoriedade.

inquiridos com instrução primária incompleta não utilizam a Internet, enquanto que 96,9% dos Universitários/ Pós-graduados/ Doutorados utilizam este meio de comunicação). Através destes dados, verifica-se que a Internet é, sobretudo, um meio de consulta de informação, mais do que um instrumento operativo.

Quanto à ocupação profissional, verifica-se uma maior concentração de utilizadores de Internet nos quadros superiores (100%), profissionais liberais (100%), profissões técnicas, científicas e artísticas (98%), estudantes (97,4%) e empregados de escritório (90,2%). Os grupos com menor incidência no que se refere à utilização de Internet são os reformados/pensionistas (9,2%) e as domésticas (8,6%).

No que concerne às representações da Internet, entre utilizadores e *dropouts*, existe uma grande proximidade a nível de representações sobre a Internet: a ideia de que a net contribui para aumentar a autonomia e autossuficiência dos indivíduos (70,5%); a Internet é atualmente uma tecnologia indispensável ao adequado funcionamento da sociedade (80%). Já ao nível da confiança e da credibilidade dos conteúdos, não revelam tanta confiança nas notícias publicadas na Web quanto os não-utilizadores.

Outro ponto analisado é o tempo de utilização, três quartos dos internautas (72,5%) são utilizadores há quatro ou mais anos contra 4,8% que passaram a utilizar a Internet no último ano (Obercom 2012).

Verifica-se que a referência ao efeito canibalizante da Internet sobre os outros media não é despropositada, visto que continua a alterar significativamente as rotinas mediáticas dos portugueses. No que diz respeito às atividades realizadas, as redes sociais são a segunda atividade de comunicação mais disseminada entre os cibernautas, com 73,4%. Os serviços de *instant messaging* são utilizados com frequência mensal ou superior por 63,2% dos utilizadores, sendo o serviço de mensagens instantâneas mais utilizado o Windows Live / Msn Messenger (58,8%) seguido do serviço de chat integrado da RS Facebook (52,1%). A maioria dos inquiridos recorre a este tipo de serviço de comunicação *online* para comunicar com os amigos: 82,4% dos inquiridos do género masculino, 85,5% do género feminino. O estudo foca também as atividades realizadas por diversão, sendo que 75,3% dos que

navegam na Internet não têm objetivo concreto, 73,5% dos inquiridos utilizam sites para procurar vídeos de música, e 65,3% procuram conteúdos de entretenimento.

Algumas das atividades lúdicas menos frequentes são: fazer *downloads* pagos de música (Nunca, 88,3%), ler livros online ou fazer *downloads* de livros (Nunca, 86,7%). Para fins informativos, 91,1% dos internautas nacionais procuram notícias, 60,6% servem-se da net para o uso de enciclopédias online (como a Wikipédia), sendo as atividades menos praticadas o Procurar emprego/trabalho (Nunca, 58,0%), o que admira numa época em que a taxa de desemprego é tão alta. Outra atividade é a procura de informação e de críticas sobre produtos e bens, embora não os adquirem pela Internet.

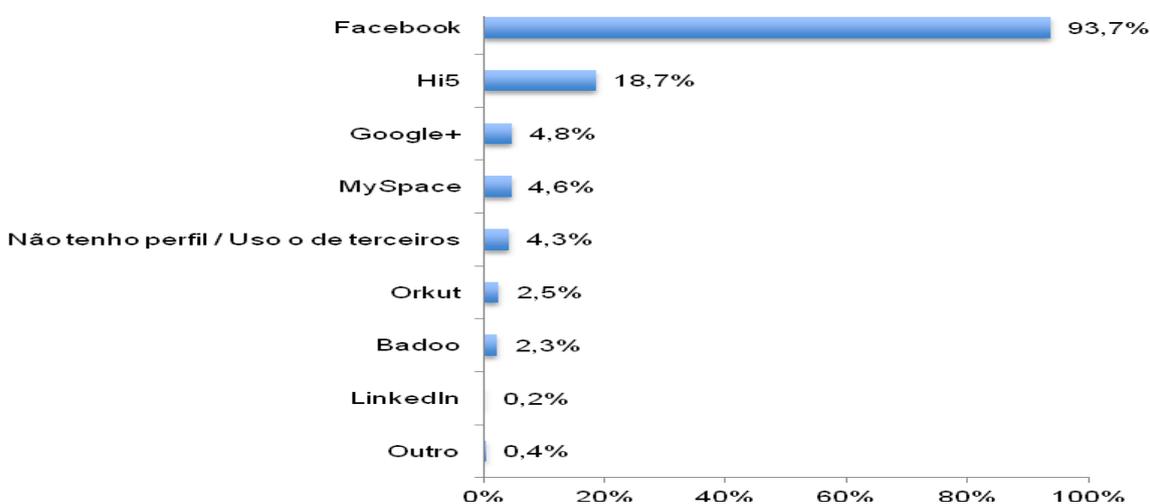
Respetivamente às atividades ligadas à educação, 74,4% utiliza a web para procurar ou verificar informação e 66,3% utilizam para pesquisar definições de palavras. No entanto, 58,7% dos inquiridos nunca utilizaram este meio de comunicação para procurar informação para a Universidade e 80,5% para um programa de educação à distância. Quanto à produção de conteúdos³⁶, o universo de utilizadores é ainda muito limitado, visto que 75,0% dos inquiridos nunca participaram em votações *online*, 72,3% nunca editaram definições ou conteúdos de enciclopédias como a Wikipédia, 71,9% nunca fizeram o *upload* de músicas e 66,4% o de vídeos.

Finalmente, no que diz respeito às redes sociais, 97,3% dos que as utilizam têm perfil criado no Facebook. Os dados relativos à utilização de RS revelam uma percentagem esmagadora de utilizadores da rede Facebook (93,7%). Através dos dados de 2011 no gráfico 4, verifica-se a decadência da rede social Hi5 (18,7%) e a rede social Google+, com apenas 4,8%. Embora 4,3% afirmem não ter perfil pessoal em qualquer RS, não estão, no entanto, inativos nesta esfera comunicacional, visto que podem aceder a qualquer rede através do perfil de terceiros (amigos, familiares, uma conta de grupo ou empresa).

³⁶ Esta é uma problemática subjacente ao nosso estudo o uso criativo da Internet com a acumulação de papéis pelos internautas, como produtores/ distribuidores de conteúdos, esta acumulação de papéis, ou transfiguração de atores, é uma das dimensões mais salientes nas teorias da mudança associadas às TIC e às aprendizagens significativas necessárias para a formação de um *knowmad* em plena sociedade 3.0.

Gráfico 4 - Sites de redes sociais com perfil criado

Em que sites de redes sociais tem perfil criado? (resposta múltipla) (%)

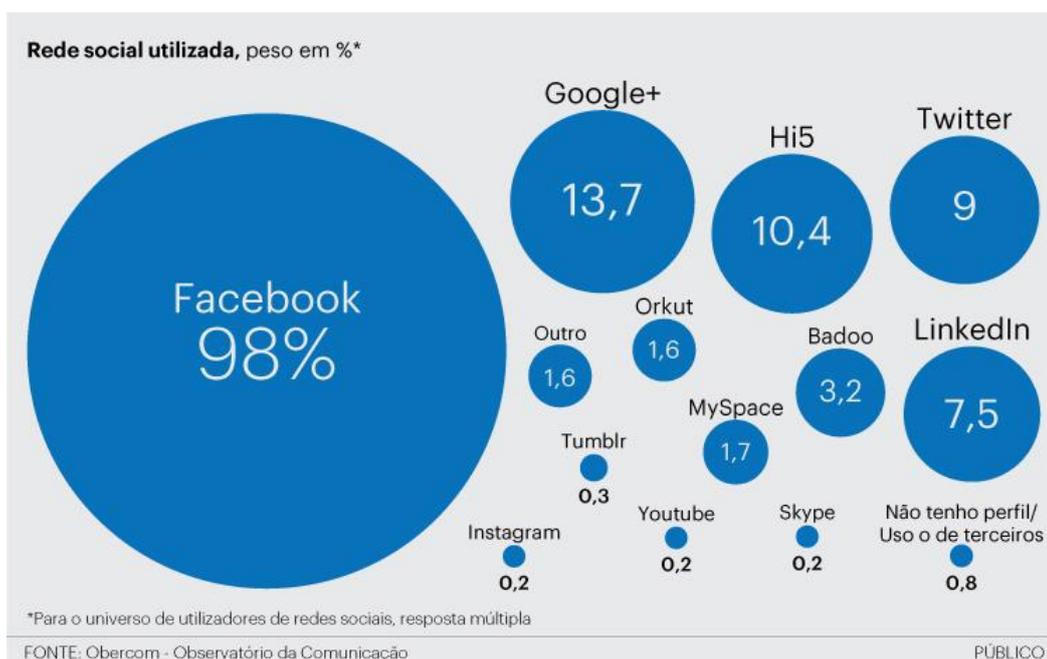


Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2011 (n=450)

Os novos dados fornecidos pela Obercom 2013 revelam um domínio do Facebook bastante mais expressivo, atingindo 98%, surgindo o Google + na segunda posição (13,7%)³⁷ – gráfico 5.

³⁷ Estes dados foram igualmente fornecidos pelo Observatório da Comunicação e do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, em Lisboa, e fazem parte do projeto *A Sociedade em Rede em Portugal: Uma Década em Transição*, coordenado pelos investigadores Gustavo Cardoso e António Firmino da Costa. Estes dados foram fornecidos ao Jornal Público na data do décimo aniversário do Facebook. Para esta investigação, no ano 2013, foram inquiridas 1542 pessoas, a partir dos 15 anos. Esta amostra deixa de fora parte dos adolescentes, grupo que se tem dito frequentemente estar a desistir do Facebook, embora a maioria dos números se refiram quase sempre aos EUA – consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/o-facebook-faz-dez-anos-e-ha-cada-vez-mais-pessoas-para-gostar-disso-1622108#/4>, em 05-02-2014.

Gráfico 5 - Sites de redes sociais com perfil criado



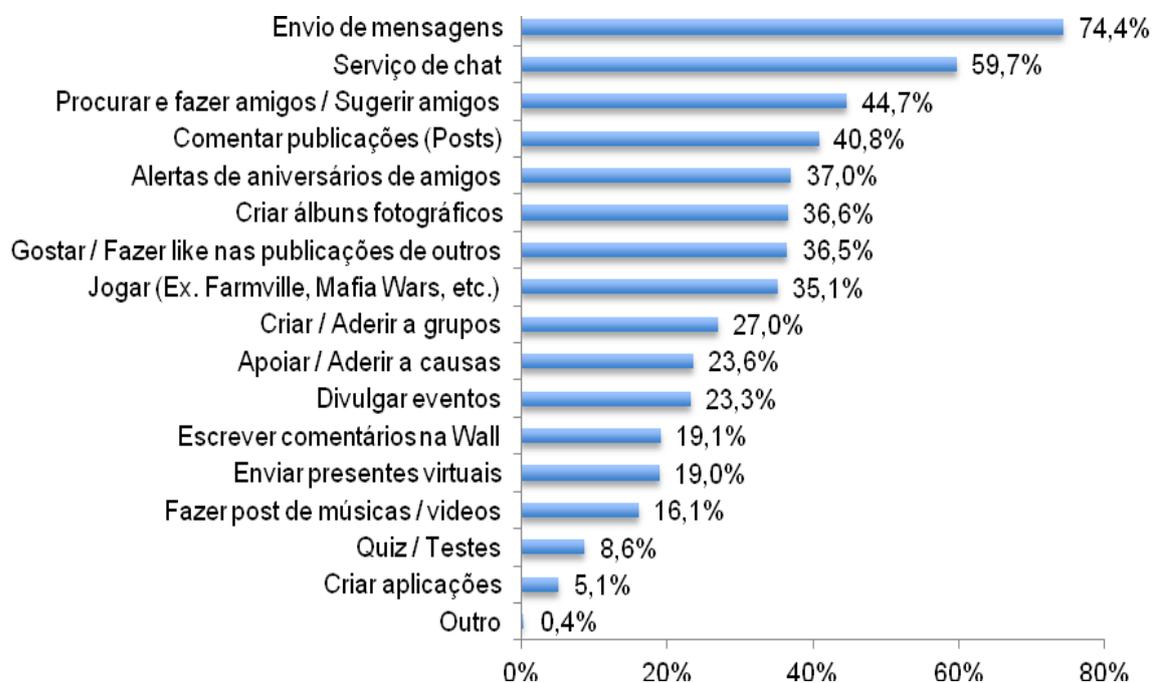
Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2013 (n=1542)

Como se pode verificar através de outros estudos, do estudo anterior da Obercom e da Marktest, embora em 2009 o hi5 fosse de forma inquestionável a principal rede social em Portugal, evidenciou um decréscimo acentuado dado o crescimento acentuado do Facebook, que quadruplicou o número de utilizadores únicos e aumentou mais de vinte vezes o número de páginas visitadas e o tempo de acesso. Entre janeiro e julho de 2010, o Facebook foi responsável por 68,8% das páginas visitadas em RS e por 76,8% do tempo que lhes foi dedicado (Marktest 2010). No final de setembro, registava 2,6 milhões de utilizadores em Portugal (Facebakers, 2010), o que representa uma penetração superior a 50% nos utilizadores de Internet em Portugal e de aproximadamente 25% da população total do país (Internet World Stats, 2010b).

Entre as funcionalidades disponíveis nas RS, os seus utilizadores fazem mais uso das ferramentas de comunicação – envio de mensagens (74,4%) e serviço de chat (59,7%). Ainda no ranking das funcionalidades, a procura ou sugestão a outros amigos para adicionar à rede pessoal surge em terceiro lugar (44,7%) – gráfico 6 (Obercom, 2011)

Gráfico 6 – Funcionalidades utilizadas nas redes sociais

Nos sites de redes sociais em que tem perfil criado, que funcionalidades utiliza? (resposta múltipla) (%)

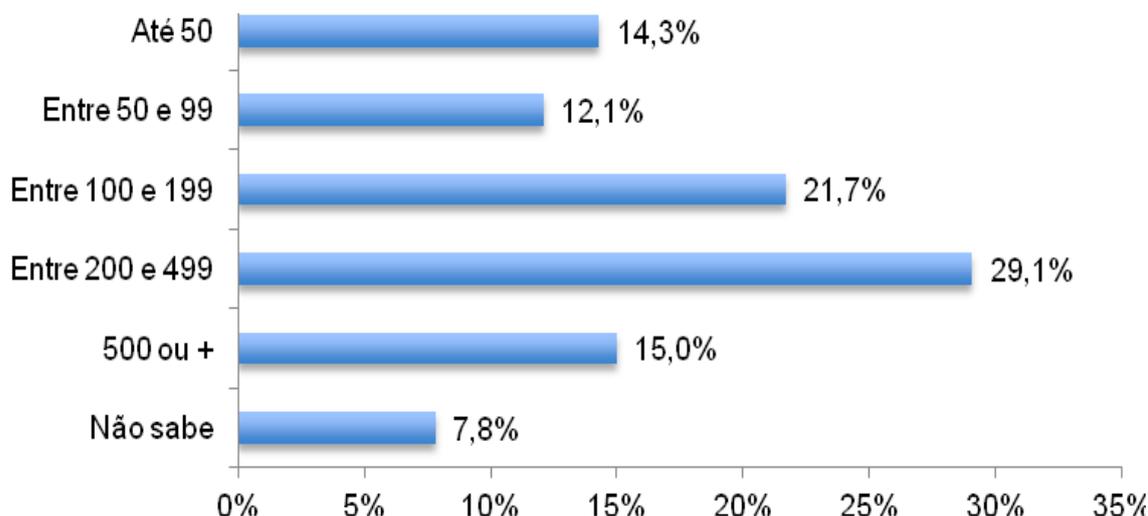


Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2011 (n=450)

Conforme podemos verificar no gráfico 7, na sua lista de contactos, 74,0% dos utilizadores declararam que a maioria é pessoas de conhecimento pessoal, contra 26,0% que declararam ter maioritariamente ligação com indivíduos que não conhecem pessoalmente. Quanto ao número de amigos, destacam-se com 29,1% os utilizadores que têm entre 200 e 499 amigos na sua rede de contactos, enquanto 14,3% conta com um número de contactos restrito (até 50 pessoas), valor próximo dos utilizadores de redes com mais de quinhentos amigos (15,0%).

Gráfico 7 – Número de amigos na rede social

Número de amigos na rede social em que tem perfil criado (na mais utilizada) (%)



Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2011 (n=450)

Perante estes números, verificamos que as RS são cada vez mais adotadas pelos portugueses o que nos leva a questionar sobre as razões para a sua utilização. Segundo a Netsonda (2009), os portugueses utilizam-nas essencialmente para encontrar amigos (56%), procurar informação sobre os amigos (41%), relacionar-se com pessoas com interesses em comum (40%) e para trabalho e relações profissionais (39%).

Dependendo do perfil do utilizador, são múltiplos os usos do Facebook: partilha de fotografias, pensamentos, episódios do quotidiano, artigos de jornais e piadas; troca de mensagens com amigos; por vezes, parece ter sido concebido para comparar a respetiva vida com a dos outros. Contudo, em Portugal, os números mostram que muitos usam-no também como uma plataforma de participação cívica: 45% já apoiaram uma qualquer causa nacional, mesmo que tenha sido apenas com um “gosto”, o equivalente digital a um cartaz de protesto ou de uma palavra de ordem nas ruas. Quase um terço comentou as políticas do Governo e perto de um quarto dos utilizadores disse bem ou mal de figuras públicas – gráfico 8 (Obercom, 2013).³⁸

³⁸O uso do Facebook, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/o-facebook-faz-dez-anos-e-ha-cada-vez-mais-pessoas-para-gostar-disso-1622108#/4>, em 05-02-2014.

Gráfico 8 – Razões para a utilização do Facebook

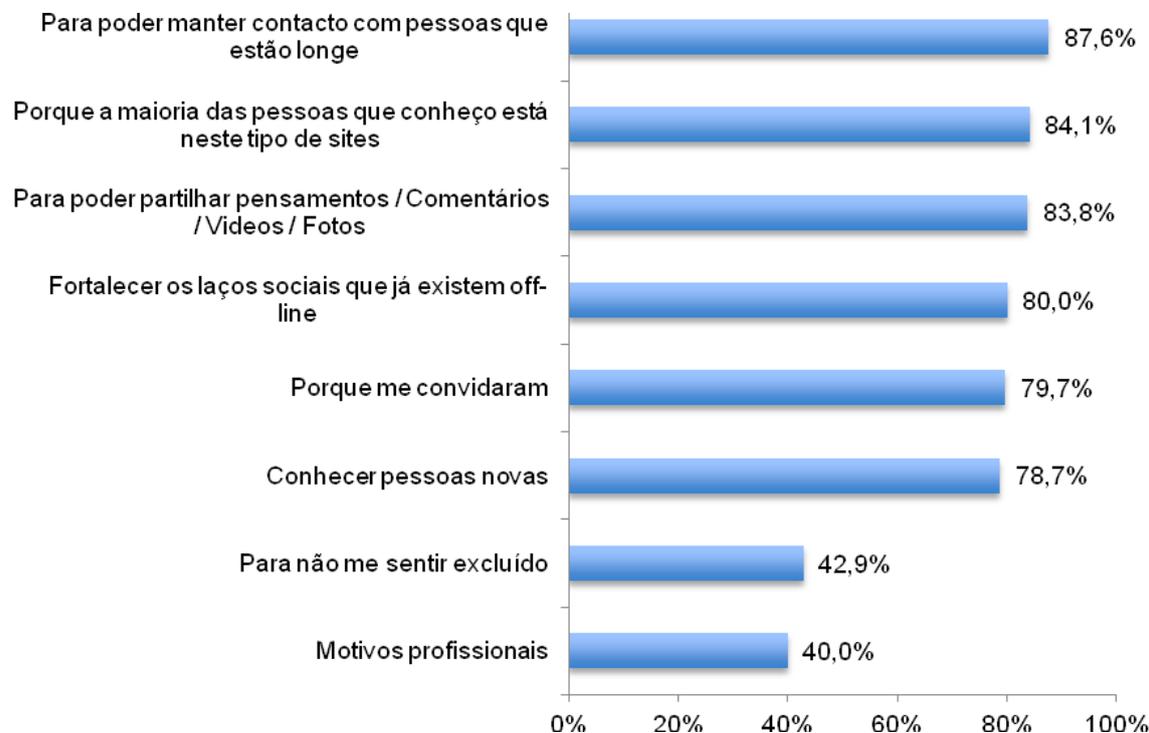


Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2013 (n=1542)

No que se refere aos motivos para aderir a uma RS, o primeiro apontado prende-se com a possibilidade de manter contactos à distância (87,6%); o segundo relaciona-se com o facto de a maioria das pessoas conhecidas já estar inscrita (84,1%); o terceiro prende-se com a possibilidade de partilha de pensamentos, comentários, vídeos e fotos na plataforma (83,8%). Outros motivos referidos foram: o fortalecimento de laços sociais já existentes *offline* (80,0%); foram convidados (79,7%); conhecer novas pessoas (78,7%). Os motivos profissionais surgem apenas no fundo da lista (40%) - gráfico 9.

Gráfico 9 - Motivos da adesão

Redes sociais: motivos para ter aderido (%)



Fonte: OberCom. Inquérito Sociedade em Rede 2011 (n=450)

Quanto às representações dos utilizadores sobre as RS: 61,1% concorda com o facto de constituírem mais uma forma de entretenimento do que de comunicação; 50,1% dos inquiridos consideram que são fulcrais para a manutenção das suas redes de amizade e laços sociais; 68,0% discorda sobre o facto de poderem ser uma moda, o que nos demonstra a solidez das redes no quotidiano cibernético dos portugueses.

Quando comparamos o nível de utilização dos diversos Media, face ao percecionado há cinco anos, reparamos que a utilização do Telemóvel assume os resultados de maior crescimento: quase 50% dos inquiridos entendem que o utilizam hoje mais³⁹ com 47,8% (OberCom, 2012). Também os dados do

³⁹ Representando igualmente uma publicação da Obercom 2012, este estudo, "A apropriação dos telemóveis na Sociedade em Rede", remete para o uso dos telemóveis e é subordinado ao *Inquérito Sociedade em Rede 2011*. Trata-se de um relatório que descreve algumas tendências de consumo e apropriação de Telemóveis, em Portugal, por comparação com outros Media. Os dados que servem de suporte a este relatório foram recolhidos no âmbito do *Inquérito*

estudo "Face to Facebook"⁴⁰ revelam que 40% acede ao Facebook via telemóvel, quando em 2011 eram 30%, e em 2010, 20% (Netsonda, 2013).

Também a Marktest realizou um estudo⁴¹ com o objetivo de conhecer os índices de notoriedade, utilização, opinião e hábitos dos portugueses face às RS. Algumas das observações registadas foram:

- Instagram é a 6ª rede com notoriedade espontânea;
- 95% dos utilizadores de RS tem conta no Facebook e 39% no Youtube;
- 27% abandonou uma RS no último ano;
- 14% visita sites de RS assim que acorda;
- 26% acha que dedica demasiado tempo a estes sites;
- O smartphone é o 2º equipamento mais utilizado para aceder às RS;
- 66% segue marcas nas RS;
- 17% considera que o facto de seguir ou ser fã de uma empresa ou marca nas RS tem muita influência nas opções de compra da marca.

Também se observou o comportamento dos internautas portugueses, sendo 95,7% os que visitam as RS e 56% gasta até uma hora por dia nesta atividade. O Facebook é o líder incontestável no mercado português, seguido pelo Windows Live Profile e pelo LinkedIn. Segundo a Netsonda, representa uma referência para os consumidores, visto que 91% dos utilizadores atribui

Sociedade em Rede 2010, tendo sido feitas algumas comparações com o mesmo levado a cabo em 2008 e 2006. O objetivo principal passava por estudar a evolução, ao longo de 5 anos (2006 a 2010), da utilização dos telemóveis em Portugal.

⁴⁰ A amostra para o estudo "Face to Facebook" foi obtida junto do painel da Netsonda constituído por mais de 115 mil participantes, registados voluntariamente ao longo dos últimos 12 anos.

⁴¹ *Os Portugueses e as Redes Sociais* é um estudo realizado pela Marktest Consulting, Marktest 2013, em que se utilizou uma base de 820 entrevistas, realizadas online entre 26 de Setembro e 7 de Outubro de 2013. A amostra é estratificada por Região Marktest, sendo proporcional à população que constitui o universo, de acordo com as variáveis género e idade.

Sendo as RS hoje um "ponto de encontro" importante não apenas para os indivíduos como para as marcas, que de forma envolvente e dinâmica podem interagir com os seus consumidores, as redes constituem um instrumento imprescindível de marketing e comunicação. Assim, para conhecer melhor a relação que os portugueses têm com estas e com as marcas presentes, o Grupo Marktest tem lançado desde 2010 o estudo *Os Portugueses e as Redes Sociais*. Com esta investigação, procura conhecer, por exemplo, os hábitos dos utilizadores, os sites que conhecem e mais utilizam, as funcionalidades que mais valorizam, a frequência com que acedem e com que publicam informação, o tempo que lhes dedicam ou os equipamentos que utilizam para lhes aceder, as motivações, as opiniões sobre a presença das marcas nas redes. É uma fonte a não desperdiçar e que também norteou o nosso estudo em diversos pontos- os portugueses e uso das redes sociais, consultado em http://www.marktest.com/wap/private/images/logos/Folheto_redes_sociais_2013v1.pdf e <http://www.marktest.com/wap/a/p/id~12d.aspx>, em 05-02-2013.

credibilidade à informação disponibilizada no Facebook sobre as marcas e 41% admite que a sua opinião melhorou depois de as observar na grande RS (Netsonda,2013).

Netpanel da Marktest⁴² dá conta que mais de 3 milhões de portugueses há 4 e mais anos acederam às RS a partir de casa em 2009, ou seja, 87,2% de internautas. Na época, o Hi5 registava o maior número de utilizadores únicos, seguido do Facebook, Netlog e Flickr. Na Europa, houve um crescimento acelerado e exponencial do Facebook, que à data representava 51,6% do número de utilizadores de RS. Já em 2011 a Social Networking Sites Review, referia que o Facebook era a RS que aparecia em primeiro lugar, seguida pelo MySpace, como se poderá observar na tabela 3 com o Top10 das RS mais usadas em todo o mundo, bem como a idade mínima permitida para poder ter um perfil.

Tabela 3- Ranking das redes sociais mais utilizadas e a idade mínima para ter o perfil

Rank	Rede Social	Idade mínima para perfil
1	Facebook	13
2	MySpace	14
3	Bebo	13
4	Friendster	16
5	hi5	13
6	Orkut	18
7	PerfSpot	13
8	Zorpia	16
9	Netlog	13
10	Habbo	13

Fonte: Social Networking Sites Review (2011).

O Facebook revela uma posição dominante nos Estados Unidos, na Europa Ocidental e é a terceira RS líder na Ásia. Ainda que o Facebook fosse a mais conhecida e utilizada em grande parte do mundo, havia regiões onde se evidenciava a importância de outras redes: o caso do Orkut na Índia ou a Tuenti no mercado espanhol e latino-americano. Como as RS entraram cada

⁴² Um estudo que analisa o comportamento dos internautas portugueses a partir de um painel de utilização doméstica.

vez mais na rotina das pessoas, as comunidades virtuais como o Facebook ganharam cada vez mais adeptos no mundo inteiro. Assim, os Estados Unidos ocupam o primeiro lugar no ranking mundial de países com maior número de utilizadores, seguido da Índia, Brasil, Indonésia e México. Quanto aos países, onde mais rapidamente cresceu o número, tendo ganho ainda mais relevo com a popularização de dispositivos móveis (smartphones ou tablets), o Brasil ocupa a primeira posição da lista com quase 65 milhões de utilizadores da Índia, Japão, Indonésia e México (Social Bakers, 2012)⁴³.

Sendo o Facebook, a RS com mais utilizadores a nível mundial, representa também um dos mais fortes grupos internacionais após o Google e a Microsoft. A nível financeiro, em menos de dois anos, o Facebook cresceu 53%. É esta a percentagem de receitas de publicidade que, no último trimestre, vieram de anúncios em telemóveis e *tablets*, aparelhos que em tempos foram considerados o calcanhar de Aquiles da RS. A poucos dias de celebrar dez anos, os indicadores mostravam que o Facebook cresceu dois dígitos ao longo de 2013. As receitas totais ao longo do ano passado foram de 7812 milhões de dólares (cerca de 5760 milhões de euros), o que significa um aumento de 55% face a 2012.

Embora a migração dos utilizadores para dispositivos móveis assustasse os investidores e contribuísse para o pouco sucesso da estreia em bolsa do Face, em Maio de 2012, o número de utilizadores diários, em média, passou para 751 milhões em Dezembro de 2013, mais 22% do que em 2012, e os utilizadores mensais foram 1230 milhões (mais 16%). Quanto ao número de utilizadores diários em dispositivos móveis, foi de 556 milhões – um aumento de 49%.

Em dez anos, o Facebook tornou-se um elo de ligação para um em cada sete habitantes do planeta, pretendendo ligar mais ao querer alargar o acesso à Internet. Assim, juntou-se a outras empresas, como a Samsung e a Nokia para um projeto chamado *Internet.org*. que visa reduzir o custo da Internet em

⁴³ O número de utilizadores no mundo e a tendência para o seu crescimento, consultado em <http://www.dw.de/cinco-pa%C3%ADses-onde-o-uso-do-facebook-mais-cresce/a-17056795>, em 29-10-2012.

telemóveis e conseguir assim chegar aos países em desenvolvimento, cujo potencial de crescimento é cada vez maior⁴⁴.

A e-Marketer prevê que até 2024 o Facebook continuará a adaptar-se aos *mobile*. Nestes últimos tempos, os dispositivos móveis assumiram grande importância, já que provocaram mudanças no comportamento dos utilizadores nas RS e na própria conceção de social media. Se os jovens eram antes vistos como exibicionistas, sem reservas quanto à partilha de conteúdo, são atualmente grandes protetores da sua privacidade devido ao *smartphone*, cujo carácter é mais privado. Aliás, prevê-se que em 2017, 2,5 mil milhões de pessoas possuam um *smartphone*, quando hoje são apenas 1,7 mil milhões.

Outra grande estratégia serão as aplicações que ofereçam diferentes experiências. O primeiro passo para a concretização da estratégia foi o lançamento da *app Paper*, um agregador de notícias apresentado recentemente.⁴⁵ Um estudo realizado pela Flurry⁴⁶ aponta que as *apps*⁴⁷ nas categorias de mensagens e social cresceram 203% em 2012 e que o uso de aplicativos móveis cresceu 115% em 2013. Deve-se ao facto de que os *smartphones* e *tablets* estão-se a tornar gradualmente nos nossos PCs. A tabela 4 demonstra as categorias e o crescimento que tiveram em 2013. Os *apps* de trocas de mensagem e compartilhamento de fotos, como Instagram, Vine, Facebook Messenger, SnapChat, WhatsApp, WeChat, KakaoTalk, e Line, são os serviços que mais crescem.

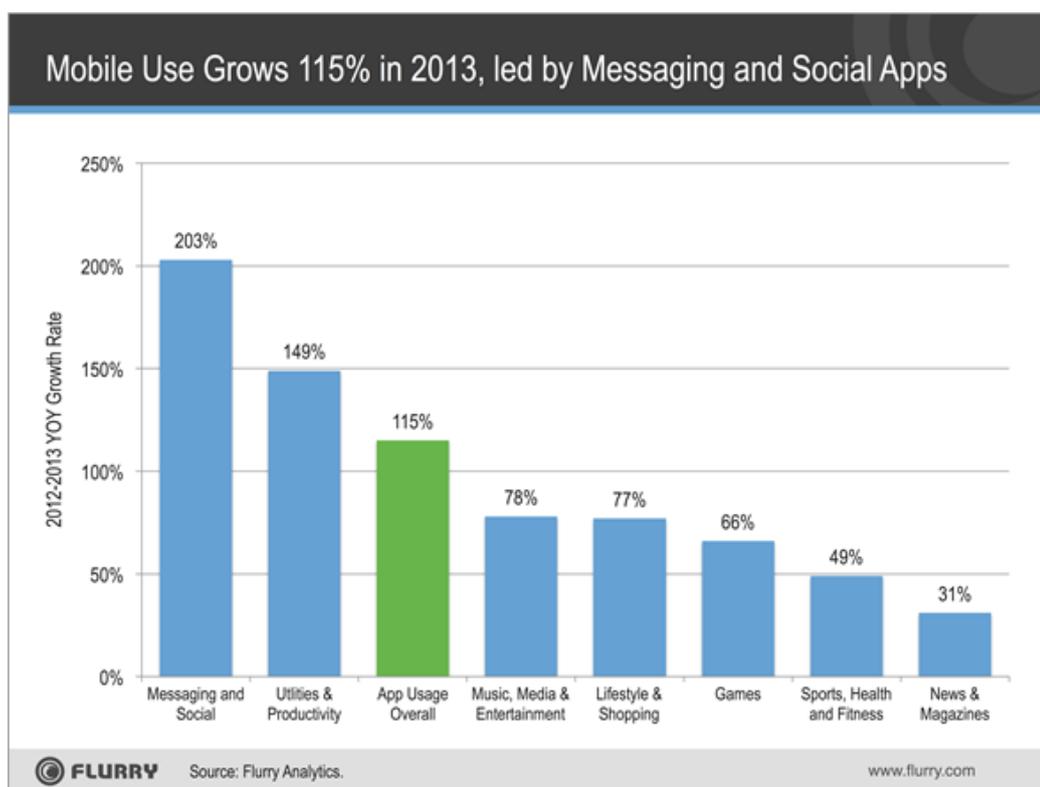
⁴⁴ A evolução do Facebook, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/o-facebook-faz-dez-anos-e-ha-cada-vez-mais-pessoas-para-gostar-disso-1622108#/4>, em 04-02-2014.

⁴⁵ Os *smartphones* e as aplicações, consultado em <http://www.ligateamedia.pt/ArticleItem/2424/pt/Internet/55479/5441/Como-sera-o-Facebook-em-2024>, em 04-02-2014.

⁴⁶ A Flurry, empresa que ajuda a desenvolver e a integrar plataformas de anúncios, desenvolveu um estudo baseado em sessões com mais de 400 mil *apps*- consultado em <http://www.proxima.com.br/home/mobile/2014/01/14/Uso-de-aplicativos-m-veis-cresceu-115-em-2013.html>, em 05-02-2014.

⁴⁷ A palavra *app* é a abreviatura de *application*, ou seja, aplicação, aplicação essa que é instalada num *smartphone*. A sua função é facilitar a vida aos utilizadores, ao proporcionar-lhes um acesso direto a serviços de notícias, informação meteorológica, jogos, GPS ou outros utilitários com o maior tipo de finalidades. Muitas delas são gratuitas e fáceis de instalar. Apesar da grande variedade de sistemas operativos são cada vez mais populares.

Tabela 4 – Maior uso dos *mobile*



Fonte: <http://www.proxima.com.br/home/mobile/2014/01/14/Uso-de-aplicativos-m-veis-cresceu-115--em-2013.html>⁴⁸

Assim, no futuro, o Facebook comportar-se-á como uma empresa de media que cria e comercializa aplicações para suprir necessidades de mercado, necessidades que não corresponderão apenas aos *smartphones* e *tablets*, mas aos acessórios que começam agora a surgir no mercado, como os *Google Glass* ou os relógios inteligentes.⁴⁹

Assim, o efeito Facebook, ao longo dos últimos tempos, como se pode ver na figura 10, sente-se não só em todo o mundo como na alteração das práticas mediáticas dos portugueses, quer na criação de novos espaços, quer na invasão de espaços ocupados pelos media tradicionais, e cuja adaptação a este novo ecossistema mediático é, cada vez mais, um imperativo para a sobrevivência.

⁴⁸ Relativamente ao uso de aplicações e telemóveis, consultado em <http://www.proxima.com.br/home/mobile/2014/01/14/Uso-de-aplicativos-m-veis-cresceu-115--em-2013.html>, em 06-02-2014.

⁴⁹ A história do Facebook, consultado em <http://www.ligateamedia.pt/ArticleItem/2424/pt/Internet/55479/5441/Como-sera-o-Facebook-em-2024>, em 05-02-2014.

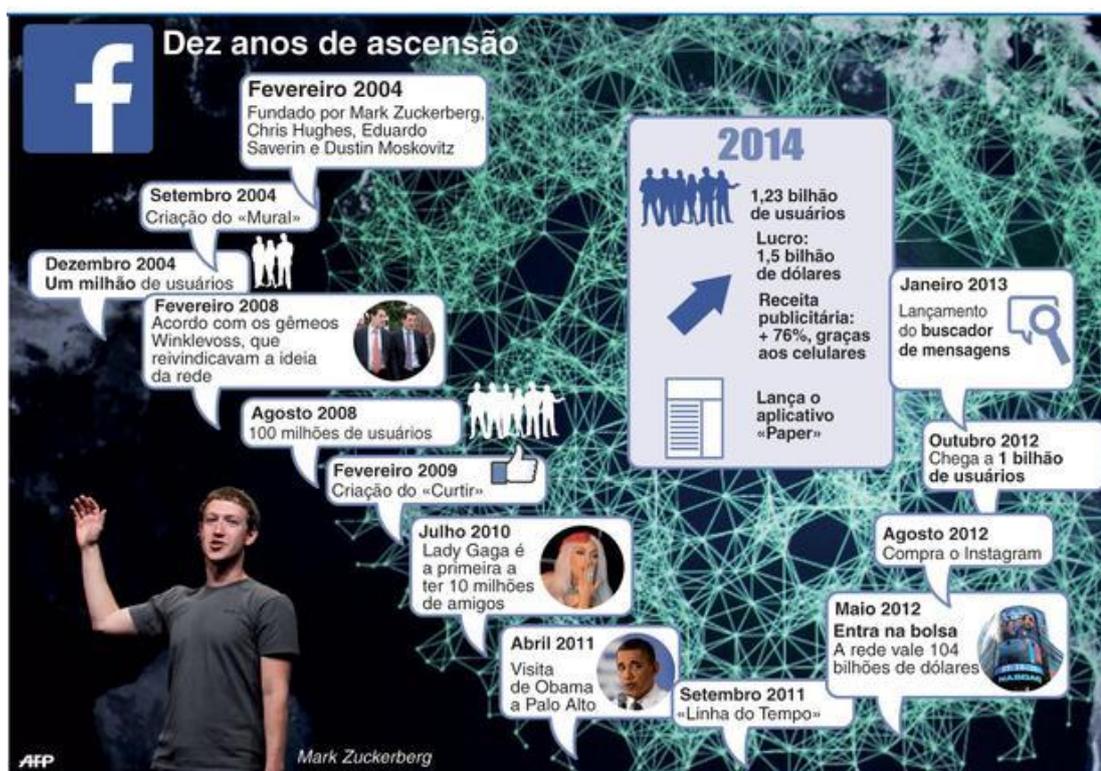


Ilustração 11 - A história do Facebook⁵⁰

2.2.3. O PERFIL DO ADOLESCENTE: UTILIZADOR DAS RS

"A velocidade e os avanços nas telecomunicações, na internet e na computação, a redução de distâncias através dos recursos de mídia, hoje tão reais no cotidiano dos adolescentes, pode amedrontar adultos, pais, orientadores e profissionais que não estejam acompanhando essas evoluções, que não estejam embasados e bem informados sobre este desenvolvimento assustadoramente galopante."

Isabel Bouzas (2011)

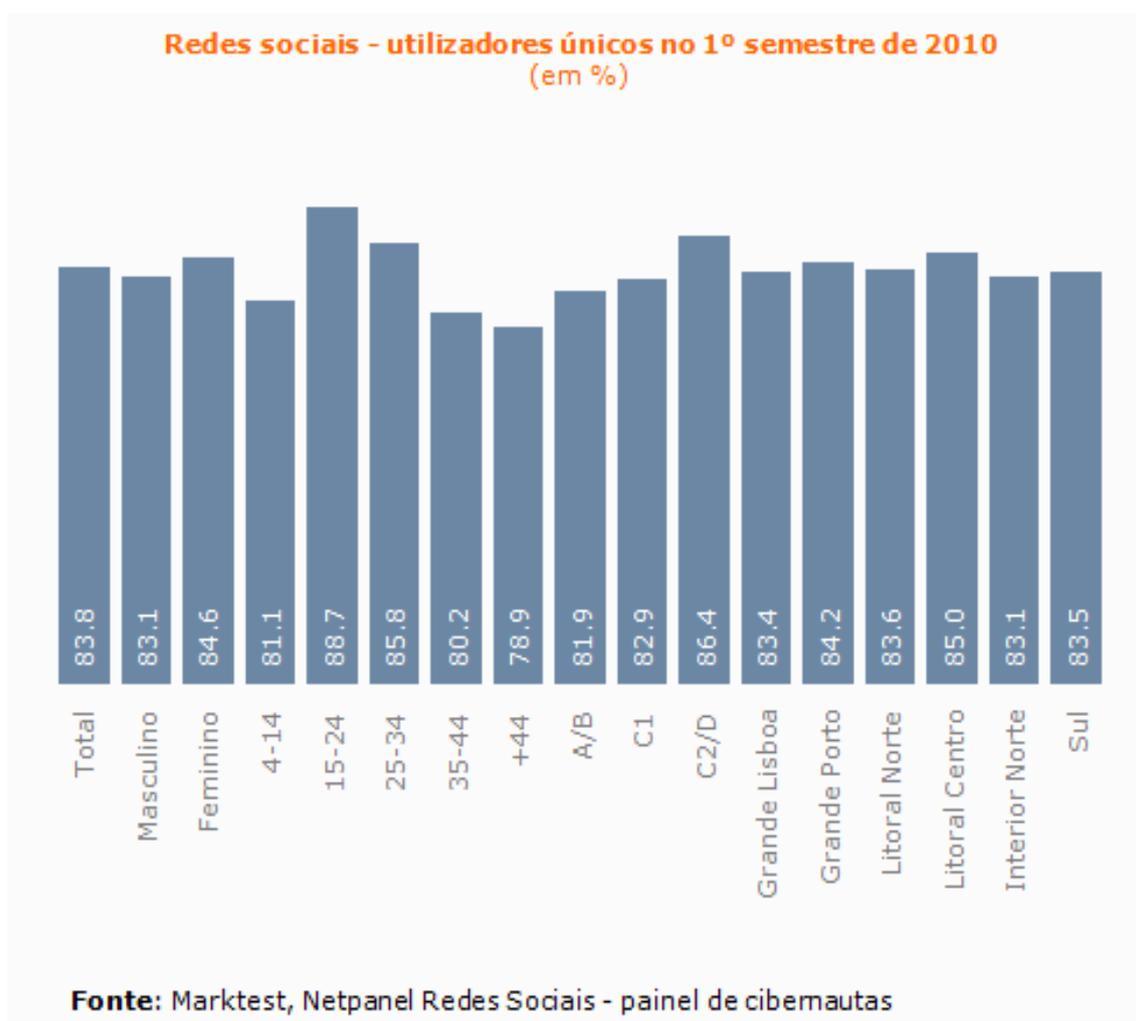
Antes de explorar o perfil do adolescente que utiliza as redes sociais, convirá referir que o uso destas tem vindo a aumentar consideravelmente. Embora não se consiga registar o número certo de adolescentes utilizadores em

⁵⁰ Ainda quando à evolução do Facebook ao longo dos tempos, <http://www.ligateamedia.pt/ArticleItem/2424/pt/Internet/55479/5441/Como-sera-o-Facebook-em-2024>, em 05-02-2014.

Portugal, na medida em que muitos dos estudos centram-se na população adulta, a nível mundial, sabemos que os jovens apresentam maior afinidade com as redes sociais. O gráfico 9 representa um estudo realizado pela Marktest (2011) que nos demonstra o número de utilizadores por faixa etária.

Segundo a Obercom 2012, a utilização de Internet apresenta uma tendência a diminuir em sentido inverso da idade: é na faixa dos 15 aos 24 anos que se encontra a maior parcela de utilizadores de Internet (90,6%). A utilização de net segue o mesmo sentido do grau de escolaridade, sendo próxima da totalidade nas três categorias cimeiras do percurso escolar.

Gráfico 10 - Utilização das redes sociais em 2010



Também A Netsonda (2013) demonstrou que 38% da população facebookiana são jovens com idades compreendidas entre os 15 e 24 anos. O mesmo revelava um estudo efetuado nos 27 países da União Europeia para analisar a segurança da utilização da internet pelas crianças vista pelos pais

(European Commission 2008, p. 21). O estudo revelou que 75% das crianças entre os 6 e os 17 anos já utilizam a internet, comparados com os 63% que usam o telemóvel – com ou sem acesso à internet. Com base nos dados da tabela fornecidos pela Comissão Europeia em 2008, pretendemos confirmar o uso da Internet pelos adolescentes e podemos verificar que a partir dos 12 anos a percentagem de utilizadores aumenta consideravelmente passando dos 80% aos 87% (European Commission 2008, p. 12).

Tabela 5 - Distribuição por idades das crianças que utilizam internet na UE

Idade	Masculino %	Feminino %	Total %
6 anos	39	45	42
7 anos	56	47	52
8 anos	57	55	56
9 anos	71	78	72
10 anos	76	77	77
11 anos	79	82	80
12 anos	83	87	85
13 anos	84	85	85
14 anos	84	84	84
15 anos	81	88	84
16 anos	84	91	87
17 anos	86	89	87

Fonte: European Commission (2008, p. 12).

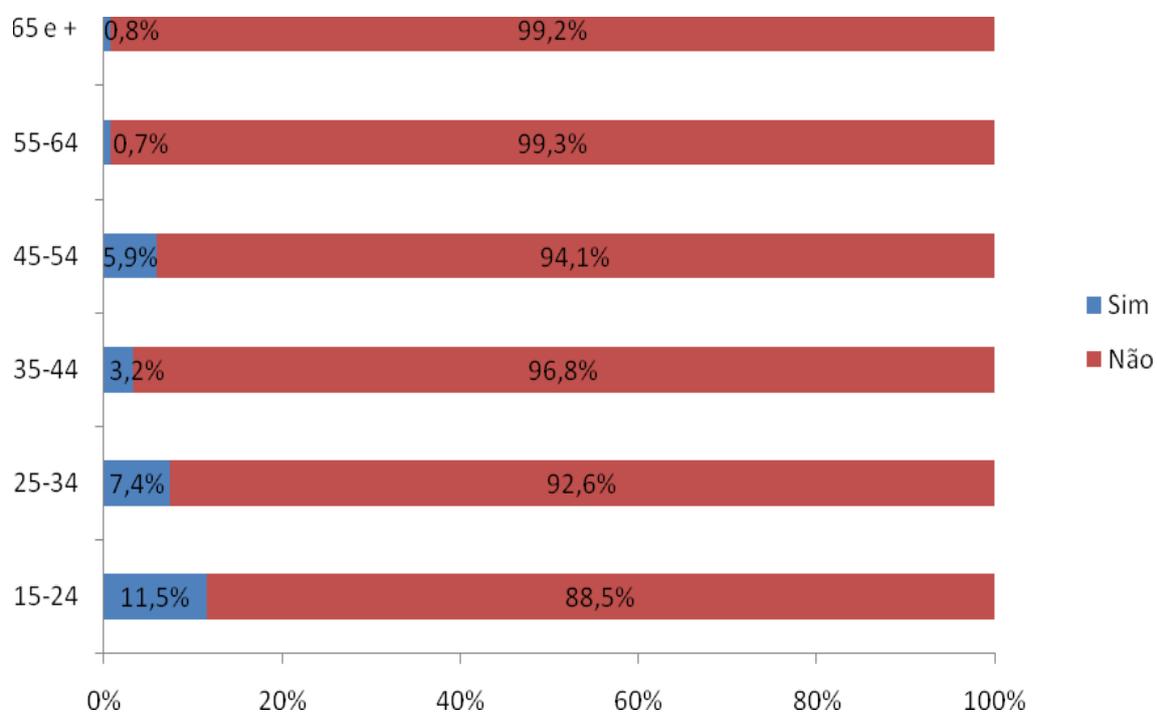
A análise da tabela 5 permite-nos concluir que os adolescentes utilizam com grande frequência a Internet e as RS, o que nos leva a questionar as razões do seu uso nesta fase. Mais, nos EUA, a maioria dos relatórios sugerem que quase totalidade dos adolescentes está *online*, e que criou um perfil pessoal num site de RS como o MySpace ou o Facebook. O Social Networking Sites Review (2011) referia que, segundo um estudo efetuado por Samsudin (2009), devido ao impacto e ao aumento da utilização das redes sociais pelos adolescentes, muitas destas estavam a limitar a idade mínima de inscrição nas mesmas. As RS mais utilizadas pelos adolescentes eram o Facebook, o Friendster, o Twitter e o MySpace, as redes mais populares entre os adultos, o que levava a que jovens de 12 e 13 anos também estivessem a criar as suas próprias contas de utilizador. Se na época esta informação era vista como alarmante e sentida com alguma reprovação, atualmente, todos reconhecemos

com alguma naturalidade que os adolescentes, a partir dos seus 10 anos de idade, abram uma conta de utilizador numa RS, contornando facilmente este limite de idade (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007). Aliás, a maioria fá-lo com a permissão e cumplicidade dos pais e a tendência será da idade diminuir, o que se deve a um bom conhecimento dos meandros da Internet. Perante estes dados, não podemos negar a influência e a importância que as RS *online* representam para os adolescentes.

De acordo com Social Networking Sites Review (2011), onde se apresenta o ranking das RS, o Facebook era a rede social que aparecia em primeiro lugar. Contudo, aparecem estudos contraditórios, que apontam para a saturação e o declínio, em breve, desta rede.

Como foi verificado nas situações anteriores, também são os inquiridos mais jovens aqueles que mais utilizam o Telemóvel para aceder à internet, aliás, confirma-se ainda que cada vez é maior o uso do telemóvel para ter acesso às RS, como se pode verificar na tabela 6 (Obercom, 2012).

Tabela 6 – Uso do telemóvel por faixas etárias



Fonte: Obercom 2012 -n=1255 (SR 2010)

Apesar da forte adesão ao Facebook pelos adolescentes, no início de 2013, um estudo da Universidade de Princeton (EUA) previu um “futuro negro” para o Facebook, afirmando que 80% dos utilizadores deixariam a rede social até 2017.⁵¹ Estas conclusões surgem numa altura em que são frequentes os relatos de abandono da plataforma pelos utilizadores adolescentes. O banco de investimento Piper Jaffray publicou igualmente os resultados de um inquérito em que o Twitter era a rede social preferida nesta faixa etária: 26% diziam usar sobretudo aquela plataforma, contra 23% que escolhiam o Facebook e outros tantos que tinham o Instagram como ferramenta predileta.

Também o mais recente estudo da *Pew Internet & American Life Project e Berkman Center* da Harvard University notava um sentimento de “fardo social” por parte dos jovens na utilização do Face. “Embora o Facebook ainda esteja profundamente integrado na vida quotidiana dos adolescentes é, às vezes, visto como algo utilitário e como uma obrigação, em vez de uma plataforma nova e entusiasmante”, escreveram os investigadores. Como se pode observar no gráfico 11, o estudo, porém, identificava a rede como a mais utilizada entre os jovens nos EUA. De facto, uma pesquisa no Google permite encontrar muitas páginas com uma lista de serviços e aplicações que os adolescentes estarão a usar como alternativa: o Twitter; o Snapchat, que permite o envio de imagens com texto, que se “autodestroem” em poucos segundos após o envio; o Instagram para partilha de fotografias (e que foi comprado pelo Facebook); e o Tumblr, uma mistura de blogues e de rede social, que tem sido muito usada para partilhar imagens⁵². O estudo revela que embora a maioria dos adolescentes estejam no Facebook com uma média de 400 amigos, o Twitter e Instagram são cada vez mais relevantes⁵³. Embora

⁵¹ O estudo foi feito tendo por base a observação do crescimento e do declínio do MySpace. Estes foram acompanhados por um crescimento e declínio das pesquisas no Google por aquele site, com base neste pressuposto, analisaram a evolução das pesquisas por Facebook e concluíram que a maioria dos utilizadores do Facebook abandonará a plataforma nos próximos anos – consultado em <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social,c862b236f78f3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>, em 05-02-2014.

⁵² No que diz respeito à adolescência e ao uso das tecnologias, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/os-adolescentes-estao-a-perder-o-interesse-pelo-facebook-1609413>, em 05-02-2014.

⁵³ Twitter poderá ser considerado uma alternativa ao Facebook para a população mais velha, os adolescentes utilizam-no normalmente como outro tipo de canal – quase como um canal SMS.

não se compare com o Facebook (94%), a título de exemplo, o crescimento do Twitter é impressionante com o número de adolescentes (12-17) utilizadores a duplicar de 2011 para 2012 (26%).

Gráfico 11 – Os perfis dos adolescentes nas RS

Where teens have social media profiles or accounts
 % of teen social media users who use the following sites ...

	2011	2012
Facebook	93%	94%
Twitter	12	26
Instagram	n/a	11
MySpace	24	7
YouTube	6	7
Tumblr	2	5
Google Plus	n/a	3
Yahoo (unspecified)	7	2
myYearbook	2	*
Pinterest	n/a	1
Gmail	n/a	1
Meet Me	n/a	1
Other	8	6
Don't know / Don't have own profile	2	1

Fonte: *Pew Internet & American Life Project e Berkman Center (2012)*

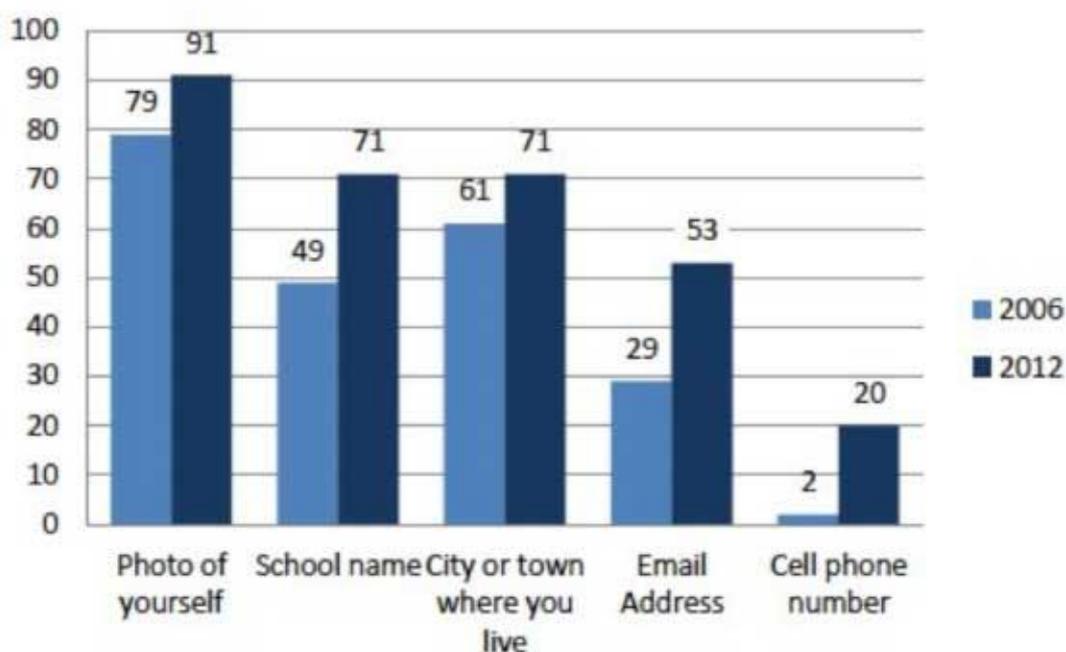
Também de ano para ano, a partilha de informação pessoal aumenta. Por um lado esta geração, os *digital natives*, habituaram-se a ter uma presença contínua *online*. Por outro, ainda não têm o devido cuidado com a sua privacidade e conseqüentemente, a sua segurança. Se 81% dos pais se preocupam com a privacidade dos adolescentes, apenas 40% dos adolescentes se inquietam mesmo. Mesmo assim, 60% dos perfis estão em modo privado – com uma maior percentagem de raparigas. O gráfico 12 revela que os adolescentes partilham *online*:

- 91% publicam uma fotografia pessoal (aumento de 79%);
- 71% publicam a sua escola;
- 71% publicam a cidade onde vivem;

- 53% publicam o seu email;
- 20% publicam o seu número de telemóvel;

Gráfico 12 – Os perfis dos adolescentes

Social media profiles: What teens post – 2006 vs. 2012



Fonte: *Pew Internet & American Life Project e Berkman Center (2012)*

Além desta informação:

- 92% publicam o seu nome verdadeiro;
- 84% publicam os seus interesses – filmes, música ou livros;
- 82% publicam a sua data de nascimento;
- 62% publicam uma relação;
- 24% publicam vídeos pessoais.⁵⁴

Em Portugal, embora não haja muitos estudos que permitam saber se as tendências americanas se verificam também cá, os usos dividem-se. Há jovens

⁵⁴ O perfil dos adolescentes nas redes sociais, consultado em <http://www.tudomudou.com/2013/05/23/94-dos-adolescentes-utilizam-facebook-twitter-instagram-crescem/>, em 05-02-2014.

que revelam que os seus inícios nas redes sociais foram no Facebook, depois para o Twitter e agora para o Instagram, mais mundial, outros que o Facebook sempre foi a única rede social que usou e uma das principais ferramentas de comunicação com os amigos, com o Skype. Alguns têm familiares mais velhos como “amigos” na rede social mas sentem algum desconforto com tanta visibilidade. A investigadora Cristina Ponte, da Universidade Nova de Lisboa e responsável em Portugal pelo projeto europeu *EU Kids Online*, afirma que, embora não tenha dados sobre o assunto, não ficaria surpreendida se o que se passa nos EUA acontecesse por cá. A mistura de pessoas (pais, familiares, professores, colegas) de vários círculos e idades nas listas de ‘amigos’ leva a algum desconforto com a visibilidade alargada da troca de mensagens entre adolescentes e os comentários indesejados que se imiscuem. Tito de Morais, especialista em segurança de jovens na Internet, observa uma grande adesão ao Facebook nas escolas onde dá formações. Usam também outro tipo de aplicações. Antes usavam o Messenger (da Microsoft), passaram para o *chat* do Facebook e tendem a usar outras aplicações móveis em simultâneo – um fenómeno impulsionado pela proliferação de *smartphones* Android de baixa gama e preços mais reduzidos.

No âmbito do projeto europeu *EU Kids Online* (Portugal), sabe-se ainda que 93% das crianças portuguesas acedem à Internet a partir de casa, que são líderes no acesso à Internet através do portátil (65%) e que, ao contrário da tendência europeia, quanto mais baixo o nível socioeconómico, maior é o uso da Internet. Usam a Internet para trabalhos escolares (89%) e jogos (83%), Ver vídeos (70%), trocar mensagens instantâneas (69%) e enviar e receber mails (66%). Apenas um em cada três lê/vê as notícias na Internet (32%). Quanto ao gasto de tempo na sociedade em rede, os adolescentes inquiridos a nível nacional dizem que passam, em média, sensivelmente 10 horas por semana em casa, hora e meia a enviar e receber emails e mais de duas horas em chats e grupos de discussões e a pesquisar informação para a escola. Perto de 3 horas semanais são passadas, em média, a jogar. Na escola, há muito pouco tempo de uso pessoal da internet visto que a maior parte do tempo -

mais de uma hora e meia semanal, em média – é passado a pesquisar informação para a própria escola.

A média etária de primeira utilização da Internet é das mais baixas na Europa situando-se nos 10 anos⁵⁵. O estudo “Crianças e Internet: Uso e Representações, a Família e a Escola” (2011) demonstra que quanto mais velho o aluno é, maior será o uso e o tempo passado na Internet e que entre os adolescentes mais familiarizados, grande parte afirmam serem eles que mais sabem sobre internet em casa, o que revela que em muitos lares portugueses há uma grande discrepância de conhecimentos entre os pais e os filhos, que demonstram ter maiores competências na utilização das novas tecnologias. Quanto a usos produtivos e criativos: apenas 11% publicaram uma mensagem num *website*, 10% passaram tempo num mundo virtual e 7% escreveram um *blog* ou usaram *sites* de partilha de ficheiros.

Apesar de estes números gerais, existem diferenças em termos de género entre as crianças/jovens dos 9-12 anos de idade, sendo que os rapazes têm mais acesso à Internet nos seus quartos e mostram um uso mais diversificado, enquanto as raparigas usam a Internet sobretudo para trabalhos escolares. Na faixa etária dos 13-16 anos de idade, para ambos os sexos, é mais importante contactar com outros.

Também em maio de 2012, a psicóloga Teresa Paula Marques reuniu dados de 3556 utilizadores portugueses entre os 14 e os 20 anos, para uma tese de doutoramento sobre o impacto da rede social nos jovens. Embora o estudo não permitisse retirar conclusões sobre um eventual abandono ou desinteresse, observou que “utilizam o Facebook sobretudo para atividades de relacionamento social (estar a par da vida dos amigos e para fazer novos amigos), para se manterem informados acerca do país e do mundo e ainda para divulgarem trabalhos (fotografias, *hobbies*). Os inquiridos passavam, em média, 1,5 horas por dia no Facebook.

⁵⁵ No que diz respeito à idade média das primeiras utilizações da Internet, consultado em <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>, em 28-11-2013.

No relatório anual de 2012, o próprio Facebook admitia que, apesar das dificuldades de medição⁵⁶ embora acreditassem que alguns dos utilizadores reduzissem o seu envolvimento com o Facebook em favor de um maior envolvimento com outros produtos ou serviços como o Instagram, os adolescentes continuariam a usar a plataforma ativamente.⁵⁷

A nível mundial, a *OnDevice Research* promoveu um estudo⁵⁸ em que revela que o Facebook perdeu a sua liderança em *messaging* para a WhatsApp. Como já foi visto, os *Social messaging apps* têm tido um enorme crescimento graças à geração dos nativos digitais dado a sua natureza e capacidade de disrupção, num mercado onde os utilizadores eram forçados a pagar para enviar mensagens – SMS. A *WhatsApp* lidera agora o *messaging*, sendo que nos Estados Unidos, o Facebook perdeu a sua liderança com 35% versus WhatsApp com 45% de utilização⁵⁹.

A este propósito, Gustavo Cardoso nota que os jovens poderão estar cansados de um imperativo de partilha, fazendo um uso diferente da plataforma, na medida em que o Face introduziu uma obrigatoriedade de partilhar, de dizer alguma coisa, o que pode causar cansaço, mas que certamente desenvolveram estratégias de contactabilidade, isto é, sabem ignorar algumas chamadas.

Já Armando Alves, responsável pelos media sociais na agência de marketing Fullsix, acredita que a popularidade, bem como o desempenho financeiro recente, mostram que o Facebook tem “mais de dez anos” pela frente. Como já foi referido, a empresa cresceu financeiramente dois dígitos. Apesar dos relatos sobre pessoas cansadas da conectividade constante, que vão surgindo nos media e nas conversas, e dos segmentos mais jovens

⁵⁶ Muitos jovens mentem na idade para poderem aceder ao site quando a idade mínima é de 13 anos.

⁵⁷ O uso do Facebook pelos adolescentes, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/os-adolescentes-estao-a-perder-o-interesse-pelo-facebook-1609413>, em 06-02-2014.

⁵⁸ O estudo inquiriu 3,759 pessoas com *smartphones* em 5 países diferentes (US, Brasil, África do Sul, Indonésia e China).

⁵⁹ O uso do Facebook e o uso do Whatsapp, consultado em <http://www.tudomudou.com/2013/12/10/whatsapp-facebook-novo-estudo-revela-a-guerra-do-messaging/>, em 06-02-2014.

acederem a novos canais e terem mais conhecimento tecnológico, pensa que a generalidade das pessoas gasta cada vez mais tempo na plataforma.

Perante esta análise e os números do uso do Facebook, temos de nos debruçar sobre as características da fase adolescência. Já Piaget chamava a atenção para características como a confusão, o egocentrismo, a insegurança e o sentimento de exclusividade (1968).

Uma das formas de combater estes sentimentos é a de procurar integrar um grupo:

Being a member of an ingroup provides a temporary sense of security in being different (and generally better) than the outgroup. These ingroup-outgroup associations are often based on transient and trivial artificial social identifiers which change from year to year. (Erikson, 1950/1993 citado por Zheng et alii, p.58).

Também a amizade é muito importante para os adolescentes e o manter contacto com os amigos e falar *online* ajuda a estabelecer a identidade. Desta forma, o uso das redes sociais é uma importante fonte de apoio e conforto ao jovem adolescente que está a sofrer uma transição, quer cognitiva, quer física (Clarke, 2009).

Zengh (2011), cita ainda Waterman & Archer, (1990) a propósito do desenvolvimento identitário e social do adolescente na comunicação *online*:

Both reciprocity and the individualization are important concepts in understanding adolescents' social identity and developmental identity in teen online communication since adolescent development is characterized by a process of increasing social awareness with a constant effort of adjusting to social norms on the part of individuals.

Também nas várias edições da revista *Adolescência & Saúde*⁶⁰, a propósito das constantes mudanças tecnológicas aliadas às constantes

⁶⁰A Revista *Adolescência e Saúde* nasceu em 2004 no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), setor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que desde 1974 é responsável pela saúde do adolescente e que conta com mais de uma centena de profissionais que atuam nas mais diversas áreas da saúde, sendo um centro de referência nacional e internacional na área.

alterações biopsicossociais da adolescência, Isabel Bouzas alertava para esta grande preocupação:

O mundo do século XXI é tão dinâmico que os pensadores da contemporaneidade não conseguem analisá-lo de modo a sintetizá-lo. Volta e meia assistimos a alguns acontecimentos que reconfiguram a maneira como cientistas políticos pensam o nosso tempo. As verdades de hoje dificilmente serão as mesmas de amanhã. O adolescente também é assim. Um "micromundo" de rápidas transformações, só que biopsicossociais.

(Bouzas, 2011, p.3)

Nunca na história da vida social, tantos estímulos externos se associaram tão intensamente às mudanças internas do indivíduo. Bouzas alerta que "o mundo tecnológico está sempre a estimular os adolescentes, propondo-lhes o "descobrimento do mundo" e o degustar de "todos os prazeres"; aliando-se a isso, a energia e a criatividade características desta fase". (Bouzas, 2011, p.3). Tendo em conta que as principais preocupações da vida de um adolescente são a aparência, os hábitos e o ser ou não ser aceite pelos seus pares (Bouzas, 2013), tendo em conta que para um crescimento saudável, é fundamental, os adolescentes viverem em bons ambientes (na escola, em casa e entre os amigos), estes relacionam-se sobretudo pela internet. Assim, torna-se necessário conhecer a relação entre os adolescentes e o uso crescente das redes sociais, as características inatas, as peculiaridades e os novos comportamentos que enriquecem e dão vida ao novo universo que dinamiza a adolescência (Bouzas, 2011).

No estudo "E-Generation – Os usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal", verifica-se que há uma "descontinuidade" em relação às formas anteriores de relacionamento e ao consumo de produtos mediáticos. Assim, os jovens mais familiarizados com as novas tecnologias, contribuem para a "perda do lugar central da televisão em termos subjetivos", ou seja, a televisão como "um media familiar está em declínio" e passa a inserir "uma rede convivial, real ou virtual, permitida pela emergência de novas tecnologias e de novos media" (Cardoso & Espanha, 2012, p. 393), o que poderá confundir as gerações mais

velhas. Assim, as novas gerações são socializadas num novo domínio da interatividade da comunicação e com a emergência de um sistema múltiplo de produtores e distribuidores. Os autores do estudo acrescentam que:

Esta socialização no sistema mediático contemporâneo tem permitido a aquisição intuitiva por parte dos jovens de novas competências como se pode demonstrar pela maior facilidade de explorar a interligação entre várias realidades mediáticas e métodos de operar vários expedientes mediáticos simultaneamente. (Cardoso & Espanha, 2012, p. 391)

O ver televisão ou navegar na internet representa a justaposição de práticas em regime de multitarefa com outras atividades quotidianas. Mais, uma grande parte do desenvolvimento social e emocional desta geração terá lugar em frente ao computador ou ao lado do telemóvel. Contudo, embora muitos sejam os estudos que pretendem demonstrar que o uso das redes sociais potencia a depressão, influencia a autoestima e a qualidade das interações sociais os resultados ainda são ainda muito confusos e nada definem de claro⁶¹. Outra parte preocupante é a sexualidade que passa a ser vivida no espaço cibernético e não no real, o que mais uma vez nos remete para a necessidade dos pais estarem atentos ao uso que os filhos fazem das Internet.

Pese embora toda a preocupação dos pais e encarregados de educação com os perigos da Internet, o estudo "E-Generation – Os usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal" refere que uma das principais utilizações sociais da rede é a interação e comunicação com os pares da escola ou de outros contextos sociais através de sms, chats, fóruns, grupos de interesse ou da

⁶¹ Moutinho, AIG, Oliveira ARF, Torres BDPSDA, Costa NRG, Azevedo SM, et al. E-DARS_ Estudo da Depressão em Adolescentes e Redes Sociais. *Adolesc. Saude.* 2013; 10 (2): 30 -38.

Este último estudo teve como base os três estudos que se seguem que defendem que um grande uso das RS pode potenciar sintomas depressivos. Contudo, o estudo não foi conclusivo nesse sentido.

Bagwell CL, Newcomb AF, Bukowski WM. Amizade Preadolescent e rejeição pelos pares como preditores de ajuste adulto. *desenvolvimento da criança.* , 1998; 69 :140-153.

Bargh JA, McKenna KYA. . Na internet e vida social *Revisão Anual de Psicologia.* de 2004; 55:573-590.

Barão NS. Vê-lo on-line: As questões de gênero no uso estudante universitário de mensagens instantâneas. *Journal of Language and Social Psychology.* de 2004; 23 :397-423.

utilização de site na internet em que se possa criar uma rede de amigos. A interação, a maioria das vezes, decorre entre o que se passa *online* e *offline*. Isto é, a preferência recai no convívio com os amigos ou amigas. Outro ponto é o da comunicação que pode constituir igualmente “uma forma de apresentação da identidade juvenil que é feita muitas vezes através de personalizações” (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007, p. 113). Os autores definem as personalizações como formas de demonstração do estado de alma, de uma causa ou ideia, através de fotos, imagens, mensagens com citações favoritas, frases pessoais, pensamentos ou pela indicação das músicas que estão a ouvir no momento, o que revela uma clara emergência de novas possibilidades de expressão e também de interação.

Também se verifica uma cultura multimédia emergente com jogos, práticas, interações, sociabilidades e conversas através da organização de clãs de jogadores na internet e de comunidades *online*, autênticos palcos virtuais em que se constrói e projeta a identidade.

Este estudo⁶² revela ainda que há dois perfis de público que se diferenciam quanto ao acesso à internet e quanto ao próprio conhecimento das possibilidades da internet. Por um lado, estarão os adolescentes inquiridos *online*, os quais são os que estão mais familiarizados com a utilização de computadores e da internet, que fazem um maior uso das ferramentas pedagógicas, como enciclopédias multimédia, software de processamento de texto. Por outro lado, estarão os jovens respondentes a nível nacional que evidenciam muito menos competências e conhecimentos no que respeita à utilização da internet. Assim, no inquérito realizado a nível nacional, cerca de 70% dos jovens são utilizadores da internet, mas entre estes, pouco mais de metade têm acesso à internet em casa, o que contrasta com os dados apurados no inquérito *online*, em que perto de 90% dos respondentes possuem ligação à internet em casa, o local privilegiado de utilização da rede. A falta de um computador pessoal é a principal razão para a não utilização da internet. A escola ganha uma importância estratégica quanto ao desenvolvimento e

⁶² Este foi um estudo realizado em Portugal em 2006 com inquiridos a fim de conhecer os usos dos media pelas crianças e jovens. Relativamente ao uso da Internet, havia inquiridos a nível on-line e face-a-face- consultado em <http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/>, em 26-09-2013.

promoção da info-literacia de vastos sectores da população juvenil que não têm acesso à internet em casa.

Relativamente aos gastos de tempo na sociedade em rede, os jovens inquiridos a nível nacional passam, em média, sensivelmente 10 horas semanais, em casa, a utilizarem a internet e passam cerca de 15 horas semanais a verem televisão. Os inquiridos *online* utilizam, na sua generalidade, mais tempo o computador, sendo que durante a semana, metade navegam na internet mais de duas horas diárias. Durante a semana, o principal período de ligação à rede é de tarde até às 20 horas. Durante o fim-de-semana, o tempo passado na rede tende a aumentar, sendo que cerca de um quarto dos jovens utiliza-a todo o dia. Quanto ao tempo passado a ver televisão, corresponde para um pouco mais de metade dos inquiridos, entre uma a quatro horas de televisão.

Os jovens revelam características de socialização como a reciprocidade, a procura de reajustamento social e um desvinculo da individualização que se coadunam com o perfil do utilizador de uma rede social. Para além de constituir um espaço de cooperação e conectividade, também constitui um espaço bastante funcional, de inovação tecnológica e de constante evolução em que surgem informação e diversas aplicações e ferramentas interativas (Friedman, 2009). Assim surge o conceito de ciberespaço (Lévy, 1997), o conceito de espaço de comunicação aberto em que as informações são partilhadas e acrescidas.

Existem diferentes perspetivas para explicar as razões por que as redes sociais são usadas pelos adolescentes. Clarke (2009) afirma que a amizade é muito importante para os adolescentes e manter contacto com velhos amigos e falar *online* ajuda a estabelecer a identidade. O uso das redes sociais é uma importante fonte de apoio e conforto ao jovem adolescente que está a sofrer uma transição, quer cognitiva, quer física por razões de mudança de escola. Parece que na era digital as crianças podem ser "amigos para sempre".

Por outro lado, Boyd (2007) explica o papel que as redes sociais desempenham junto dos adolescentes dos EUA como sendo, na maioria dos casos, forma de obter informações sobre os seus cantores favoritos que têm

igualmente perfis nas redes sociais e, por outro lado, fazer *downloads* de música e poderem ouvi-la gratuitamente.

De acordo com Greenhow, e Robelia (2009), desde a introdução das redes sociais no final dos anos 1990, estas têm atraído milhões de utilizadores. Muitos são os relatórios que a maioria dos adolescentes *online*, nos EUA, criou um perfil pessoal num site de redes sociais como o MySpace ou o Facebook (Lenhart e Madden, 2007) e visitam a sua página diariamente, uma média cerca de 9 horas por semana. Este mesmo estudo revelou ainda que quando não podem estar presentes, mantêm-se nas redes sociais para compensar o facto de não poderem estar presentes fisicamente.

Perante tão alargada plateia, a Equipa Data Facebook, grupo de investigadores da própria empresa especializada na análise de dados da rede social, analisou o comportamento verbal dos adolescentes. Enquanto os mais velhos conversam sobre temas como a política, religião e família, os mais novos gostam de conversar sobre inumerados temas, de gozar, de utilizarem termos agressivos e com estruturas com o grande predomínio da primeira pessoa (eu, meu).

No entanto, apesar de tão grande adesão, as atuais notícias refletem algum abandono da rede facebookiana. Daniel Miller, responsável por uma investigação desenvolvida na Universidade College⁶³ de Londres, revelou ao jornal "The Guardian" que o site estava "morto e enterrado". A principal razão apontada foi o facto de os pais passarem a usá-lo como uma forma de estarem em contacto com a família, o que confunde os jovens. De facto, num estudo conduzido pelo centro educacional Kaplan nos Estados Unidos, entrevistaram cerca de 2300 adolescentes com menos de 18 anos que possuem conta no Facebook. 35% dos inquiridos não aceitaram o pedido dos seus progenitores, sendo que 38% ignoraram muito simplesmente o convite.

Contudo, quando o Facebook está a perder popularidade entre os nativos digitais, pelo menos nos EUA, onde mais do que um estudo tem apontado para um cansaço desta faixa etária e para a adoção de outras plataformas, algumas

⁶³ <http://expresso.sapo.pt/facebook-esta-morto-para-os-adolescentes=f848166#ixzz2rcXfSk1H>. A Universidade College de Londres realizou um estudo durante 15 meses em oito países da União Europeia sobre o uso das redes sociais por parte dos adolescentes.

atualizações foram feitas pelo gigante. Numa nota em que anunciou a mudança de funcionamento, a empresa reconheceu que esta medida se tratava de uma aproximação aos adolescentes, permitindo-lhes uma partilha mais alargada, tal como nos outros serviços de media sociais. Reconheceu ainda a importância desta faixa etária, ao afirmar que os adolescentes constituíam o grupo mais capaz no uso dos media social e que tanto ao nível de envolvimento cívico, ao nível do ativismo social, como ao nível das suas opiniões sobre um filme ou outra manifestação cultural, mereciam ser ouvidos ⁶⁴.

2.2.4. REDES SOCIAIS E/ OU FERRAMENTAS SOCIAIS

Um olhar sobre o ciberespaço nos permite observar uma série de páginas, portais, aplicações e ferramentas *online* que permitem aos professores, alunos e autodidatas explorar as suas potencialidades. Falamos de blogues, wikis, *podcasts*, e-Portefólios, comunicação pela internet (Skype, VoIP), *social networking* (Facebook, Twitter), social bookmarking (Delicious, Digg), mundos virtuais 3D (Second Life), partilha de imagens (Flickr), partilha de vídeos (YouTube), fóruns, *e-Books*, *chat* (Gtalk, MSN), jogos Online, *mashups*, mobile learning, RSS *feeds*, sites (Google sites), apresentações (Prezi, Slideshare), ferramentas de colaboração (Google Docs, Yahoo Groups), entre outros tantos mais.

No caso da nossa investigação, tendo à vista um importante número de utilizadores e o seu principal público, os adolescentes, interessa-nos as redes sociais ou *social networking* como o Facebook que podem constituir ferramentas inovadoras e construtoras de aprendizagens significativas para os nossos alunos. Como vimos, a sua utilização é bastante expressiva nos jovens que se vão rapidamente adaptando às diferentes funcionalidades. Apesar da presença dos “mais velhos” nas RS, continuam com o seu perfil para se manterem atualizados e *online*. Aliás,

⁶⁴ Os adolescentes e o uso do Facebook, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/facebook-deixa-adolescentes-partilharem-publicamente-1609409>, em 06-02-2014.

a socialização e a interação são características que os jovens mais prezam a fim de poderem comunicar com os seus contatos (amigos, colegas, pais, familiares, conhecidos ou desconhecidos...). Ademais, com as novas aplicações e a nova geração de telemóveis, os smartphones, o uso aumenta e o fascínio ainda é maior.

Lançado em 2004 por Mark Zuckerberg a partir do seu dormitório na Universidade de Harvard para que a comunidade estudantil pudesse comunicar entre si, mais tarde o Facebook é alargado a outras universidades como Stanford, Columbia e Yale, passando a contabilizar no final do ano um milhão de utilizadores.⁶⁵



Ilustração 12 - As funcionalidades dos medias sociais (Frederic Cavazza, 2012)⁶⁶

⁶⁵ A história do Facebook, consultado em <http://www.facebook.com/>, em 06-02-2014.

⁶⁶ Relativamente à evolução das funcionalidades das redes sociais, consultado em <http://www.mediasociaux.fr/2012/02/20/panorama-des-medias-sociaux-2012/>, a 27-11-2013.

O site passou a ganhar várias funcionalidades que o tornaram mais agradável e atraente e que lhe conferiram o lugar de maior rede social no mundo, a rede que tem vindo cada vez mais a afirmar a sua posição em todo o mundo, apostando na inovação ao nível de estrutura e aparência da rede, bem como de aplicações que operam nessa estrutura.

Assim, no ambiente virtual, os utilizadores das redes sociais apresentam o seu perfil de forma mais ou menos ativa, atualizando o seu status na rede e afirmando se gostam ou não gostam utilizando o botão like. Assim, o mural do Facebook reúne um leque de funcionalidades, que revelam uma série de interações entre os utilizadores e representam todas atividades que se podem realizar.



Ilustração 13 - "INFOGRÁFICO: O ACONTECE EM 60 SEGUNDOS NA WEB SOCIAL"⁶⁷

⁶⁷ Relativamente a tudo que se pode fazer nas redes sociais, consultado em http://www.vianova-company.de/infografik-was-in-60-sekunden-im-social-web-passiert/#.VFN97Kh_sVd a 03-06-2014.

Os utilizadores conversam entre si no chat, enviam mensagens e recebem, trocam experiências entre si partilhando documentos, vídeos, filmes, imagens, colocam fotos, tecem comentários, consultam páginas do seu interesse, criam eventos ou colocam notas. A rede social torna-se um processo colaborativo, assente na interação, discussão e construção das experiências de todos os seus utilizadores, tornando a sua relação mais próxima, imediata, colaborativa e interativa. Para além das funcionalidades e aplicações próprias da rede (mural, ligações, eventos, notas, fotos e vídeos, chat...), permite ainda o uso de aplicações externas.

O desafio da escola é inserir as Ferramentas Sociais, como o Youtube e o Facebook também conhecidas como Redes Sociais no espaço da sala de aula, na escola, e na vivência da sociedade, visando a construção de uma cidadania democrática e participativa. Sendo assim, os educadores e alunos usam as Ferramentas Sociais para a partilha e troca de experiências e conteúdos.

Por ferramentas Sociais (Sousa, 2013), a autora entende que, também consideradas como medias sociais, como ferramentas virtualizantes, disponíveis no ciberespaço, são instrumentos utilizados na Internet não só para estreitar e agrupar as relações sociais como também para criar ambientes de trabalho colaborativo. Mediadas pelo computador, estas manifestações coletivas surgem em espaços de cooperação com indivíduos, que apresentam interesses e características em comuns, e permitem a produção de conteúdos de forma descentralizada – “sociedade em rede” de Castells. Os medias sociais são sistemas *online* projetados para permitir a interação social a partir do compartilhamento e da criação colaborativa de informação nos mais diversos formatos - textos, imagens, áudios e vídeos.

Em suma, trata-se do conjunto de ferramentas gratuitas disponíveis na Internet destinadas a promoção do trabalho colaborativo e da interatividade, à criação, administração, publicação e armazenamento de conteúdo, e que facilitam ou fornecem suportes para a execução das tarefas antes mencionadas. Distinguem-se das Redes Sociais porque estas últimas são usadas em conjunto, formando grande interações sociais, mas com a quase-única finalidade de estreitar as relações sociais.

Com o uso das Ferramentas Sociais, os professores abrem novas oportunidades de aprendizagem a outros momentos e locais fora da escola – Escola 3.0., possibilitando o surgimento de novos espaços de aprendizagem e a formação de cidadãos críticos – reflexivos, contribuindo ainda para o melhor relacionamento entre professores e alunos.

No âmbito de um estudo⁶⁸, Sousa (2013) demonstrou que as redes sociais, antes, ferramentas sociais podem ser vistas como elementos estruturantes num ambiente inovador na construção coletiva do conhecimento e como uma mais-valia do processo ensino aprendizagem:

A utilização das Ferramentas Sociais na educação está cada vez mais apropriada para a melhoria no desenvolvimento da escrita e envolvimento entre educadores e alunos. Sendo assim, esses educadores e alunos usam as Ferramentas Sociais para trocar experiências, avaliações e conteúdos com informações de aprendizagem em todos os níveis de estudos.

(Sousa, 2013, p. 2)

Neste contexto, o professor é o protagonista da concretização curricular sobre quem recai a última palavra da integração das tecnologias. As redes de conhecimento incentivam nos professores o interesse pelo trabalho colaborativo e o respeito à diversidade. Estas ferramentas permitem ainda que a escola ganhe alguma visibilidade na comunidade escolar por meio da publicação em rede, produzindo trabalhos com a construção colaborativa do conhecimento incentivando a pesquisa, a comunicação, a publicação e a aprendizagem em rede. Toda esta integração representa uma proposta de mudança tanto em termos de concepções educativas como em muitos aspetos de organização, funcionais e metodológicos, tendo em conta o sistema escolar e a formação dos professores.

⁶⁸ Os sujeitos deste trabalho são professores e alunos, de uma Escola Pública de Ensino Médio localizada em Itabuna. Com esta investigação, pretendia-se utilizar as ferramentas sociais em contexto de sala de aula a fim de estudá-las como elementos estruturantes na construção coletiva do conhecimento e melhoria do processo ensino aprendizagem.

Como já foi referido, as ferramentas Web 2.0 e as redes sociais através das suas características: a colaboração, o espírito de partilha, a interação e a inovação proporcionam a “criação de um ambiente de aprendizagem efetivo, eficaz e envolvente” (Patrício & Gonçalves, 2010). Contudo, o professor tem de conhecer as ferramentas para aplicá-las em contexto de sala de aula e orientar os alunos no seu uso.

Também o site de uma escola do Canadá apresenta um guia de utilização pedagógica das redes sociais. Defende que os professores e os alunos quando aplicam os media sociais apropriados, desenvolvem novos usos, também chamado de “affordances” ou objetivos pedagógicos. Apresentados a seguir, como podemos ver, facilmente podem ser integrados numa planificação. Note-se que uma atividade pode integrar múltiplas utilizações simultaneamente.

Informar-se

Exemplos de atividades de aprendizagem: a recuperação da informação;

Publicar e partilhar

Exemplos de atividades de aprendizagem: o conteúdo do texto, conteúdo multimídia, experiência narrativa, a carteira profissional.

Comunicar e interagir

Exemplos de atividades de aprendizagem: especialistas em comunicação, a comunicação com os seus pares, a votação, a discussão paralela (*Backchannel*), a colaboração à distância.

Solução de problemas

Exemplos de atividades de aprendizagem: projeto multimídia, produção colaborativa, videoconferência.

Construção do sentido

Exemplos de atividade de aprendizagem: base colaborativa de conhecimento (*Knowledge*, Fórum), carteira de aprendizagem digital, estruturação e organização de conteúdo (palavras-chave).

Rede

Exemplos de atividade de aprendizagem: identificação e construção de uma rede profissional, uma comunidade de aprendizagem, uma comunidade de prática .

Desenvolver conhecimentos

Exemplos de atividade de aprendizagem: uso eficaz de ensino das TIC e aprendizagem de competências técnicas, intelectuais e linguísticas.

Ensinar habilidades para a vida

Exemplos de atividade de aprendizagem: a gestão da sua identidade digital, a adesão a um código de ética.⁶⁹

Segundo Mazman et al. (2009), é importante avaliar e identificar o potencial educativo das RS, o que nos obriga a observar as funcionalidades, as ferramentas e os serviços que nos permitem a colaboração e partilha de informação assim como a participação ativa e o trabalho colaborativo.

Gustavo Cardoso, o coordenador do Projeto Obercom, refere que, apesar da popularidade, o Facebook enquanto conceito, não apresentou novidade nenhuma, mas que conseguiu um “aperfeiçoamento tecnológico” que lhe permitiu uma melhor a visão das redes de ligações pessoais assentea na Internet, fazendo esquecer concorrentes como o Hi5 e o MySpace. Lembra ainda que não é um produto tecnológico, como, por exemplo, o motor de busca do Google, cuja qualidade determina a popularidade e a quota de mercado. O efeito de rede é um fator crucial que dificulta a chegada de novos concorrentes e cria um monopólio como os mercados das telecomunicações em que é conveniente ter a mesma rede de telemóvel que as pessoas com quem se fala mais.⁷⁰

O mais novo lançamento do Facebook ocorreu no dia 30 de janeiro de 2014, quando a rede social anunciou o Paper, aplicativo de leitura para smartphones e tablets que ficou disponível para os utilizadores dos EUA. O recurso terá 19 seções de notícias como desporto, tecnologia, cultura, por exemplo, e mostrará um visual diferente do que o aplicativo principal da rede social.⁷¹ O Facebook fez uma parceria com universidades americanas de Yale e

⁶⁹ Beaudin-Lecours, A., Delisle, I., Desrochers, M.-J., Germain, G., Giroux, P., Lachapelle-Bégin, L., Martel, C. et J.-L. Trussart. *Guide de l'utilisation pédagogique des médias sociaux*.

⁷⁰ O aperfeiçoamento tecnológico do Facebook, consultado em <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/o-facebook-faz-dez-anos-e-ha-cada-vez-mais-pessoas-para-gostar-disso-1622108#/4>, em 06-02-2014.

⁷¹ A evolução tecnológica da rede social, consultado em <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social> em 06-02-2014.

Berkeley para estudar o uso da rede social por adolescentes. Pretendem estimular a criação de ferramentas de comunicação que não necessitem de texto, como *emoticons* e mensagens de voz, para que a interação aumente. Ainda outra atualização tomada no sentido de cativar os adolescentes foi a de permitir a partilha de conteúdos publicamente, algo que só um adulto, ou quem se identificasse como tal, o poderia fazer.

Quanto aos próximos dez anos, o Facebook pretende embrenhar-se mais na vida quotidiana dos utilizadores. Numa entrevista recente à revista americana *Business Week*, Zuckerberg pensa usar os contactos de cada utilizador para extrair a informação mais relevante para cada um, em cada contexto e em cada momento de forma a facilitar o acesso ao tipo de informação pretendida⁷².

As redes sociais representam a consolidação de uma nova era de comunicação. A conceção da comunicação como processo unidirecional de transmissão de mensagens passa para um processo de democratização de diálogo. Deste modo, a sociedade em rede que Castells (2005) preconizou, criou novas oportunidades no estabelecimento de relações tendo como ponto de partida a partilha de interesses comuns com outros utilizadores, organizados em comunidades. Estabelece-se uma relação com os outros a partir da imagem construída e da gestão colaborativa de todos os que a seguem. Há variáveis determinantes para construir esta imagem – as características físicas, as atividades realizadas, os comentários, as atitudes e as crenças exteriorizadas. Torna-se necessário perceber o perfil dos utilizadores dos alunos, no Facebook ou noutras RS, e a sua opinião relativo ao seu uso no âmbito escolar para que entendamos de que forma se podem desenvolver as redes sociais em contexto escolar.

⁷² A evolução tecnológica do Facebook, consultado em <http://tecnologia.terra.com.br/facebook-completa-10-anos-conheca-a-historia-da-rede-social> em 06-02-2014.

2.2.5. APLICAÇÕES DAS FERRAMENTAS SOCIAIS EM CONTEXTO EDUCATIVO

No final deste capítulo, depois de muitas leituras feitas ao longo desta pesquisa, no sentido de descobrir as redes sociais como ferramentas sociais, ferramentas que nos permitam reorientar a missão da escola numa sociedade 3.0., muitos foram os sites visitados e explorados.

Nos vários continentes, são diversas as iniciativas que através das RS e da Internet pretendem cultivar novas abordagens pedagógicas. Pelos seus conteúdos e atividades propostas, que consideramos atraente e interessantes, deixamos uma pequena resenha de alguns links visitados, desenvolvidos a nível escolar e pedagógico em todo o mundo e com os quais poderíamos desdobrar as aprendizagens significativas, o *Invisible Learning*, a fim de cultivarmos talentos ou *Knowmads*.

1. P2PU OU UNIVERSIDADE PEER-TO-PEER (EUA)

<http://www.p2pu.org>

Este é um projeto impulsionado pelo professor Schmidt que se intitula Universidade Peer-to-Peer ou P2PU e constrói-se em redor destas três ideias-chave “Aprendemos de todos, por todos, acerca de qualquer coisa”. Trata-se de uma Universidade global que oferece programas flexíveis, modelos de ensino entre pares (com grupos relativamente pequenos), programas de pouco mais de dez semanas baseados em projetos e conteúdos relacionados com as tecnologias e os requisitos do sector industrial. Um dos principais atrativos deste projeto é constituir um modelo de educação informal assente em comunidades de aprendizagem. Tendo em conta princípios com a abertura, a transferência horizontal de conhecimentos e a inclusão, oferecem-se programas de formação gratuitos. Quanto à certificação, o esquema é híbrido dependendo do visitante.

2. O TABULEIRO DIGITAL (BRASIL)

<http://www.tabuleirodigital.org/>

Tivemos conhecimento desta plataforma através do livro “A vida no Orkut, narrativas e aprendizagens nas redes sociais”, uma compilação com diferentes ensaios sobre o uso das redes sociais no âmbito científico e pedagógico.

É um projeto de inclusão digital proposto pelo GEC, um grupo de pesquisa em educação, comunicação e tecnologias) na Universidade Federal da Bahia. Tendo como objetivo favorecer a inclusão sociodigital, através do acesso público à internet, disponibiliza computadores disponíveis para a comunidade em geral. Além do acesso à rede, o projeto tem como compromisso político a divulgação e utilização de *software* livre (sistemas operacionais que permitem a liberdade de executar, estudar, modificar e distribuir o programa).

3. INVISIBLE LEARNING

<http://www.invisiblelearning.com/en/>

Este é um site que promove o conceito de uma aprendizagem informal voltada para as novas tecnologias e para a formação do novo cidadão numa era 3.0., que fomenta o conceito de *Invisible Learning* ou *Aprendizaje Invisible* e a obra dos autores Cobo e Moravec assim como as filmagens de algumas conferências e workshops destes a fim de nos familiarizarmos com os mesmos. O livro encontra-se em PDF em formato gratuito e remete para outros sites com projetos semelhantes e obras anteriores.

4. LITTÉRAIRES IROISES (FRANÇA)

<https://fr-fr.facebook.com/litteraires.iroise>

Trata-se de uma página no Facebook lançada por um professor de Literatura Francesa para os seus alunos no liceu. Neste espaço, os alunos deixam dúvidas, o que os entusiasmou, o que os desmotivou, lançam desafios, os antigos alunos deixam o seu testemunho e encorajam os atuais no estudo da mesma. O projeto tem tido algum êxito sobretudo com uma disciplina como Literatura Francesa, pouco estudada e considerada pouco pragmática e funcional. Constitui ainda uma forma de valorizar a literatura e a leitura.

5. COURSERA (EUA)

<https://www.coursera.org/>

Trata-se de uma plataforma de educação virtual gratuita nascida em outubro 2011 e desenvolvida por académicos da Universidade de Stanford que visa a educação massiva da população mundial, *Massive Open Online Courses* (MOOC) com cursos universitários em diversas línguas. Coursera oferece cursos de diferentes temas, grátis, com diferentes níveis universitários e abertos a todos os sectores da população.

6. Zemos 98 (Espanha)

<http://zemos98.org/> e <http://www.98lab.cc/about>

98lab é um site de Formação para jovens (18-30 anos), gerido pela ZEMOS98 e apadrinhada pela Fundação Europeia da Cultura que funciona no Centro de Artes de Sevilha. É um laboratório aberto que funciona como um espaço para a investigação, o pensamento e a produção cultural utilizando as novas medias, focando assuntos e práticas que vão desde a cultura digital e

audiovisual, para os feminismos ou para modelos de participação cívica, e que tem como objetivo incentivar o pensamento crítico.

Promotor da educação expandida, o site 98lab contém e permite a introdução de atividades formativas, investigações, workshops, apresentações, processos de formação dos últimos anos... que a ZEMOS98 gere a fim de produzir Arte Contemporânea nos seus próprios espaços.

7. SHIBUYA UNIVERSITY NETWORK (JAPÃO)

<http://www.shibuya-univ.net/english/?page=10>

Yasuaki Sakyō, presidente da Universidade de Shibuya, crê que a educação deveria ser permanente. Em Shibuya apresenta programas gratuitos, abertos a todos os estudantes. As aulas têm lugar em lojas, em cafés e em espaços abertos e qualquer pode ser professor. Assim, a comunidade educativa e o contexto atuam simultaneamente como alunos, professores e sala de aula.

8. BANCO COMÚN DE CONOCIMIENTOS-BCC (ESPAÑA)

<http://bancocomun.org>.

É um laboratório tecnológico onde se investiga não só formas de melhorar os canais de distribuição do conhecimento prático como também novas formas de partilhá-lo. É um estudo-piloto dedicado à investigação de novos mecanismos sociais para a criação coletiva de conteúdos, a aprendizagem mútua e a participação cívica.

10. TED.COM (EUA)

<http://www.ted.com>.

Dos Estados Unidos, a TED.com (Tecnologia, Entretenimento, Desenho) revela um modelo educativo baseado em aulas com a criação de uma

plataforma de intercâmbio de informação que permite obter conhecimento e inspiração da parte de alguns dos pensadores mais reconhecidos. Conta ainda com uma comunidade em que todos partilham as suas dúvidas.

11. FUTURELAB

<http://futurelab.org.uk>

Sem fins lucrativos, esta organização defende o uso das novas tecnologias e aprendizagem informal, a aprendizagem fora e longe da escola, e, por conseguinte, práticas inovadoras no âmbito educativo. Pretende ainda transformar o ensino e aprendizagem a fim de torná-los mais significativos e atraentes para os estudantes do séc. XXI.

12. ESTUDOS SOBRE O FACEBOOK

<http://www.youtube.com/watch?v=j6nz0Lsxwfk>

Uma pequena filmagem da TV Viçosa Fratevi (Brasil) do YouTube que revela o uso do Facebook no âmbito de universitário. Vários estudantes universitários partilham as experiências que tiveram na rede social.

13. "INFORMAL LEARNING—THE OTHER 80%"

<http://futr.es/ix>

É uma plataforma que revela bastantes projetos sobre a aprendizagem informal, a produção de conhecimento e partilha, levando-nos a refletir sobre este tipo de aprendizagem e a sua relação com a sociedade.

14. INSTITUTOS LEAPFROG (EUA)

<http://leapfrog.umn.edu>

É uma iniciativa da Universidade de Minnesota em que se debate a forma de conseguir resultados contundentes e positivos no processo de aprendizagem e sobre o desenvolvimento do capital humano.

Em suma, as redes sociais representam um dos espaços de comunicação e de interação de maior relevo para a sociedade atual. No que toca aos adolescentes não só representam novos espaços de convívio como também possíveis ferramentas no âmbito escolar que certamente poderão auxiliar na construção de uma nova sociedade. Importa estudar o perfil dos seus utilizadores, as motivações e as condições de acesso dos elementos da comunidade escolar, não só dos alunos como também dos professores.

Muito embora o nosso estudo represente uma amostra limitada no plano nacional, pretendemos dar de seguida o nosso contributo na observação das redes sociais no plano educativo.

CAPÍTULO 3 – DESENHO DO ESTUDO

ENQUADRAMENTO EMPÍRICO

3.1. QUESTÕES, OBJETIVOS E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.2. CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

3.3. CONSTRUÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

3.3.1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

3.3.2. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

3.4. VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

3.5. PROCESSO DE RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS

3.6. TAXA DE RETORNO DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES E ALUNOS

Capítulo 3 – Desenho do estudo

Neste capítulo, pretende-se apresentar a metodologia usada no presente estudo. No primeiro ponto, indicam-se as opções metodológicas (3.1.); no segundo ponto, procede-se a uma caracterização da população e da amostra em estudo (3.2.); nos que se seguem, descrevem-se os questionários (3.3.) e o processo de validação dos mesmos (3.4.), recolhem-se e tratam-se os dados (3.5.); e, por fim, observa-se a taxa de retorno dos questionários (3.6.).

3.1. QUESTÕES, OBJETIVOS E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

No capítulo anterior, observamos que o crescente aumento do uso das Redes Sociais (RS) contribui para a transformação da sociedade e que estas mudanças tecnológicas e económico-sociais nos conduzem à problematização de algumas das suas aplicações no contexto educativo.

Segundo Cobo e Moravec (2008), uma Nova Sociedade, a sociedade 3.0, e a valorização do *Invisible learning*, decorrente em parte da utilização das RS e das suas potencialidades, conteúdos, informação e possibilidades de interação, não podem ser ignoradas e devem ser consideradas a nível pedagógico. Assim, na nossa investigação, pretendemos identificar as práticas de acesso e participação nas RS, nomeadamente no Facebook, por parte de alunos e professores.

Não será demais relembrar a questão geral de investigação, já apresentada no capítulo 1:

Como se caracteriza a presença de professores, crianças e jovens estudantes nas redes sociais?

Subjacente a esta questão geral de investigação, está um conjunto de objetivos gerais que se passamos a apresentar de forma sintética:

- Conhecer os processos e razões pelas quais professores, crianças e jovens estudantes se tornam utilizadores/membros de redes sociais online.
- Caracterizar a forma como professores, crianças e jovens estudantes usam as redes sociais diariamente.
- Identificar perspectivas de professores, crianças e jovens estudantes relativamente à utilização de redes sociais online em contextos educativos escolares.

Considerando a natureza da questão de investigação, definiu-se a metodologia de investigação e, tendo em conta que o mesmo depende “dos objetivos da investigação, do modelo de análise e das características o campo de análise” (Quivy & Campenhoudt, 1998), selecionou-se o método de recolha de dados. Ainda na mesma linha, Bell refere a importância extrema da escolha dos métodos porque nos “fornecem informação do que necessitamos para fazer uma pesquisa integral e (...) servem determinados fins” (Bell, 2004, p. 95).

Desta forma, a investigação adotou uma abordagem não experimental, assumindo uma natureza descritiva, suportada em dados essencialmente quantitativos, obtidos através da aplicação de um questionário aplicado a professores e alunos. O estudo assumiu assim a forma de *survey* ou inquérito por questionário, que Coutinho (2005) descreve como uma forma de “recolher dados que permitam descrever da melhor maneira possível comportamentos, atitudes, valores e situações” (p.197).

Portanto, o modelo metodológico adotado é do tipo descritivo através de um inquérito por questionário para recolha de dados. Optou-se por este método porque a investigação descritiva implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação através da recolha de dados para testar a hipótese ou responder a questões que lhe digam respeito. Como referem os autores Carmo e Ferreira, o inquérito é usado em Ciências Sociais para designar processos de recolha sistematizada, no terreno, de dados suscetíveis de poderem ser comparados (2008, p.139).

Ao optarmos pelo questionário enquanto instrumento de recolha de dados, teve-se em conta que é um instrumento que permite obter um grande número de dados num curto espaço de tempo, possibilitando a recolha de informações específicas relevantes. Assim, o questionário:

Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos (...) uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.188).

Hoz refere-se aos questionários como sendo:

... um instrumento para recolha de dados constituído por um conjunto mais ou menos amplo de perguntas e questões que se consideram relevantes de acordo com as características e dimensão do que se deseja observar (Hoz, 1985, p.58).

Tendo em conta que os objetivos do inquérito são universalizar os dados obtidos através de uma amostra dos indivíduos, Ghiglione & Matalon definem-no ainda como sendo, "uma interrogação particular acerca de uma situação englobando indivíduos, com o objetivo de generalizar." (Ghiglione & Matalon, 2001, p.7 e 8). Bell acrescenta que "O objetivo de um inquérito é obter informações que possam ser analisadas, extrair modelos de análise e fazer comparações" e que "na maior parte dos casos, um inquérito propõe-se obter informações a partir de uma seleção de representativa da população e, a partir da amostra, tirar conclusões consideradas representativas da população como um todo" (Bell, 2004, p. 26). Note-se que, no nosso caso, dado o estudo ter sido desenvolvido com base numa amostra não probabilística, tendo por base critérios de "conveniência", não podemos considerar que os dados recolhidos permitam generalizações estatísticas, como aliás não seria exigível num estudo de natureza exploratória como o que levamos a cabo.

Segundo Coutinho (2005), podem-se classificar os inquéritos em função de três objetivos: descrever, explicar e explorar. Nesta investigação, optou-se por um inquérito do tipo descritivo. A opção pelo inquérito por questionário decorreu deste permitir a recolha sistemática de dados para poder responder a um determinado problema (Carmo e Ferreira, 2008), sendo que Anderson (1998) e Bell (2004) valorizam ainda o facto de que, se o inquérito for bem construído e orientado, daí resultará facilidade de acesso, rapidez e economia na recolha dos dados. Fortin (1999) refere ainda como uma das maiores vantagens do inquérito o anonimato no preenchimento, a maior liberdade de resposta dele consequente, bem como uma maior uniformidade da sua apresentação, visto que as perguntas são sempre colocadas com a mesma ordem e as mesmas instruções, o que garante a uniformidade nas condições de medida e fidelidade na leitura o que facilita a comparação entre os sujeitos.

Importa ainda referir que, no decorrer da investigação, foram salvaguardadas questões éticas como a garantia do anonimato e da confidencialidade dos dados adquiridos junto dos participantes e a colaboração voluntária dos sujeitos intervenientes no estudo.

3.2. CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

A dimensão e a seleção da amostra é uma preocupação dos investigadores sociais, que desenvolvem estudos do tipo *survey*, porque isso significa garantir, ou não, a qualidade informativa dos resultados da investigação. No nosso caso, optamos por uma amostragem não probabilística de conveniência.

Carmo e Ferreira (2008) distinguem as amostras probabilísticas das não probabilísticas pelo seu carácter, sendo as primeiras de carácter aleatório e as segundas de carácter intencional. Referem ainda a amostragem de conveniência como uma das técnicas não probabilísticas mais utilizadas e que se revela pela disponibilidade de um grupo de elementos que possam fornecer preciosas informações.

Dadas as limitações temporais para a realização do estudo bem como as limitações ao nível dos recursos para a recolha de dados, optou-se por uma amostra de conveniência com base essencialmente nos seguintes aspetos: (i)

acessibilidade geográfica aos sujeitos, uma vez que a investigadora reside na zona da escola; (ii) presunção (que se viria a confirmar) de receptividade ao estudo por parte da direção e dos professores da escola, dado a investigadora ter sido já docente na mesma; (iii) existência numa mesma escola de vários ciclos/níveis de escolaridade (2º e 3º ciclos Ensino Secundário); (iv) economia de recursos financeiros e de tempo para a recolha de dados.

Face aos critérios definidos para a seleção da amostra, esta viria a incluir os professores e alunos que, no ano letivo de 2012/2013, se integravam na Escola Básica e Secundária de Barroelas. A escola em questão é sede do Agrupamento de Escolas de Barroelas que é ainda constituído por outros 5 estabelecimentos de ensino da rede pública (os Centros Escolares de Barroelas, Carvoeiro, Mujães, Portela Susã, e as E. B.1, de Vila de Punhe e Portela Susã).

No ano letivo 2012/2013 o agrupamento contava com 1089 alunos, sendo que 687 frequentavam a Escola Básica e Secundária de Barroelas. A tabela 1 revela a distribuição das turmas e dos alunos de acordo com o nível e ano de escolaridade.

Tabela 7- Distribuição dos alunos da escola sede do agrupamento por ciclo de escolaridade (2012/ 2013)

Ciclo/Nível de Ensino	N.º Turmas	N.º Alunos
2.º Ciclo	11	5.º Ano – 117 6.º Ano – 131
	TOTAL	249
3.º Ciclo	15	7.º Ano – 107 8.º Ano – 103 9.º Ano – 88
	TOTAL	298
CEF – Tipo II, Nível 3	1	12
Ensino Secundário	Regular: 6	10.º Ano – 43 11.º Ano – 37 12.º Ano – 27
	TOTAL	107
	Profissional: 2	Ano 2 - 13 Ano 3 – 9
	TOTAL	22

Fonte: Serviços Administrativos – 2012 - Tratamento: Direção Executiva

Quanto ao corpo docente da escola sede, no ano letivo 2012/2013, era composto por 84 professores que se caracterizavam pelos dados presentes na tabela:

Tabela 8 - Distribuição do pessoal docente por género, vínculo, habilitações académicas e tempo de serviço (2012/ 2013)

	Género		Vínculo à identidade			Habilitações académicas				Anos de docência/ Tempo de serviço		
	Masculino	Feminino	Termo	Quadro	Além quadro	Bacharelato	Licenciatura	Pós-graduação	Mestrado	<= 10 anos	10-20 anos	> 20 anos
2.º Ciclo	10	18	2	26	0	1	26	0	1	2	10	16
3.º Ciclo/ Sec.	15	41	5	47	4	2	48	1	5	6	31	19
Total	25	59	7	73	4	3	74	1	6	8	41	35
Fonte: Serviços Administrativos – 2012 - Tratamento: Direção Executiva e Serviços Administrativos												

Apesar de se tratar de um estudo com uma amostra não probabilística, foi nosso objetivo ter um número significativo de respondentes. Assim, consideramos que a nossa amostra deveria coincidir com a totalidade da população, procurando-se aplicar os questionários aos alunos e professores da escola.

3.3. CONSTRUÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

O questionário destinava-se a ser preenchido pelos alunos e professores da Escola Básica e Secundária de Barroelas e tinha como objetivo traçar o seu perfil. Relativamente aos alunos, pretendia-se caracterizá-los pessoal, familiar, escolar, ocupacional e pedagogicamente os alunos. Quanto aos professores, pretendia-se uma caracterização de cariz pessoal, familiar, profissional e pedagógico. No entanto, a questão fulcral deste estudo foi o uso das redes

sociais, mais concretamente o do Facebook no âmbito escolar e pedagógico. Pretendia-se saber o que pensam sobre o uso e as funções das redes sociais para uso pedagógico a fim que se pudesse traçar um perfil dos alunos e dos professores e das suas atitudes perante as redes sociais e o Facebook. Como estes dados não estavam disponíveis ou as questões necessárias não foram formuladas anteriormente, esta investigação exigiu “a elaboração de um instrumento apropriado para obter a informação necessária” (Ferreira e Carmo, 2008, p.231).

Para a elaboração do questionário, seguimos as fases de construção apontadas por Kornhauser e Sheatsley, citados em (Hoz, 1985):

- 1.^a fase: determinar a informação que seja importante ao problema da investigação;

- 2.^a fase: elaborar questões que encaminhem os sujeitos a responder adequadamente. As questões poderão ser fechadas ou fixas – o sujeito escolhe uma das opções propostas - ou abertas – o sujeito responde da forma que lhe convier.

- 3.^a fase: aplicar um questionário piloto que permita rever a informação mais relevante e os tipos de respostas dadas, sobretudo no caso de questões abertas.

Assim, tendo em vista a construção das questões e das opções de resposta, realizamos algumas investigações prévias (Javeau, 1992) analisando outros estudos⁷³ dentro da problemática que pretendíamos analisar e recorreremos a sites que frequentemente publicam informação sobre utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelos portugueses. Apesar da consulta destas fontes e da retoma de algumas questões ou perguntas dadas as semelhanças das temáticas dos estudos, o inquérito utilizado foi especificamente construído para esta investigação, não constituindo um instrumento estandardizado.

⁷³ Obercom 2012, disponível em www.obercom.pt;

A sociedade em rede: A Internet em Portugal 2012 (Cardoso & Espanha, 2012) (Cardoso, Espanha, & Lapa, 2007) E-Generation: os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal <http://www.emarketer.com/Article.aspx?R=1008903&ecid=a6506033675d47f881651943c21c5e4d4> e <http://www.facebook.com/press/info>.

Os questionários construídos – um para aplicação aos professores, outro para aplicação aos alunos – constam respetivamente do anexo 1 e do anexo 2.

Ambos os questionários englobam uma parte inicial na qual a investigadora se identifica e são apresentados os objetivos e o contexto do estudo e são constituídos, na sua maioria, por perguntas do tipo fechado e de escolha múltipla, de forma a facilitar o preenchimento por parte dos inquiridos. Considerando que se trata de questionários relativamente longos (30 questões no questionário aos professores e 25 questões no questionário aos alunos), com esta opção não só o inquirido tem a tarefa facilitada em responder como nos permite uma análise das respostas mais clara e célere e com um menor grau de subjetividade (Foddy, 1996, p. 143).

Ainda no sentido de ajudar o sujeito nas respostas, foram criadas subdivisões – no caso da amostra dos docentes, “Caracterização biográfica e profissional” e “Caracterização do acesso e uso das redes sociais” e no caso dos alunos, “Caracterização biográfica” e “Caracterização do acesso e uso das redes sociais” – o que também nos permitiu analisar com mais facilidade as variáveis na fase de tratamento de dados. O segundo bloco de questões intitulado “Caracterização do acesso e uso de redes sociais na internet”, inicia-se com uma breve definição da expressão “redes sociais” e alguns exemplos para melhor ilustrar o tema.

Apesar dos questionários a nível gráfico se dividirem apenas em duas partes, de acordo com o conjunto de objetivos gerais traçados, estes dividem-se em várias dimensões: caracterização dos inquiridos, processos e razões para a utilização das RS, práticas de utilização das RS, perspetivas de uso das RS em contextos escolares. Quanto à construção das perguntas e das respostas formuladas, apresentaram uma linguagem simples e objetiva que evitava dúvidas nas respostas.

Nas secções seguintes descreveremos com maior pormenor, respetivamente, a estrutura do questionário aplicado aos professores e o questionário aplicado aos alunos.

3.3.1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Relativamente ao questionário dirigido aos professores, com a primeira parte, pretendia-se recolher dados de caracterização genérica do corpo docente do Agrupamento como dados biográficos e habilitações literárias, a fim de obter um enquadramento familiar e profissional.

Tabela 9- Dimensão 1: "caracterização biográfica e profissional" dos professores

Dimensão 1: "Caracterização biográfica e profissional" dos docentes	
Objetivos	Indicadores
Caracterizar os professores	Sexo
	Idade
	Habilitações académicas
	Filiação
	Ciclo em que lecionam
	Situação profissional
	Formação profissional

Intitulada "Uso das redes sociais", a segunda parte do questionário focou-se na utilização ou não das redes sociais e no tipo de hábitos de utilização (redes sociais utilizadas, frequência de acesso, locais de acesso, atividades desenvolvidas). Caso algum dos sujeitos referisse não fazer parte de alguma das RS, solicitava-se que apresentasse as suas razões e dava-se por concluído o questionário.

Tabela 10- Dimensão 2: práticas de utilização das redes sociais dos professores

Dimensão 2: " Práticas de utilização das Redes Sociais"	
Objetivos	Indicadores
Identificar se os professores são ou não utilizadores das redes sociais Verificar as razões da sua utilização ou não-utilização	Utilização ou não das Redes Sociais
Conhecer as Redes Sociais que os professores utilizam Conhecer as que mais utilizam	Tipo de rede social
Averiguar com que idades começaram a utilizar as Redes Sociais;	Idade com que começou a utilização das redes sociais
Reconhecer o apoio encontrado para a criação de um perfil	Quem ajudou a criar a primeira conta
Averiguar o número de pessoas que os professores têm como contactos	Número de "amigos"
Identificar os grupos de pessoas que os professores têm no perfil	Grupos de pessoas
Averiguar se os docentes têm contacto com desconhecidos	Adição de desconhecidos
Identificar as razões dos professores para a criação de uma conta numa Rede Social	Razões para a criação de uma conta numa Rede Social
Averiguar com que frequência os professores utilizam as Redes Sociais por semana, em tempo de aulas e em tempo de férias	Frequência de uso
Conhecer os principais locais de acesso dos professores às Redes Sociais	Locais de acesso
Listar as atividades que os docentes costumam realizar	Atividades
Identificar os principais motivos que levam os professores a usar as Redes Sociais	Motivo do uso das Redes Sociais
Conhecer o(s) principais dispositivo(s) de acesso às Redes Sociais	Dispositivos de acesso

A terceira dimensão teve como principal objetivo conhecer o uso pessoal e pedagógico que os professores fazem das redes sociais. Analisamos ainda o conhecimento relativo ao uso das RS por parte dos colegas.

Tabela 11- Dimensão 3: "perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares"

Dimensão 3: "perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares"	
Objetivos	Indicadores
Averiguar se os professores têm conhecimento da utilização por parte dos colegas/ alunos das Redes Sociais	Conhecimento da utilização das Redes Sociais por parte dos colegas/ professores
Averiguar se os professores têm conhecimento das atividades realizadas pelos colegas/ alunos nas Redes Sociais	Conhecimento das atividades realizadas pelos colegas/ professores
Averiguar se os professores usam as Redes sociais em contexto pessoal/escolar;	Uso das Redes Sociais em contexto pessoal/ escolar
Identificar a avaliação do uso das Redes Sociais em contexto escolar.	Avaliação das Redes Sociais em contexto escolar

3.3.2. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

No que toca ao questionário dirigido aos alunos, a primeira dimensão tinha como objetivo principal recolher dados para a sua caracterização como elementos biográficos, escolares e de enquadramento familiar. Na tabela 7 representam-se os indicadores referentes a essa dimensão de caracterização biográfica dos alunos.

Tabela 12 - Dimensão 1: "caracterização biográfica" dos alunos

Dimensão 1: "Caracterização biográfica" dos alunos	
Objetivos	Indicadores
Caracterizar os alunos	Idade
	Sexo
	Agregado familiar
	Grau de parentesco dos encarregados de educação/ das pessoas com quem vive
	Ano de escolaridade
	Retenções em anos escolares

Como já foi referido, a segunda dimensão teve como objetivo delimitar o perfil do utilizador de rede social, tendo em conta a idade com que criou a conta, o apoio obtido na abertura, o número de contactos e o(s) grupo(s) de pessoas que fazem parte, as razões para abrir a conta. Focam-se também aspetos relacionados com a segurança da conta, se aceita “desconhecidos” ou “amigos de desconhecidos” e se os pais ou encarregados de educação têm conhecimento da sua participação numa rede social.

Tabela 13 - Dimensão 2: práticas de utilização das redes sociais dos alunos

Dimensão 2: “ Práticas de utilização das Redes Sociais”	
Objetivos	Indicadores
Identificar se os alunos são ou não utilizadores das redes sociais Verificar as razões da sua utilização ou não-utilização	Utilização ou não das Redes Sociais
Conhecer as Redes Sociais que os alunos utilizam Conhecer as Redes que mais utilizam	Tipo de rede social
Averiguar com que idades as discentes começaram a utilizar as Redes Sociais	Idade com que começou a utilização das redes sociais
Reconhecer o apoio encontrado pelos alunos para a criação de um perfil	Quem ajudou a criar a primeira conta
Averiguar o número de pessoas que os alunos têm como contactos;	Número de “amigos”
Identificar os grupos de pessoas que os alunos têm;	Grupos de pessoas
Averiguar se os alunos têm contacto com desconhecidos	Adição de desconhecidos
Identificar as razões dos discentes para a criação de uma conta numa Rede Social	Razões para a criação de uma conta numa Rede Social
Averiguar com que frequência os alunos utilizam as Redes Sociais por semana, em tempo de aulas e em tempo de férias	Frequência de uso
Conhecer os principais locais de acesso dos alunos às Redes Sociais	Locais de acesso
Listar as atividades que os alunos costumam realizar	Atividades
Identificar os principais motivos que levam os alunos a usar as Redes Sociais	Motivo do uso das Redes Sociais
Conhecer o(s) principais dispositivo(s) de acesso dos alunos às Redes Sociais	Dispositivos de acesso

O último bloco de questões visava identificar se já utilizaram as redes sociais em contexto escolar e a sua opinião no que concerne ao uso pedagógico das redes sociais.

Tabela 14 - Dimensão 3: perspetivas de uso das redes sociais em contextos escolares dos alunos

Dimensão 3: "Perspetivas de uso das Redes Sociais em contextos escolares"	
Objetivos	Indicadores
Averiguar o uso em contexto pessoal/escolar	Uso das RS em contexto pessoal/ escolar
Identificar a avaliação do uso das RS em contexto escolar	Avaliação das RS em contexto escolar

É ainda de referir que foi incluída em múltiplas questões a opção de resposta "outra/outro" de modo a que, caso alguma possibilidade de resposta não estivesse prevista os sujeitos pudessem registar a sua resposta pessoal. No final, colocaram-se ainda duas perguntas abertas a fim de obter alguma informação adicional (Foody 1996).

3.4. VALIDAÇÃO DOS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Após a conceção dos instrumentos, como não possível aplicar um questionário piloto, procedemos à validação do conteúdo dos mesmos, submetendo os questionários à opinião de especialistas que experimentaram os mesmos e emitiram pareceres sobre a adequabilidade dos conteúdos, a configuração gráfica e a interpretação das perguntas. Assim, quanto à adequabilidade dos questionários foram analisados por um docente da Universidade do Minho que sugeriu algumas alterações no questionário. Quanto à correção ortográfica e à facilidade de interpretação, solicitou-se ainda a opinião e a colaboração de vários professores de Português para detetar incorreções na ortografia ou na formulação das perguntas.

O questionário foi ainda entregue a um grupo de professores para uma validação empírica. Com a finalidade de verificar a adequação de cada item à

interpretação dos sujeitos (Coutinho, 2005), solicitamos o apoio de um grupo de sujeitos com características semelhantes aos inquiridos que após a realização do questionário, nos deram a sua opinião sobre este na generalidade, os pontos mais acessíveis e menos acessíveis encontrados ao longo da sua execução a fim de que o questionário se tornasse mais legível.

Após este processo de validação, ficaram concluídos os questionários, do aluno e do professor (anexos 3 e 4) a aplicar.

3.5. PROCESSO DE RECOLHA E TRATAMENTO DOS DADOS

Como já foi referido anteriormente, a escolha da escola, onde se procedeu à recolha de dados, deveu-se ao facto de ser acessível, próxima da nossa zona de residência, e de termos facilidade de contacto com os respetivos dirigentes e elementos do Agrupamento ao longo do estudo.

Uma vez que um dos objetivos era alcançar o maior número possível de inquiridos de entre alunos e professores do Agrupamento, num primeiro momento, foi estabelecido contacto com a direção da escola e acordado um princípio de colaboração no sentido de assegurar as melhores condições na distribuição dos questionários e na realização dos mesmos.

Inicialmente pensou-se na recolha dos dados através da implementação de um questionário *online* no sistema Qualtrics. No entanto, visto que o acesso às salas de informática era difícil e o número de computadores nas salas de informática era escasso, não foi possível a aplicação dos questionários *online* aos alunos, tendo-se optado pela sua entrega e preenchimento em papel. Apenas os questionários dos professores foram aplicados na sua versão online (anexo 5), enviando a indicação do *link* de acesso através do mail institucional de cada professor.

Antes da entrega dos questionários dos alunos, com o apoio da direção da escola, foi feita uma apresentação do estudo e dos seus objetivos aos diretores de turma na reunião de conselho de diretores de turma, com o objetivo de informá-los sobre o estudo e de os motivar para que colaborassem

na aplicação do questionário. Assim, os questionários dos alunos foram entregues num envelope a cada diretor de turma (DT) para que na sessão mensal com a sua direção de turma os distribuisse a cada aluno para que fossem preenchidos. Estes, depois de devidamente preenchidos, seriam recolhidos por cada DT para que os entregasse no mesmo envelope à Direção da Escola.

Para além de solicitada colaboração da direção da escola, e, tendo em conta que os alunos em causa eram na sua maioria menores de idade, foi igualmente solicitado aos encarregados de educação que assinassem uma declaração autorizando (ou não) (anexo 2) que os seus educandos preenchessem os questionários. Este pedido de autorização, no qual se descreviam os objetivos do estudo, as finalidades e o âmbito de estudo, com a garantia do anonimato e da confidencialidade das respostas e com o contacto via mail da investigadora foi distribuído pelos diretores de turma aos alunos para que estes os entregassem aos respetivos encarregados de educação e posteriormente os devolvessem já assinados.

Foi também acordado fornecer à direção do Agrupamento um exemplar do trabalho depois da sua defesa em provas públicas e disponibilizamo-nos para realizar uma sessão de apresentação e discussão dos resultados caso a direção da escola o deseje. Finalmente, ainda nos comprometemos a disponibilizar o acesso aos resultados finais aos encarregados de educação que assim o desejassem e que nesse sentido nos indicassem um endereço de mail.

No decorrer da investigação, foram salvaguardadas questões éticas como a garantia do anonimato e da confidencialidade dos dados adquiridos junto dos participantes, e a colaboração voluntária dos sujeitos participantes no estudo. Dentro desta linha de atuação, o questionário a aplicar quer aos alunos, quer aos professores, foi submetido à apreciação e pedido de autorização da equipa de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar após o que se procedeu à recolha de dados.

Os questionários apresentavam na primeira página um texto introdutório que esclarecia o sujeito quanto ao estudo a levar a cabo e o tema a ser explorado. Foram ainda tidos em conta um conjunto de procedimentos dados

por (W.Tuckman, 2000), p. 343) na administração do questionário tal como os objetivos do estudo, a confidencialidade dos dados do sujeito ou proteção a conceder, a legitimidade do investigador, a oportunidade para o esclarecer, o pedido de cooperação e as orientações especiais.

Os dados recolhidos foram analisados e organizados segundo uma análise estatística descritiva como já foi referido anteriormente.

É de salientar que se realizaram observações de distribuição unidimensional, de apenas uma variável, recorrendo à tabela de frequências, que nos permite obter a frequência absoluta, isto é, o número de vezes que o valor da variável é observado, incluindo também as percentagens relativas às frequências absolutas.

À exceção da última pergunta, que se trata de uma pergunta aberta, foram construídas tabelas percentuais das variáveis bem como da média de todos os valores. No caso do tratamento e da análise de conteúdo das questões abertas, nomeadamente da última pergunta, procedeu-se a uma análise de conteúdo, método que consiste numa análise textual mais qualitativa das respostas dadas pelos inquiridos (Robert Bogdan & Biklen, 1994), adotando o método de categorias emergentes em que, não conhecendo as possibilidades de respostas dadas, após uma leitura destas reconhecemos alguma regularidade que nos permitiu formular categorias de respostas e, por conseguinte, facilitar a análise.

Tendo conta que os dados se obtiveram através de questionários dirigidos aos alunos e professores do agrupamento, esta foi uma análise de tipo descritiva, sendo que os resultados obtidos foram apresentados graficamente por questão.

Deve-se ter em conta que, como nalguns casos, há perguntas de escolha múltipla, em que os inquiridos podiam optar por mais do que uma alternativa, pelo que a soma percentual será superior a 100%.

Devido ao grande número de alunos, procedemos à junção destes por nível de ensino. Assim, os grupos de turmas em estudo foram os seguintes: 2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário.

Como já referimos, a fim de facilitar o acesso ao questionário, este foi enviado aos professores por mail institucional através de um link gerado pelo *Qualtrics*, um programa de gestão estatística de dados. Para o tratamento dos dados obtidos no questionário dos alunos, foi utilizada a folha de cálculo *Microsoft Office Excel* (versão 2007) dado o fácil acesso ao mesmo e algum domínio de utilização por parte da investigadora.

3.6. TAXA DE RETORNO DOS QUESTIONÁRIOS DOS PROFESSORES E ALUNOS

Embora o cálculo da taxa de retorno dos questionários aplicados corresponda efetivamente a uma primeira atividade de tratamento e análise de dados, razão pela qual esta secção poderia ser incluída no capítulo seguinte, optamos pela sua inclusão neste capítulo para que ficasse desde já clarificada a dimensão real da amostra que efetivamente obtivemos.

Na tabela que segue, representa-se o número de sujeitos inquiridos considerando, no caso dos alunos, os diferentes ciclos de escolaridade, bem como a taxa de respondentes em cada grupo, ou seja, a taxa de retorno.

Tabela 15 - Tabela-resumo do número de sujeitos por grupos amostrais

GRUPOS AMOSTRAIS	Nº total	Nº de sujeitos inquiridos	Nº de respondentes	% de retorno
Professores	84	84	46	51,6%
Alunos do 2.º ciclo	248	248	187	75,4%
Alunos do 3.º ciclo	310	310	182	58,7%
Alunos do ensino secundário	129	129	84	65,1%
Total	771	771	499	62,7%

A partir da análise da tabela, verificamos que o número de sujeitos por grupo não corresponde ao estabelecido na seleção da amostra. Num total de 771 indivíduos, professores e alunos, obtivemos 499 respostas, o que representa uma taxa de retorno/ resposta aos questionários de 62,7% da população. Verifica-se que a maior taxa de retorno se situa nos alunos do 2.º

ciclo, seguindo-se os alunos do ensino secundário, os do 3.º ciclo e os professores. De facto, os sujeitos não responderam todos ao inquérito por questionário. No caso das amostras do 2.º e 3.º ciclo, sabemos que muitos dos alunos não tiveram autorização por parte do encarregado de educação visto que nos entregaram o documento com a não autorização devidamente assinalada no preenchimento do mesmo.

Apesar da investigadora já não trabalhar no Agrupamento, uma série de diligências foi realizada no sentido de obter uma taxa de retorno de 100%. Após diversas reuniões com os membros da direcção, nas diversas reuniões da escola, apresentamos o estudo a realizar e pedimos a colaboração a todos os docentes na realização do mesmo.

No caso dos professores, para além dos pedidos realizados pessoalmente aos mesmos, tanto a diretora como a investigadora enviaram repetidas vezes para o mail pessoal um link direccionado para o questionário a relembrar o seu precioso apoio no desenrolar do mesmo. No caso dos alunos, e como referimos anteriormente, a cada diretor de turma foi entregue um envelope com os respetivos questionários e pedidos de autorização aos encarregados de autorização para todos os alunos de cada turma. Cada um deles comprometeu-se a entregar os documentos a cada aluno na reunião mensal com a turma, e a devolver posteriormente o mesmo envelope já com as autorizações e respetivos questionários preenchidos, à direcção da escola. Consideramos que, globalmente, as taxas de retorno foram satisfatórias embora tenhamos constatado com alguma surpresa que o valor mais baixo correspondeu à taxa de retorno dos questionários aplicados aos professores.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES

4.1. 1. CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA E PROFISSIONAL

4.1.2. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DAS RS

4.1.3. PERSPETIVAS DE USO DAS RS EM CONTEXTOS ESCOLARES

4.2. QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

4.2.1. CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA

4.2.2. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DAS RS

4.2.3. PERSPETIVAS DE USO DAS RS EM CONTEXTOS ESCOLARES

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é reservado à apresentação, análise e discussão dos dados recolhidos através dos questionários, tendo em vista os objetivos e as questões de investigação do nosso estudo.

A apresentação e análise dos dados recolhidos foram efetuadas seguindo a ordem dos questionários aos professores e alunos correspondentes aos itens. Desse modo, os primeiros dados analisados foram os dos questionários aos grupos das amostras observadas (professores e alunos) seguindo os itens que os constituíam, caracterização familiar e profissional, no que toca aos professores (4.1.), caracterização familiar respeitante aos alunos (4.2.), caracterização de acesso e de uso das redes sociais na internet de cada um dos grupos e perspectivas do uso pedagógico das RS em contexto escolar.

4.1. OS QUESTIONÁRIOS AOS PROFESSORES

A fim de recolher os dados junto dos professores, foram distribuídos via mail institucional o link de acesso ao questionário. Entre 84 professores do Agrupamento, apenas 46 responderam ao mesmo, ou seja, a taxa de retorno foi de 54,7%, apesar de todo o empenho pessoal e da colaboração da direção da escola.

De seguida, analisaremos as respostas dos inquiridos sendo os resultados apresentados item a item tendo por base tabelas de frequência com gráficos de barras.

4.1. 1. CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA E PROFISSIONAL

IDADE

As idades dos inquiridos foram agrupadas em classes, verificando-se que a faixa etária mais representativa é a que se situa entre os 36-45 anos com 50% (gráfico 13) e não haver elementos com as idades compreendidas entre os

18-25. A média de idades dos professores que responderam ao questionário situa-se nos 43,5 anos, a moda nos 38 anos e a mediana nos 43 anos.

Gráfico 13 - Distribuição dos professores por idade

1. Distribuição dos professores por idade			
Faixas etárias		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
18-25		0	0%
26-35		7	15%
36 - 45		23	50%
46-55		11	24%
> 56		5	11%
Total		46	100%

Relativamente à frequência absoluta das idades da amostra dos docentes, observamos no gráfico 13 que é maior entre os 38 anos e os 58 anos.

SEXO

Entre os 46 professores que responderam ao inquérito, 78% são do sexo feminino e 22% do sexo masculino (Gráfico 14).

Gráfico 14 - Distribuição da amostra dos professores por género

2. Sexo			
Sexo		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Masculino		10	22%
Feminino		36	78%
Total		46	100%

Apesar da reduzida dimensão da amostra masculina, com apenas 10 elementos, em determinados pontos observamos as respostas obtidas quanto ao género, nomeadamente, no que toca às habilitações literárias, à formação contínua e às atividades realizadas, visto as diferenças identificadas serem bastantes significativas.

FILHOS

Ao observarmos o gráfico 15, verificamos que mais da maioria, 54% dos professores, têm filhos. A perspetiva que estes inquiridos “professores/ pais” têm sobre as redes sociais é mais abrangente do que a dos “professores” porque não só podem analisar o uso das RS pelos alunos como também pelos filhos.

Gráfico 15 - Distribuição da amostra pelos filhos

3. Filhos			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não		21	46%
Sim		25	54%
Total		46	100%

SITUAÇÃO PROFISSIONAL

A análise do gráfico 16, permite-nos observar que os professores são na sua maioria do Quadro da Escola (61%). Na sua quantidade, seguem-se os professores contratados (20%) e os professores de quadro de zona pedagógica (17%).

Gráfico 16 - Distribuição da amostra dos professores por situação profissional

4. Situação profissional			
Situação profissional		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Professor de Quadro da Escola		28	61%
Professora de Quadro da Zona Pedagógica		8	17%
Professor Destacado		1	2%
Professor Contratado		9	20%
Professor em Substituição		0	0%
Total		46	100%

GRUPO DE RECRUTAMENTO A QUE PERTENCE

No ano letivo 2012/ 2013, o quadro do corpo docente desta escola é composto por 84 professores distribuídos pelos diferentes grupos de recrutamento (anexo 2).

Relativamente ao grupo de recrutamento a que pertencem os docentes da amostra, verificou-se que 52 % pertence aos grupo 300 (Português), seguidos dos grupos 500 (Matemática), 520 (Biologia e Geologia), 550 (Informática) com 9%.

CICLOS DE LECIONAÇÃO

Quanto à distribuição dos professores por níveis de ensino em que lecionam, observou-se que 74% lecionam no 3.º ciclo, 63% no ensino secundário e 17% no 2.º ciclo (Gráfico 17). É de referir que alguns docentes lecionam em dois ciclos em simultâneo.

Gráfico 17 - Distribuição da amostra dos professores por níveis de leccionação

6. Ciclo(s) de escolaridade em que leciona atualmente			
Ciclos de escolaridade		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
2º ciclo		8	17%
3º ciclo		34	74%
Ensino Secundário		29	63%

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

No que concerne as habilitações literárias dos professores, verificamos que 94% dos docentes tem uma licenciatura, 16% uma pós-graduação e 11% um mestrado (Gráfico 18).

É de realçar que não colocamos no questionário a opção Bacharelato, o que fez com que, caso o inquirido tivesse essa habilitação, se identificasse com "Outras. Quais?", tendo existido um professor que assinalou essa opção de resposta.

Gráfico 18 - Distribuição da amostra dos professores pelas habilitações literárias

7. Habilitações literárias			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Licenciatura		42	93%
Curso de Especialização		4	9%
Pós-graduação		7	16%
Mestrado		5	11%
Mestrado pós-Bolonha		0	0%
Doutoramento		0	0%
Outras. Quais?		1	2%

FORMAÇÃO CONTÍNUA

No que diz respeito à formação contínua ao nível da especialização ou pós-graduação, verificamos que 13,04% da amostra de docentes se encontra a frequentar alguma iniciativa de formação, nomeadamente, a realizar um mestrado (Gráfico 19).

Gráfico 19 - Distribuição dos professores pela formação que se encontram a frequentar

8. Formação contínua			
Modalidades De formação		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Curso de especialização		0	0%
Pós-graduação		0	0%
Mestrado		6	100%
Doutoramento		0	0%

Apenas por curiosidade, observamos que a aposta na formação contínua é feita pelos docentes do sexo feminino através da realização do mestrado como se pode ver na tabela que se segue (tabela 16).

Tabela 16 - Formação contínua quanto ao género

Formação contínua quanto ao género		
Modalidades de formação	Masculino	Feminino
Curso de especialização	0	0
Pós-graduação	0	0
Mestrado	0	6
Doutoramento	0	0
Total	0	6

SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA E PROFISSIONAL DA AMOSTRA DOS DOCENTES

Em síntese, a amostra dos professores respondentes é maioritariamente feminina (78%) e a faixa etária mais representativa da amostra é a que se situa entre os 36 - 45 anos (50%) e a menos representativa é a dos 18-25 anos (0%), sendo que a média de idades dos sujeitos inquiridos é de 43,5 anos. Relativamente à situação familiar dos professores, 54% dos professores tem filhos.

No que toca à sua caracterização profissional, na sua maioria os docentes são do Quadro da Escola (61%), seguindo-se os professores contratados (20%) e os professores de quadro de zona pedagógica (17%). Quanto aos grupos de recrutamento, 52 % pertence ao grupo de recrutamento 300, ensino de Português no 3.º ciclo e secundário, seguidos dos grupos 500 (Matemática), 520 (Biologia e Geologia), 550 (Informática) com 9%. Quanto à distribuição dos professores por níveis de ensino em que lecionam, 74% lecionam no 3.º ciclo, 63% no ensino secundário e 17% no 2.º ciclo. Verificamos ainda que 94% dos

docentes tem uma licenciatura, 16% uma pós-graduação e 11% um mestrado e que 13,04% da amostra de docentes do sexo feminino se encontra a realizar um mestrado.

4.1.2. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

UTILIZADOR DE ALGUMA REDE SOCIAL

Como se pode observar no gráfico 20, a maioria da nossa amostra de professores é utilizador de alguma rede social (61%).

Gráfico 20 – “Utilizadores-professores” da rede social

9. Utilizador de alguma rede social			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		28	61%
Não		18	39%
Total		46	100%

Do total de professores que responderam ao questionário, 61% revelaram ser utilizadores de redes sociais, ao contrário de 39%, sendo que não se registam diferenças significativas relativamente ao género - tabela 17.

Tabela 17 – “utilizadores-professores” das redes sociais quanto ao género

Utilizadores das redes sociais			
	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Sim	6 (60%)	22 (61%)	28 (61%)
Não	4 (40%)	14 (39%)	18 (39%)
Total	10 (100%)	36 (100%)	46 (100%)

REDES SOCIAIS UTILIZADAS

Entre as redes sociais (RS) utilizadas pelos professores, encontra-se em primeiro lugar o Facebook (96%), seguida do Skype (54%) e do MSN (39%). Alguns referiram ainda o Gmail (gráfico 21).

Gráfico 21 - Rede social que os professores costumam utilizar

10. Redes Sociais que costuma utilizar			
RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Facebook		27	96%
Skype		15	54%
Messenger (MSN)		11	39%
Twitter		5	18%
Outros.Qual/Quais?		5	18%
HI5		2	7%
MySpace		0	0%

REDES SOCIAIS MAIS UTILIZADAS

No que toca às redes sociais mais utilizadas, continua em primeiro lugar o Facebook (93%), seguida do Skype e do MSN, ambos com 15% de utilizadores (gráfico 22).

Gráfico 22 - Rede social mais utilizada pelos professores

11. A Rede Social mais utilizada			
RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Facebook		25	93%
Messenger (MSN)		4	15%
Skype		4	15%
Twitter		1	4%
HI5		1	4%
MySpace		0	0%
Outros. Qual/ Quais?		0	0%

TEMPO DE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

Relativamente ao número de anos em que os inquiridos utilizam as redes sociais, 46% dos professores da amostra utilizam as redes sociais há um período entre 1 e 5 anos e a média de utilização é de 7 anos (gráfico 23), o que não é de admirar numa amostra cuja faixa etária representativa se situa entre os 36-45 anos.

Gráfico 23 - Anos de utilização das redes sociais pelos professores

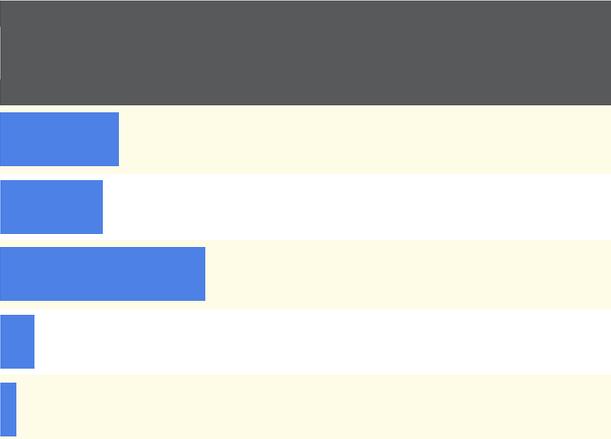
12. Tempo de utilização das Redes Sociais			
Tempo		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
- 1 ano		0	0%
1 - 5 anos		13	46%
5 - 10 anos		11	39%
+ 10 anos		4	14%
Total		28	100%

IDADE DE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

Relativamente ao cálculo da idade de utilização das RS, é de referir que os elementos indicaram uma idade. Relativamente à média idade de utilização, observamos que é de 37,7 anos

Relativamente às faixas etárias, com as idades obtidas tivemos de integrá-las em intervalos. Assim, no que concerne à idade em que começou a utilizar as redes sociais, a quase-maioria (43%) começou a utilizar as redes sociais na internet entre os 36 e os 45 anos (gráfico 24).

Gráfico 24 - Idade de utilização das redes sociais pelos professores

13. Idade de utilização das Redes Sociais			
Idade		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Entre os 18 - 25		7	25%
Entre os 26 - 35		6	21%
Entre os 36 - 45		12	43%
Entre os 46 - 55		2	7%
Com > 56		1	4%
Total		28	100%

APOIO NA CRIAÇÃO DO PERFIL/ CONTA NA REDE SOCIAL

Quanto ao apoio na criação do perfil/ conta na RS, a maioria dos professores criou-o sozinho (75%) - gráfico 25.

14. Apoio na abertura da primeira conta			
		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Criei sozinho, sem ajuda		21	75%
Um colega da escola		4	14%
Um amigo		2	7%
Outra(s) pessoa(s). Qual/ Quais?		1	4%
Total		28	100%

No que toca ao género, observamos que a quase totalidade masculina criou o perfil sozinho (83,33%) contra a maioria da amostra feminina (72,73%), o que revela um maior grau de autonomia tecnológica do que a população feminina. Cerca de um quarto dos elementos femininos precisou da ajuda de um colega, amigo ou outra pessoa – tabela 18.

Tabela 18 - Apoio na criação do perfil dos professores quanto ao género

Apoio na criação do perfil quanto ao género			
	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Criei sozinho, sem ajuda	5 (83%)	16 (73%)	21 (75%)
Um colega da escola	1 (17%)	3 (14%)	4 (14%)
Um amigo	0 (0%)	2 (9%)	2 (7%)
Outra(s) pessoa(s). Qual/ Quais?	0 (0%)	1 (4%)	1 (4%)
Total	6 (100%)	22 (100%)	28 (100%)

AMIGOS NO PERFIL

A fim de comparar o nosso estudo com os estudos lidos, à semelhança do que se fez para obter o cálculo da idade de uso das RS, optamos pelo mesmo procedimento para o cálculo do número de amigos no perfil.

Todos os elementos referiram um número de amigos cuja média calculada foi de 355,05 amigos.

Estabelecemos ainda o número de amigos em intervalos de idade, embora três sujeitos não saibam o número, mais de um terço (36%) tem 100 a 499 pessoas e quase um quinto (18%) tem 500 a 999 amigos. (gráfico 26).

Gráfico 26 – Amigos no perfil dos professores

15. Amigos no perfil			
Amigos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
- 50		2	7%
50 - 100		4	14%
100 - 499		10	36%
500 - 999		5	18%
+ 1000		3	11%
Não sabe		4	14%
Total		28	100%

GRUPOS DE PESSOAS NO PERFIL

No que toca ao grupo de pessoas presentes na rede social, todos apresentam amigos pessoais (100%), seguidos de antigos colegas do tempo de estudante (89%), e finalmente colegas atuais e outros familiares que não sejam próximos (pais, filhos e irmãos) com 82%. Quanto à presença dos alunos no perfil, 68% revelam ter adicionado antigos alunos e apenas 43% tem alunos

atuais na sua rede social (gráfico 26), o que pode indiciar alguma reserva por parte dos professores na inclusão de alunos, principalmente de alunos atuais, na sua rede de amigos, podendo também supor-se que isso aponta para uma perspetiva de que a RS é um espaço ainda muito pessoal.

Gráfico 27 – Grupos de amigos no perfil dos professores

16. Grupos de pessoas no perfil			
Grupos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Amigos pessoais		28	100%
Antigos colegas do tempo de estudante		25	89%
Colegas de escola onde estou a trabalhar		23	82%
Outros familiares		23	82%
Colegas de outras escolas em que trabalhou		22	79%
Antigos alunos		19	68%
Irmãos		17	61%
Atuais Alunos		12	43%
Filhos		8	29%
Desconhecidos ou conhecidos apenas da Internet		3	11%
Pais		3	11%
Outra(s) pessoa(s). Qual / quais?		0	0%

Analisamos ainda o grupo de amigos no perfil quanto ao género, sendo que ambas as amostras revelam amigos pessoais, antigos colegas estudantes e atuais colegas. As amostras diferem relativamente aos alunos, visto que os

docentes masculinos apresentam alunos, atuais e antigos na mesma proporcionalidade. Revelam ainda amigos desconhecidos e outros familiares. Os docentes femininos não apresentam um tão grande número de alunos e distinguem os antigos dos atuais, que correspondem apenas a poucos mais de um terço. Apresentam ainda outros familiares e os pais.

Tabela 19 – Grupos de pessoas no perfil dos professores segundo o género

GRUPO DE PESSOAS NO PERFIL SEGUNDO O GÉNERO			
Grupos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Amigos	6 (100%)	22 (100%)	28 (100%)
Antigos colegas do tempo de estudante	5 (83%)	20 (91%)	25 (90%)
Colegas de escola onde estou a trabalhar	5 (83%)	18 (82%)	23 (82%)
Colegas de outras escolas em que trabalhou	4 (67%)	18 (82%)	22 (79%)
Antigos alunos	5 (83%)	14 (64%)	19 (68%)
Atuais alunos	5 (83%)	7 (32%)	12 (43%)
Desconhecidos ou conhecidos apenas da Internet	1 (17%)	2 (10%)	3 (11%)
Pais	0 (0%)	3 (14%)	3(11%)
Irmãos	4 (67%)	13 (59%)	17 (61%)
Filhos	2 (33%)	6 (27%)	8 (28%)
Outros familiares	3 (50%)	20 (91%)	23 (82%)
Outra(s) pessoa(s). Qual / quais?	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Total	6 (100%)	22(100%)	28(100%)

MOTIVAÇÕES (RAZÕES) DA CRIAÇÃO DO PERFIL

Entre as razões enumeradas para a criação do perfil, a maioria alega que foi para se relacionar mais facilmente com os colegas (46%). A seguir, referem a curiosidade (25%), e, finalmente, com o mesmo grau de importância, por motivos profissionais e porque os colegas e os amigos também têm (7%) - gráfico 28.

Gráfico 28 – Razões dos professores para a criação de um perfil/ conta na rede social

17. Razões da criação do perfil			
Razões		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Para me relacionar mais facilmente com um determinado grupo de amigos/ colegas		13	46%
Porque tinha curiosidade em saber como era		7	25%
Porque os meus colegas professores também tinham		2	7%
Porque os meus amigos também tinham		2	7%
Por motivos profissionais		2	7%
Porque recebi um convite		1	4%
Por outra razão. Indique qual:		1	4%
Total		28	100%

FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE AULAS

Quanto à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de aulas, um terço afirmam utilizar todos os dias da semana (32%), um quarto refere que utiliza 2 a 4 vezes por semana (25%) e 18% apenas aos fins-de-semana (gráfico 29).

Gráfico 29 – Frequência de uso em tempo de aulas das redes sociais pelos professores

18. Frequência de uso em tempo de aulas			
		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Todos os dias da semana		9	32%
2 a 4 vezes por semana		7	25%
Apenas aos fins-de-semana		5	18%
5 a 6 vezes por semana		4	14%
Menos de 1 vez por semana		3	11%
Total		28	100%

Tivemos a curiosidade de analisar se a frequência de uso em tempo de aulas era semelhante entre os docentes e as docentes e observamos que difere. Em tempo de aulas, a amostra masculina na sua maioria utiliza todos os dias da semana (67%). A amostra feminina divide-se em quintos quanto aos períodos de 2 a 4 vezes por semana, aos fins-de-semana e todos os dias da semana, o que indica uma menor disponibilidade por parte desta amostra para as redes sociais.

Tabela 20 – Frequência de uso em tempo de aulas das redes sociais pelos professores segundo o gênero

FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE AULAS SEGUNDO O GÊNERO			
Grupos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Menos de 1 vez por semana	0 (0%)	3 (13%)	3 (11%)
2 a 4 vezes por semana	2 (33%)	5 (23%)	7 (25%)
5 a 6 vezes por semana	0 (0%)	4 (18%)	4 (14%)
Apenas aos fins-de-semana	0 (0%)	5 (23%)	5 (18%)
Todos os dias da semana	4 (64%)	5 (23%)	9 (32%)
Total	6 (100%)	22(100%)	28(100%)

FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE FÉRIAS

No que diz respeito à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de férias, a maioria afirma utilizar 2 a 4 vezes por semana (52%), cerca de um quinto refere que utiliza 5 a 6 vezes por semana (19%) e finalmente 15% todos os dias da semana (gráfico 30).

Gráfico 30 – Frequência de uso em tempo de férias das redes sociais pelos professores

19. Frequência de uso em tempo de férias			
		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
2 a 4 vezes por semana		14	52%
5 a 6 vezes por semana		5	19%
Todos os dias da semana		4	15%
Menos de 1 vez por semana		2	7%
Apenas aos fins-de-semana		2	7%
Total		27	100%

Em tempo de férias, tanto a amostra masculina como a feminina na sua maioria utiliza 2 a 4 dias por semana (67%), embora prevaleça sempre a masculina – tabela 21.

Tabela 21 – Frequência de uso em tempo de férias das redes sociais pelos professores segundo o género

FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE FÉRIAS SEGUNDO O GÉNERO			
Grupos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Menos de 1 vez por semana	0 (0%)	2 (10%)	2 (7%)
2 a 4 vezes por semana	4 (66%)	10 (47%)	14 (52%)
5 a 6 vezes por semana	1 (17%)	4 (19%)	5 (19%)
Apenas aos fins-de-semana	0 (0.0%)	2 (10%)	2 (7%)
Todos os dias da semana	1 (17%)	3 (14 %)	4 (15%)
Total	6 (100%)	21 (100%)	27(100%)

LOCAIS DE ACESSO

No que toca aos locais de acesso, a generalidade refere o acesso em casa (100%), seguidamente dos locais públicos e de outros espaços da escola, que não sejam nas salas de aula e na biblioteca (29%) - gráfico 31.

Gráfico 31 – Locais de acesso às redes sociais pelos professores

20. Locais de acesso às redes sociais			
Locais de acesso		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Casa		28	100%
Salas de aulas da escola		5	18%
Aulas		1	4%
Biblioteca da escola		5	18%
Outros espaços da escola		8	29%
Locais públicos (junta de freguesia, biblioteca...)		8	29%
Em outro(s) lugar(es). Indica qual/quais:		0	0%

DISPOSITIVOS DE ACESSO

Quanto aos dispositivos de acesso, a maioria utiliza o computador portátil para aceder às redes sociais (89%), metade dos inquiridos utilizam o telemóvel (50%) e finalmente 43% o computador fixo (gráfico 32). Estes dados evidenciam claramente a crescente presença dos dispositivos móveis como meios de acesso às redes sociais, ampliando assim os locais a partir dos quais esse acesso pode ocorrer.

Gráfico 32 – Dispositivos de acesso às redes sociais pelos professores

21. Dispositivos de acesso			
Dispositivos de acesso		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Computador portátil		25	89%
Computador de secretária		12	43%
Telemóvel		14	50%
Tablet		3	11%
Consola de jogos portátil		0	0%
Outro dispositivo. Indique qual/ quais:		0	0%

ATIVIDADES REALIZADAS NO PERFIL

Ao observarmos o gráfico 33, verificamos que os professores utilizam a rede social para bastantes atividades. As atividades menos realizadas são a observação do comportamento dos alunos e o jogar (7%). A maioria utiliza o chat para conversar (82%) e 75% utiliza para observar as notícias, “fazer likes”, fazer comentários e responder a mensagens.

Gráfico 33 – Atividades dos professores quanto ao género

22. Atividades realizadas nas redes sociais			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Conversar no chat		23	82%
Observar as notícias		21	75%
Fazer "like"		21	75%
Responder a mensagens		21	75%
Fazer comentários		21	75%
Publicar no mural		20	71%
Deixar mensagens		20	71%
Relacionar-me com amigos		18	64%
Publicar fotografias		16	57%
Comentar fotos		14	50%
Partilhar músicas		12	43%
Partilhar documentos		12	43%
Partilhar links		11	39%
Partilhar vídeos		10	36%
Relacionar-me com antigos alunos		9	32%
Criar eventos		7	25%
Jogar online		2	7%
Observar o comportamento dos alunos		2	7%
Outros(as). Indique qual/ quais:		0	0%

A tabela 22 revela as atividades dos docentes quanto ao género, sendo que apenas os docentes do sexo masculino é que jogam *online*. Quanto à população feminina, a maioria utiliza o *chat* para conversar (86%), responder a mensagens (77%) e cerca de 72% utiliza para observar as notícias, "fazer

likes”, comentários e relacionar-se com os amigos. A totalidade da população masculina publica no mural e faz comentários e mais da maioria (83 %) partilha músicas, “faz likes” e observa as notícias.

Tabela 22 – Atividades no perfil dos professores

ATIVIDADES REALIZADAS			
Grupos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
Publicar no mural	6 (100%)	14(64%)	20 (71%)
Publicar fotografias	3 (50%)	13 (59%)	16 (57%)
Jogar online	2 (33 %)	0(0%)	2(7%)
Conversar no chat	4 (67%)	19 (86%)	23 (82%)
Partilhar músicas	5 (83%)	7 (32%)	12 (43%)
Partilhar vídeos	4 (67%)	6 (27%)	10 (36%)
Observar as notícias	5 (83%)	16 (73%)	21 (75%)
Partilhar documentos	3 (50%)	9(41%)	12 (43%)
Deixar mensagens	4 (67%)	16 (73%)	20 (71%)
Fazer likes	5 (83%)	16 (73%)	21 (75%)
Comentar fotos	3 (50%)	11 (50%)	14 (50%)
Responder a mensagens	4 (67%)	17 (77%)	21 (75%)
Fazer comentários	6 (100%)	15 (68%)	21 (75%)
Partilhar links	2 (33%)	9 (41%)	11 (39%)
Criar eventos	2 (33%)	5 (23%)	7 (25%)
Relacionar-me com amigos	2 (33%)	16 (73%)	18 (64%)
Relacionar-me com antigos alunos	1 (17%)	8(36%)	9 (32%)
Observar o comportamento dos alunos	1 (17%)	1(5%)	2 (7%)
Outros (as). Indique qual/ quais:	0 (0%)	0(0%)	0 (0%)
Total	6 (100%)	21(100%)	27 (100%)

MOTIVOS DE ACESSO

Como se pode observar no gráfico 34, a maioria dos professores (71%) refere como maior motivo de acesso, a consulta de páginas do seu interesse. Seguem-se com 68% o relacionar-se com amigos e o comunicar com atuais colegas professores. Apenas 4% referem motivos como “fazer novos amigos” e “observar o comportamento dos alunos”.

Os docentes comunicam tanto com antigos “colegas professores” como com “antigos alunos” (43%), comunicam também com os atuais alunos (25%). Nota-se um ténue desenvolvimento de projetos pedagógicos com alunos (11%) e com outros colegas professores (7%), e observam o comportamento dos alunos (4%), o que indicia que em termos pedagógicos as RS praticamente não são utilizadas.

Gráfico 34 – Motivos de acesso dos professores

23. Motivo(s) de acesso às redes sociais			
Motivos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Consultar páginas de assuntos que me interessam a nível pessoal		20	71%
Relacionar-me com amigos		19	68%
Comunicar com atuais colegas professores		19	68%
Comunicar com familiares		17	61%
Comunicar com antigos alunos		12	43%
Comunicar com antigos colegas professores		12	43%
Comunicar com atuais alunos		7	25%
Desenvolver projetos pedagógicos com os alunos		3	11%
Desenvolver projetos pedagógicos com outros colegas professores		2	7%
Para acompanhar o uso por parte dos meus filhos/ as		2	7%
Fazer novos amigos		1	4%
Observar o comportamento dos alunos		1	4%
Por outros motivos. Indique quais:		1	4%

CONHECIMENTO DE COLEGAS PROFESSORES QUE UTILIZEM AS REDES SOCIAIS NA ESFERA PRIVADA

Quando se pergunta se tem algum conhecimento de colegas que utilizem as redes sociais na vida privada, a quase totalidade responde afirmativamente (93%) - gráfico 35.

Gráfico 35 - Conhecimento dos colegas professores que utilizam as redes sociais na esfera privada

24. Conhecimento dos colegas professores utilizadores das redes sociais na esfera pessoal

Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não		2	7%
Sim, alguns		12	43%
Sim, bastantes		12	43%
Sim, muitos		2	7%
Total		28	100%

CONHECIMENTO DE COLEGAS PROFESSORES QUE UTILIZAM AS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO PROFISSIONAL

Formulada a mesma pergunta mas relativamente ao uso das redes sociais a nível profissional, tema que nos interessa mais, já 50% responde negativamente, o que mais uma vez indicia que as redes sociais são ainda pouco utilizadas pelos professores do ponto de vista profissional (gráfico 36).

25. Conhecimento dos colegas professores utilizadores de redes sociais em contexto profissional

Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não		14	50%
Sim , alguns		11	39%
Sim, bastantes		3	11%
Sim, muitos		0	0%
Total		28	100%

OPINIÃO SOBRE OS MOTIVOS DOS ALUNOS PARA O USO DAS REDES SOCIAIS

Como se pode observar no gráfico 37, analisamos as perceções dos professores relativamente aos motivos dos alunos para usarem as RS. A totalidade dos docentes inquiridos pensa que os alunos utilizam as redes sociais para comunicar com amigos (100%), “fazer novos amigos” e “porque todos usam” (85%) - gráfico 27. Outro motivo apontado com uma percentagem alta foi o “namorar” (70%). No que toca ao nível escolar, mais de um terço refere o acesso à informação, um quarto comunicar com os atuais professores e uma percentagem mínima os trabalhos escolares.

Gráfico 37 – Opinião dos professores sobre os motivos dos alunos para o uso das redes sociais

26. Opinião dos professores sobre a(s) razão(ões) dos alunos para o uso das redes sociais

Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Comunicar com amigos		27	100%
Fazer novos amigos		23	85%
Porque todos usam		23	85%
Namorar		19	70%
Curiosidade		15	56%
Para aceder à informação		10	37%
Comunicar com os atuais professores		7	26%
Comunicar com antigos professores		6	22%
Para trabalhos escolares		2	7%
Por outros motivos. Indique quais:		0	0%

USO PEDAGÓGICO DAS REDES SOCIAIS

Colocamos a questão aos docentes se achavam que se podia usar as redes sociais em contexto escolar. Assim, a maioria respondeu que sim (68%), enquanto 32% respondeu que talvez (gráfico 38).

Gráfico 38 – Uso pedagógico das redes sociais

27. Opinião sobre o uso pedagógico das redes sociais			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		19	68%
Não		0	0%
Talvez, mas desconheço como		9	32%
Total		28	100%

USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Pela análise do gráfico 39, verificamos que apenas 25% dos docentes já utilizou as redes sociais em contexto escolar, ao contrário de 75%.

Gráfico 39 – Uso das redes sociais pelos professores em contexto escolar

29. Uso das redes sociais em contexto escolar			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		7	25%
Não		21	75%
Total		28	100%

Através de uma questão aberta, dirigida aos professores que tinham respondido no sentido de já terem feito uso pedagógico das RS, pretendemos saber que projetos desenvolveram no âmbito escolar, em que disciplinas e com que objetivos. As respostas dadas encontram-se presentes na ilustração 2 em que verificamos que dos 7 dos professores que referiram já ter utilizado RS nesse âmbito, apenas 6 descreveram o que realizam. Assim, usaram as RS para partilha de materiais e de informação em diversas disciplinas como História, Português e Filosofia (ilustração 2).

29. 1. Uso das redes sociais em contexto escolar - disciplinas

Resposta ao texto

- Sim, para mostrar páginas que incluem material fotográfico relacionado com a História!
- PES. Abordagem de temas relacionados com a educação sexual.
- ...usei as redes sociais para transmitir informações aos meus alunos, para partilhar com eles documentos de trabalho, notas, etc.
- Foram utilizadas em disciplinas várias. Permitem uma comunicação rápida com os alunos, fomentam o debate e a partilha de ideias e materiais.
- Criei um Blogue para a disciplina de Português com o objetivo de motivar para a disciplina, nomeadamente ao nível da leitura e escrita. Aí eram publicados textos de autores conhecidos, curiosidades, propostas de atividades para os alunos e textos produzidos por estes.
- Filosofia - para divulgação de projetos/atividades, seleção de informação (museus, por exemplo)...

Ilustração 14 – Uso das redes sociais em contexto escolar

OPINIÃO SOBRE O USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Ao observarmos o gráfico 40, constatamos que a maioria daqueles que ainda não utilizaram as redes sociais, não gostaria de utilizar (57%) em contexto escolar as redes sociais.

Gráfico 40 – Uso pedagógico das redes sociais pelos professores em contexto escolar para quem ainda não usou

30. Opinião sobre o uso das redes sociais em contexto escolar

Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim, porque...		9	43%
Não, porque...		12	57%
Total		21	100%

Para analisarmos as respostas a esta pergunta aberta, utilizamos um tratamento às respostas textuais qualitativas, fazendo uma análise de conteúdo através do método das categorias emergentes. Apesar da revisão da literatura

realizada, não se conhecendo as possibilidades que poderiam ser dadas, para o seu tratamento partiu-se da análise das respostas dadas e das suas regularidades para a criação de categorias (Robert Bogdan & Biklen, 1994). Assim, tentando agrupar as que fossem semelhantes analisamos o conteúdo das razões dadas pelos docentes.

NÃO UTILIZOU AS RS EM CONTEXTO ESCOLAR MAS GOSTARIA DE UTILIZÁ-LAS

Os professores que ainda não utilizaram as RS em contexto escolar mas que pretendem utilizá-las apresentaram 6 razões para o seu uso como se pode ver no gráfico 41. Entre aqueles que pretendem utilizar as RS em contexto escolar (43%- 10 professores) referem como principal motivo que é uma ferramenta motivadora (70% - 7 professores). O segundo motivo é a necessidade de interagir mais com os alunos (20% - 2). Outros motivos referidos são a experiência, o maior sucesso escolar e o querer “pôr mais à vontade” os alunos para que coloquem dúvidas, ambos com 10% - gráfico 41.

Gráfico 41 – Motivos dos professores para o uso das redes sociais em contexto escolar

30.1. Não utilizou as redes sociais em contexto escolar mas gostaria de utilizá-las porque...

Razões		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
...é uma ferramenta motivadora		7	70%
...para interagir mais com os alunos...		2	20%
...para experimentar...		1	10%
...para obter mais sucesso escolar...		1	10%
...para pôr os alunos à-vontadepara colocarem as suas dúvidas...		1	10%

NÃO UTILIZOU AS RS EM CONTEXTO ESCOLAR E NÃO GOSTARIA DE UTILIZÁ-LAS

Quanto aos elementos da classe docente que ainda não utilizaram as RS em contexto escolar e que não pretendem utilizá-las – num total de 20 respostas – identificamos 5 razões para essa posição, como se pode ver no gráfico 42. A razão mais apontada foi “não tem qualquer utilidade ou interesse” com 30%. Seguem-se outros motivos, ambos com 20%, como o não considerar pedagógica a ferramenta, não se aplicar à sua situação em particular ou o haver outros meios eficazes.

Gráfico 42 – Motivos dos professores para o não uso das redes sociais em contexto escolar

30.2. Não utilizou as redes sociais em contexto escolar e não gostaria de utilizá-las porque...			
Resposta		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não tem qualquer utilidade/interesse.		3	30%
Não acho pedagógico.		2	20%
Não se aplica à minha situação.		2	20%
Há outros meios mais eficazes.		2	20%
Ainda não se proporcionou.		1	10%

SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO DO ACESSO E USO DE REDES SOCIAIS NA INTERNET

No que concerne às práticas de utilização das RS pela parte dos docentes, a maioria da nossa amostra é utilizador de alguma rede social (61%), sendo o Facebook (93%) a mais utilizada, seguida do Skype e do MSN, tendo mais do que a maioria (75%) criado sozinho o seu perfil/ conta.

A quase-maioria (43%) começou a utilizar as redes sociais na Internet entre os 36 e os 45 anos, sendo a média de idade de utilização de 37,7 anos. Ainda relativamente ao número de anos em que utilizam as redes sociais, a quase-maioria da amostra (46%) utiliza-as entre o 1 e 5 anos e a média de utilização é de 7 anos.

Quanto ao número de amigos no perfil, mais de um terço (36%) tem 100 a 499 pessoas e quase um quinto (18%) tem 500 a 999 amigos, sendo a média de 355 amigos. No que toca ao grupo de pessoas presentes na rede social, todos apresentam amigos pessoais (100%), seguidos de antigos colegas do tempo de estudante (89%), e finalmente colegas de atuais e outros familiares que não sejam próximos (pais, filhos e irmãos) com 82%. Apenas 43%, tem alunos atuais na sua rede social.

Entre as razões enumeradas para a criação do perfil, a primeira é para se relacionar mais facilmente com os colegas (46%). A seguir, referem a curiosidade (25%), com o mesmo grau de importância, por motivos profissionais e, finalmente, porque os colegas e os amigos têm (7%).

Quanto à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de aulas, um terço afirmam utilizar todos os dias da semana (32%), um quarto refere que utiliza 2 a 4 vezes por semana (25%) e 18% apenas aos fins-de-semana. No que diz respeito à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de férias, a maioria afirma utilizar 2 a 4 vezes por semana (52%), um quinto refere que utiliza 5 a 6 vezes por semana (19%) e finalmente 15% todos os dias da semana.

No que toca aos locais de acesso, a generalidade refere em casa (100%), seguidamente dos locais públicos e de outros espaços da escola, que não sejam nas salas de aula e na biblioteca, estes apenas utilizados com 29%.

Quanto aos dispositivos de acesso, a maioria utiliza o computador portátil para aceder às redes sociais (89%), metade dos inquiridos utilizam o telemóvel (50%) e 43% o computador fixo.

Os professores utilizam a rede social para bastantes atividades. As atividades menos realizadas são a observação do comportamento dos alunos e

o jogar (7%). A maioria utiliza o chat para conversar (82%) e 75% utiliza para observar as notícias, “fazer likes”, fazer comentários e responder a mensagens.

A maioria da amostra (71%) refere como maior motivo de acesso a consulta de página do seu interesse. Seguem-se com 68% o relacionar-se com amigos e o comunicar com os colegas professores atuais. Apenas 4% referem motivos como “fazer novos amigos” e “observar o comportamento dos alunos”.

Quando se pergunta se tem algum conhecimento de colegas que utilizem as redes sociais na vida privada, apenas 7% respondem que não. A nível profissional da rede social, já 50% responde negativamente. Quanto aos alunos, a totalidade dos docentes inquiridos pensam que os alunos utilizam as redes sociais para comunicar com amigos (100%). Outros motivos apontados foram “fazer novos amigos” e “porque todos usam” (85%).

Relativamente ao provável uso pedagógico das redes sociais, a maioria 68% aponta que sim, enquanto 32% aponta que talvez. Verificamos que 32% já utilizou as redes sociais em contexto escolar. A maioria (57%) daqueles que não utilizaram as redes sociais demonstrou que não gostaria de utilizar em contexto escolar as redes sociais porque considera que não tem qualquer utilidade ou interesse (30%). Seguem-se outros motivos, ambos com 20%, como o não considerar pedagógica a ferramenta, o não se poder aplicar à sua situação ou o haver outros meios eficazes.

4.2. RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS AOS ALUNOS

A fim de recolher os dados junto dos alunos, foram distribuídos pelos diretores de turma os questionários, tendo em anexo o pedido de autorização aos pais. Entre os 687 alunos do Agrupamento, 451 alunos responderam ao mesmo, ou seja, a taxa de retorno foi de 65,64%. Entre os inquiridos, como se pode verificar através do documento da autorização devidamente assinado, 6,11% dos alunos não tiveram o consentimento dos pais para responder ao inquérito. Pensamos que muitos dos questionários não nos foram devolvidos porque não tinham autorização dos encarregados e que, por conseguinte, o

número de não autorizados foi maior ainda do que o que foi realmente apresentado. Se tivermos em conta as limitações de idade para a abertura de um perfil no Facebook, que se situa nos 13 anos, o facto de os pais não aceitarem que os filhos façam parte de uma RS pelo facto de não cumprirem estes pré-requisitos, e observarmos que mais de metade da amostra inquirida não os cumpre porque não tem idade para a abertura de uma conta, esta parece poder ser uma explicação viável.

Tabela 23- Número global de alunos

Ciclos de escolaridade	N.º Alunos	N.º Alunos que responderam	Percentagem Que respondeu	N.º não autorizados	Percentagem não autorizada
2.º CICLO	248	187	75,40%	33	14,63%
3.º CICLO	310	182	58,70%	9	2,9%
SECUNDÁRIO	129	082	63,56%	00	0%
TOTAL	687	451	65,64%	42	6,11%

De seguida, iremos analisar as respostas dos inquiridos sendo os resultados apresentados na totalidade, item a item, tendo por base tabelas de frequência ou gráficos de barras. Para um maior rigor, apresentamos em anexo os resultados tendo em conta as categorias: o 2º ciclo, o 3º ciclo e ensino secundário.

4.2.1. CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA

IDADE

No caso dos alunos, as idades dos inquiridos não foram agrupadas em classes tal como se fez com a amostra dos docentes. O limite inferior é de 10 anos e o superior é de 19 anos. A idade mais representativa é a dos 12 anos com 25% (gráfico 43). Seguem-se os que têm 11 anos com 17% e os de 13

anos (17%). A média de idades dos alunos que responderam ao questionário situa-se nos 12,7 anos, a moda nos 12 e a mediana nos 14,5 anos.

Gráfico 43- Distribuição dos alunos por idade

1. Idade			
Idade		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
10 anos		58	13%
11 anos		78	17%
12 anos		112	25%
13 anos		77	17%
14 anos		26	6%
15 anos		35	8%
16 anos		35	8%
17 anos		16	4%
18 anos		8	2%
19 anos		3	1%
Total		448	100%

SEXO

Entre os 451 alunos que responderam ao inquérito, 54% são do sexo feminino e 46% do sexo masculino (Gráfico 44).

Gráfico 44 - Distribuição da amostra dos alunos por género

2. Sexo			
Sexo		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Masculino		206	46%
Feminino		245	54%
Total		451	100%

SITUAÇÃO FAMILIAR

Ao observarmos o gráfico 45, verificamos que 80% dos alunos vivem com ambos os pais, enquanto 16% vive apenas com a mãe. Uma parte ainda (42%) refere também viver com os irmãos. Uma minoria refere ainda a presença de outras pessoas como os avós. É ainda de sublinhar o facto de as famílias monoparentais se situarem nos quase 20%.

Gráfico 45 – Caracterização do agregado familiar dos alunos

3. Agregado familiar			
Agregado familiar		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Com ambos os meus pais		360	80%
Com o meu pai		16	3%
Com a minha mãe		75	16%
Com o meu encarregado de educação		27	6%
Com o(s) meu(s) irmão(s)		191	42%
Com outras pessoas. Indica quem:		47	10%

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS

A análise do gráfico 46 permite-nos observar que a quase maioria dos pais tem apenas o 2.º ciclo de escolaridade (38%), seguido do 3.º ciclo (22%) e do secundário (20%). Relativamente ao nível de escolaridade obrigatório, o nível secundário, através do somatório das respostas, verificamos que mais da maioria, 68% dos pais e dos encarregados de educação, não o tem e que apenas um décimo tem habilitações superiores, o que indicia um baixo nível de habilitações académicas.

GRÁFICO 46 – HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO DOS ALUNOS

4. Habilitações literárias/escolares dos pais

Habilitações literárias/escolares dos pais	Não sabe ler nem escrever	1.º Ciclo (ensino primário)	2.º Ciclo (5.º e 6.º ano)	3.º Ciclo (até ao 9.º ano)	Secundário (até ao 12.º ano)	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento
a. Do pai	0	51	178	83	79	31	5	3
b. Da mãe	1	19	146	107	93	53	7	0
c. Encarregado de educação quando não é a mãe ou o pai	0	1	3	3	4	2	0	0
Total	1	71	327	193	176	86	12	3
%	0%	8%	38%	22%	20%	10%	1%	0%

ANOS, TURMAS E NÍVEIS DE ESCOLARIDADE

No que diz respeito às turmas que participaram no estudo, foram agrupadas pelos respetivos níveis de escolaridade, correspondendo o gráfico 47 ao nível do 2º ciclo, o 48 ao 3º ciclo e o 49 ao nível secundário.

Gráfico 47 - Distribuição das turmas a nível do 2º ciclo de escolaridade

5. 1. Anos e Turmas a nível do 2º ciclo			
Turmas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
6.º A		24	5%
5.º C		23	5%
5.º D		21	5%
6.º B		20	4%
6.º C		16	4%
5.º E		15	3%
5.º B		14	3%
6.º F		14	3%
5.º A		13	3%
6.º E		13	3%
6.º D		11	2%
Total		184	40%

Se analisarmos os níveis de escolaridade, o nível que menos participou no estudo corresponde ao secundário com 18%, enquanto do 2º nível, participou 40%, e do 3º, 41%. Quanto à participação das turmas por anos de escolaridade, a que pertencem os alunos da amostra, verificou-se que o nível de participação do 7º ano foi menor (gráficos 47, 48 e 49).

Gráfico 48 - Distribuição das turmas a nível do 3º ciclo de escolaridade

5. Anos e Turmas a nível do 3º nível de escolaridade

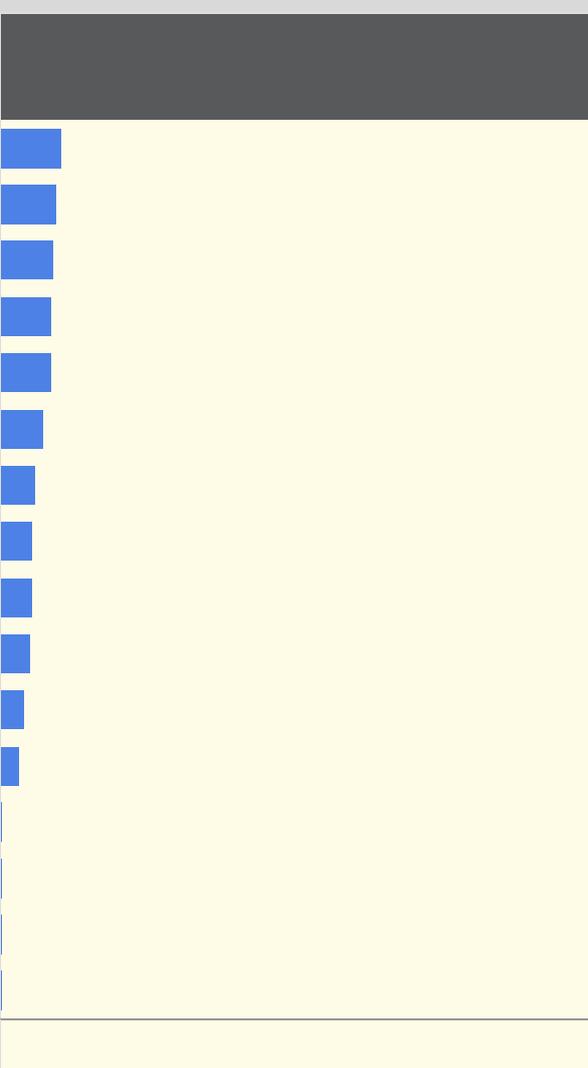
Turmas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
9.º B		23	5%
8.ºB		21	5%
9.º C		20	4%
8.º C		19	4%
8.º E		19	4%
7.º E		16	4%
7.º A		13	3%
7.ºB		12	3%
9.º D		12	3%
8.º A		11	2%
CEF		9	2%
9.º A		7	2%
7.º C		0	0%
7.º D		0	0%
7.º F		0	0%
8.º D		0	0%
Total		182	41%

Gráfico 49 - Distribuição das turmas a nível do secundário

5. Ano e Turma a nível do secundário			
Turmas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
10.ºA		22	5%
10.º B		15	3%
11.º A		15	3%
11.º B		15	3%
12.º A		11	2%
12.º B		7	2%
11.º PGPSI		0	0%
12.º CP3D		0	0%
Total		85	18%

NÍVEIS DE REPROVAÇÃO

Quanto aos níveis de reprovação apresentados, observou-se que a grande generalidade (86%) nunca reprovou (gráfico 50).

Gráfico 50 - Níveis de reprovação

6. Níveis de reprovação			
Reprovação		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		62	13,9 %
Não		383	86,1%
Total		445	100%

SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO BIOGRÁFICA DA AMOSTRA

Do total de alunos a quem foi distribuído o questionário, 65,6% respondeu ao mesmo, sendo que 6% não foi autorizada pelos pais a responder. Entre os 184 alunos que responderam ao inquérito, 53% são do sexo feminino e 47% do sexo masculino.

As idades dos respondentes estão compreendidas entre os 10 anos e os 19 anos, sendo a idade mais representativa a dos 12 anos com 25% e a média de idades se situar nos 12,7 anos. A grande generalidade dos inquiridos (87%) nunca reprovou.

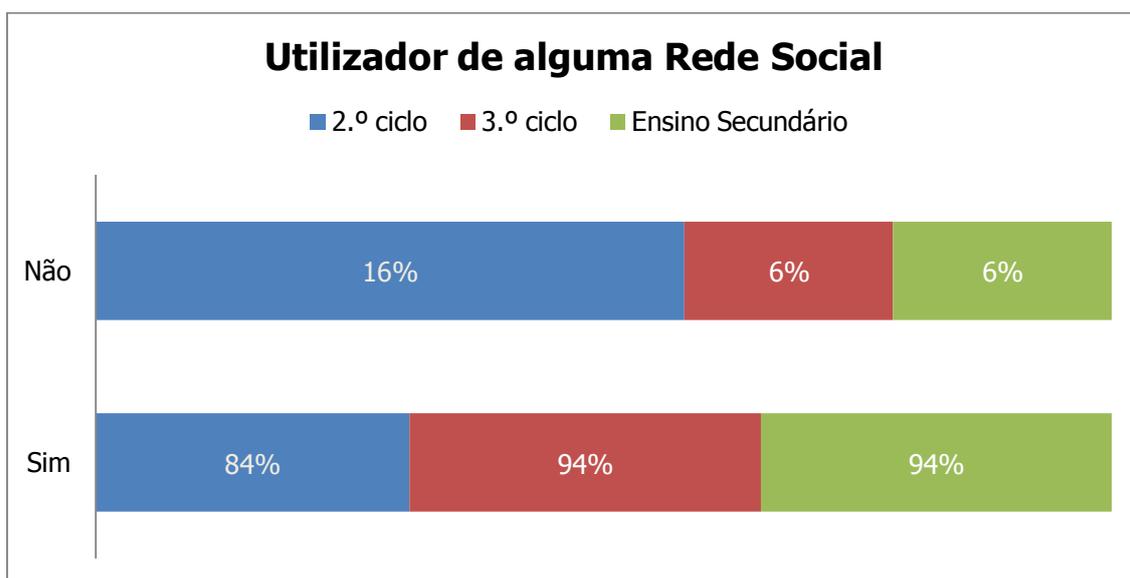
Verificamos que 80% dos alunos vivem com os seus pais, enquanto 16% vive apenas com a mãe, sendo que mais da maioria dos pais, 68%, não tem o nível de escolaridade obrigatória.

4.2.2. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

UTILIZADOR DE ALGUMA REDE SOCIAL

Como se pode observar no gráfico 51, a quase totalidade da nossa amostra de alunos é utilizador de alguma rede social (90%).

Gráfico 51 - "Utilizadores-alunos" da rede social



Tivemos o cuidado de analisar os níveis de utilização pelos diferentes ciclos e verificamos que o número de utilizadores é mais baixo no 2.º ciclo (84%) do que no 3.º ciclo e no ensino secundário nos quais se regista um valor de 94% de utilizadores de redes sociais, sendo os não utilizadores respetivamente de 16% e 6%. Obviamente que a análise destes dados tem de tomar em conta a taxa de não-respondentes que ronda os 25% no 2.º ciclo, os 40% no 3.º ciclo e os 35% no nível secundário.

Mais, se tivermos em conta a idade mínima permitida para a criação de um perfil no Facebook, que se situa nos 13 anos, o somatório das idades dos inquiridos revela-nos que apenas 46%, menos da maioria dos inquiridos, poderia ter acesso a esta RS, o que se situa bastante longe da realidade.

RAZÕES DA NÃO UTILIZAÇÃO DE REDES SOCIAIS

Entre os alunos que não utilizam as redes sociais (9,86%), a maioria alega que não tem interesse em fazer parte (52%). Outros motivos apontados são o facto de os pais não deixarem dada a idade (20%). Finalmente, alguns apontam para a falta de acesso à Internet em casa ou na escola, o receio de que possam colocar no seu espaço pessoal e outras razões com 6% – gráfico 52.

Gráfico 52 - Razões dos alunos para não utilizar as redes sociais

8. Razão/ razões da não utilização das redes sociais			
Razões da não utilização das RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não tenho interesse em fazer parte de uma rede social		28	52%
Os meus pais (ou encarregado de educação) não me deixam		11	20%
Não tenho acesso à Internet em casa		4	7%
Tenho receio do que possam colocar no meu espaço		3	6%
Não tenho acesso à Internet na escola		3	6%
Outra razão. Qual?		3	6%
Não sei o que é isso		1	2%
Não sei criar uma conta		1	2%

REDES SOCIAIS UTILIZADAS

Entre as diversas redes sociais utilizadas, o Facebook encontra-se em primeiro lugar (92%), seguida do MSN (47%) e do Skype (37%). São ainda referidas outras redes como o Hotmail, o *Gmail*, *Ask.Fm* e o *Tumblr* (gráfico 53).

Gráfico 53 – Redes sociais utilizadas pelos alunos

9. Redes sociais utilizadas			
RS utilizadas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Facebook		371	92%
Messenger (MSN)		211	47%
Skype		148	36,6%
Outra. Qual?		71	17%
Twitter		58	13%
HI5		24	5,6%
MySpace		4	1%

REDES SOCIAIS MAIS UTILIZADAS

Relativamente às redes sociais mais utilizadas, continua em primeiro lugar o Facebook (77%), seguida do MSN (10%) e do Skype com 8% de utilizadores (gráfico 54). Referem ainda outras redes como o Hotmail e o Gmail.

Gráfico 54 - Rede social mais utilizada pelos alunos

10. Rede social mais utilizada			
RS mais utilizadas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Facebook		344	77%
Messenger (MSN)		43	10%
Skype		32	8%
Outra. Qual?		20	4%
Twitter		8	1%
HI5		2	0%
MySpace		1	0%
Total		450	100%

IDADE DE UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS

Para o cálculo da idade de utilização das RS dos alunos, realizaram-se os mesmos cálculos do que para os dados dos docentes. Os alunos deram um valor com o qual, em primeiro lugar, foi calculada uma média de idade de utilização. Em segundo lugar, o valor foi estabelecido numa escala.

Como já referimos, embora a maioria de todos estes alunos não tenham a idade mínima permitida para aceder a uma RS, para analisarmos com mais rigor a idade com que criaram a sua primeira conta numa rede social, tivemos em conta o nível de ensino dos alunos, estabelecendo diferentes limites de idade para cada um.

2.º CICLO

A nível do 2.º ciclo, o limite inferior estabelecido foi de <6 anos e o superior de 12 anos. No que concerne à idade em que começou a utilizar as redes sociais, a quase-maioria começou a utilizar com 10 anos (gráfico 55), sendo a idade em média em que começaram a utilizar de 9,72 anos.

Gráfico 55 - Idade de utilização das redes sociais no 2.º ciclo

11. Idade de utilização das Redes sociais no 2.º ciclo			
Idade de utilização das RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
< 6 anos		1	1%
7 anos		3	2%
8 anos		9	6%
9 anos		33	22%
10 anos		72	48%
11 anos		29	19%
12 anos		4	3%
Total		151	100%

3.º CICLO

No 3.º ciclo, o limite inferior estabelecido foi de <10 anos e o superior de > 15 anos. No que concerne à idade em que começou a utilizar as redes sociais, um terço começou aos 12 anos, um quarto aos 10 anos e pouco mais de um quinto aos 11 anos (gráfico 56). É ainda de assinalar os alunos que começaram antes dos 10 anos com uma percentagem de 5%. Isto é, apenas 28% é que começou a partir do limite de idade permitido, isto é, aos 13 anos. A média de idade para iniciar a utilização é de 11,50 anos.

Gráfico 56 - Idade de utilização das redes sociais no 3º ciclo

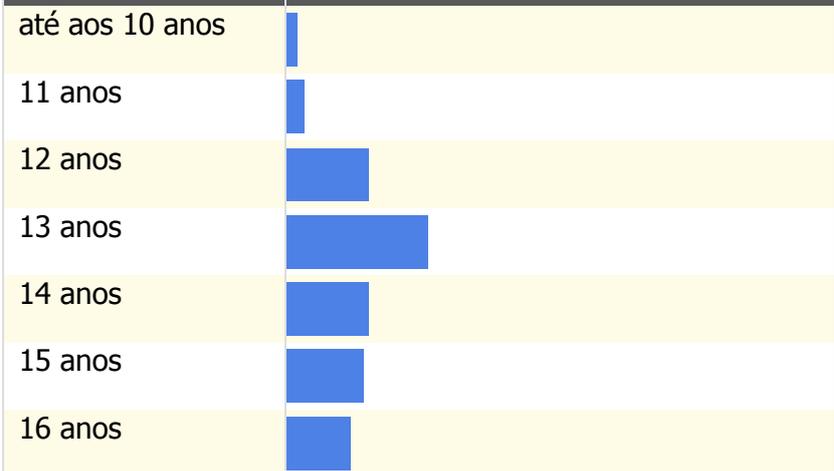
11. Idade de utilização das Redes Sociais no 3.º ciclo			
Idade de utilização das RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
< 10 anos		9	5%
10 anos		41	25%
11 anos		38	23%
12 anos		48	29%
13 anos		17	10%
14 anos		8	5%
15 anos		5	3%
+ 15		0	0%
Total		166	100%

NÍVEL SECUNDÁRIO

No que toca ao ensino secundário, o limite inferior estabelecido foi “até aos 10 anos” e o superior de 16 anos. Um terço começou a utilizar as redes sociais com 13 anos, a idade permitida para iniciar a sua utilização. Abaixo do limite de idade, 23% iniciaram a utilização das RS. Até aos 10 anos, apenas 2% revelaram ter utilizado. E acima dos 14 anos, 30% começaram a utilizar as redes sociais o que revela um pouco conhecimento e acesso das redes sociais no nível secundário. No que concerne à idade em que começou a utilizar as redes sociais, a média é de 13,51 anos (gráfico 57).

Gráfico 57 - Idade de utilização das redes sociais no ensino secundário

11. Idade de utilização das redes sociais no nível secundário

Idade de utilização das RS		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
até aos 10 anos		2	2%
11 anos		3	4%
12 anos		14	17%
13 anos		24	30%
14 anos		14	17%
15 anos		13	16%
16 anos		11	14%
Total		81	100%

A análise pormenorizada da idade de utilização das RS por níveis permite-nos observar que as crianças e os jovens tem cada vez um maior acesso às RS, sendo patente que os alunos cada vez começam mais cedo a tornar-se utilizadores de redes sociais, como revela o facto de ser nos níveis de escolaridade mais baixos que se regista o número de alunos que mais cedo começam a utilizar as RS.

APOIO NA CRIAÇÃO DO PERFIL

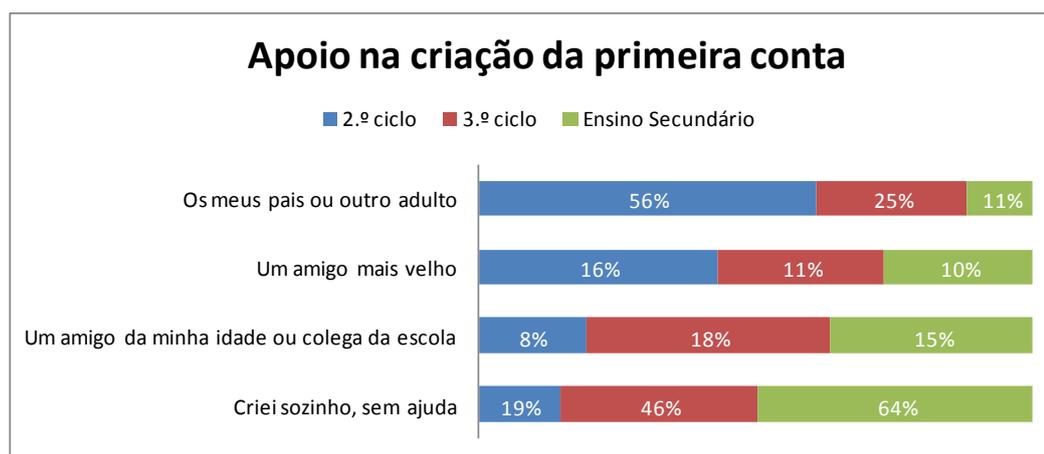
Quanto ao apoio na criação do perfil, 39% criaram-no sozinho, seguem-se 34% com a ajuda dos pais ou de um adulto e, finalmente, com a ajuda de um amigo da sua idade ou colega 14% - gráfico 58.

Gráfico 58 – Apoio na criação do perfil dos alunos

12. Apoio na criação da primeira conta			
Apoio na criação do perfil		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Criei sozinho, sem ajuda		160	39%
Os meus pais ou outro adulto		140	34%
Um amigo da minha idade ou colega da escola		56	14%
Um amigo mais velho		51	13%
Total		407	100%

Analisamos ainda o apoio na criação do perfil tendo em conta os diferentes níveis de ensino e verificamos que quanto menor o nível de ensino, menor é a autonomia na criação do perfil, sendo precisa a ajuda dos pais ou de um amigo mais velho. Quanto maior o nível de ensino, maior é a autonomia na abertura da conta, sendo por vezes preciso o apoio de um amigo da sua idade ou um colega da escola (gráfico 59).

Gráfico 59 - Apoio na criação do perfil dos alunos por nível de ensino



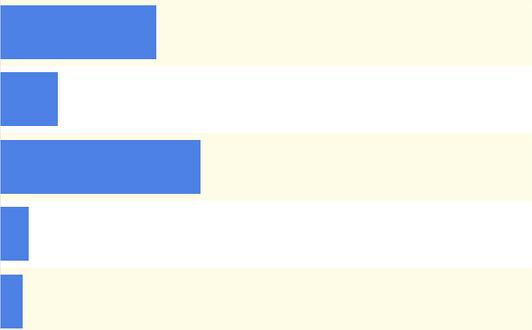
"AMIGOS" NO PERFIL

Relativamente à análise de amigos no perfil dos discentes, aplicaram-se os mesmos cálculos do que aqueles que foram aplicados aos dos docentes.

O número de amigos referido por cada aluno foi calculado a nível da média e depois foi estabelecido em diferentes escalas. O limite inferior da escala seria de <50 amigos e o superior a partir de 1000.

Quanto ao número de amigos no perfil, 39% dos alunos têm de 100 a 499 amigos na rede social. Segue-se um quinto com 500-999 amigos, 17% com menos de 50 amigos e 16% a partir de 1000 amigos. Relativamente à média de amigos pelos diferentes níveis de ensino no 2.º ciclo é de 175 amigos, no 3.º ciclo é de 573 e no ensino secundário é de 1037. Quanto maior é a idade e o período de tempo de utilização das RS, maior é o número de amigos que acumulado com o decorrer do tempo (gráfico 60).

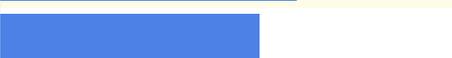
Gráfico 60 – Amigos no perfil dos alunos

13. Número de contactos no perfil			
"Amigos" no perfil		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
< 50		65	17%
50 - 99		27	7%
100 - 499		146	39%
500 - 999		74	20%
a partir de 1000		60	16%
Não sabe		0	0%
Total		372	100%

GRUPOS DE PESSOAS NO PERFIL

No que toca ao grupo de pessoas presentes na rede social, a grande maioria apresenta os amigos (95%), seguidos dos colegas de escola (94%), e 80% indica "outros familiares" que não os pais, filhos e irmãos. Ao nível escolar, os professores antigos, que constam como amigos, são em maior número do que os atuais - gráfico 61.

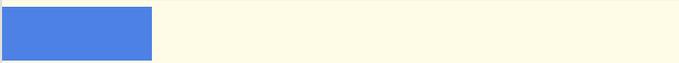
Gráfico 61 - Grupo de amigos no perfil dos alunos

14. Grupos de pessoas no perfil			
Grupos de pessoas no perfil		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Amigos		384	95%
Colegas de escola		379	94%
Outros familiares		317	80%
Pais		213	51%
Irmãos		196	48%
Antigos professores		160	40%
Professores deste ano letivo		140	33%
Outra(s) pessoas. Qual / quais?		10	2%

ADIÇÃO DE DESCONHECIDOS

Relativamente à adição de desconhecidos ou "amigos de amigos", a grande maioria afirma que não adiciona desconhecidos (72,77%) - gráfico 62.

Gráfico 62 – Adição de desconhecidos pelos alunos

15. Costumas adicionar "desconhecidos" ou "amigos de amigos"?			
Adição de desconhecidos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		110	27%
Não		294	73%
Total		404	100%

MOTIVAÇÕES (RAZÕES) DA CRIAÇÃO DO PERFIL

Entre as razões enumeradas para a criação do perfil, a maioria alega que foi por curiosidade (61,55%), seguem-se "outras razões" (20,35%) e finalmente porque os amigos também tinham (18%) - gráfico 63.

Gráfico 63 – Razões dos alunos para a criação do perfil

16. Razões para a criação do perfil			
Razões		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Porque os meus amigos também tinham		72	18%
Porque tinha curiosidade em saber como era		245	62%
Por outra razão. Indica qual:		81	20%
Total		398	100%

Perante a representatividade das "Outras razões" (81%) para criar uma conta numa rede social, analisamos igualmente estes dados. A quase maioria (49%) alega que criou uma conta para comunicar mais facilmente com os amigos, um quinto para falar com os familiares que estão no estrangeiro e o

terceiro grande motivo é porque torna a comunicação mais barata e fácil (13%) - gráfico 64.

É de salientar a importância dada às RS devido ao preço e ao fácil acesso à comunicação, visto que muitos dos alunos tem os familiares emigrados no estrangeiro.

Gráfico 64 – Outras razões dos alunos para criação de uma conta

16.1. Outra(s) razão(ões) para a criação do perfil			
Outras Razões		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Para comunicar mais facilmente com os meus amigos		39	49%
Para comunicar com familiares que se encontram distantes geograficamente		18	21%
Para fazer trabalhos da escola		13	5%
Para jogar		11	10%
Porque acho interessante		4	10%
Para conhecer pessoas novas		4	8%
Porque é mais fácil e mais barato contactar as pessoas		8	13%
Por outros motivos		14	10%

CONHECIMENTO DOS PAIS DA SUA PARTICIPAÇÃO NUMA REDE SOCIAL

Quando inquiridos sobre se os seus pais têm conhecimento de que possuem conta numa rede social, a quase totalidade dos alunos (99%) refere que os respetivos pais têm conhecimento desse facto (gráfico 65).

Gráfico 65 – Conhecimento dos pais da rede social

17. Conhecimento dos pais da sua participação numa Rede Social			
		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim		399	99%
Não		3	1%
Total		402	100%

FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE AULAS

Quanto à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de aulas, um terço afirma utilizar 2 a 4 vezes por semana (28%), um quarto todos os dias da semana (25%) - gráfico 66.

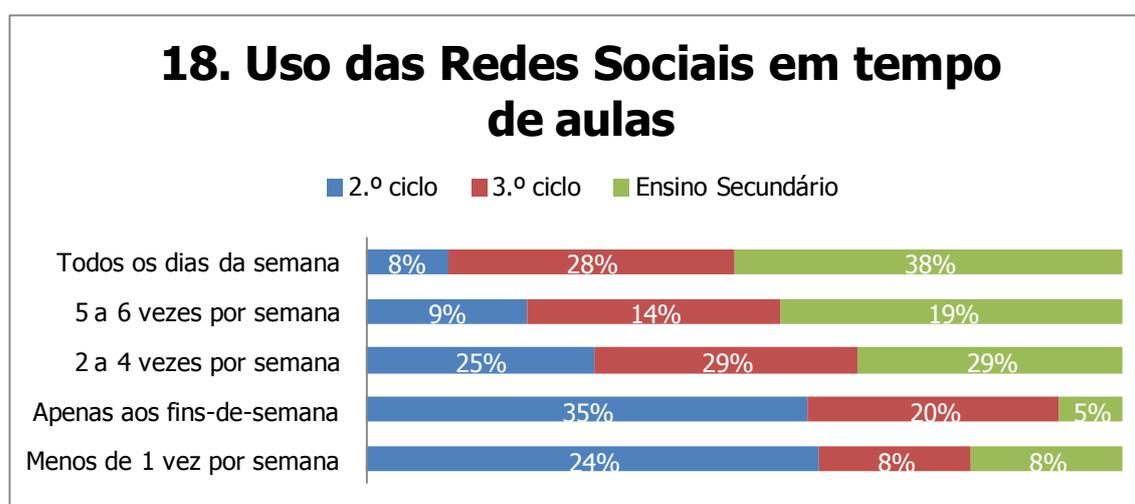
Gráfico 66 – Frequência de uso das redes sociais pelos alunos em tempo de aulas

18. Frequência de uso das Redes Sociais em tempo de aulas			
Frequência de uso em Tempo de aulas		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
2 a 4 vezes por semana		112	28%
Apenas aos fins-de-semana		90	20%
Todos os dias da semana		100	25%
Menos de 1 vez por semana		54	14%
5 a 6 vezes por semana		52	13%
Total		400	100%

Perante os números díspares, tivemos necessidade de analisar os números mais pormenorizadamente quanto ao nível de ensino e observamos

que quanto maior é o nível de ensino, maior é o tempo gasto nas redes sociais. Assim, se nem um décimo dos alunos do 2.º ciclo acede diariamente às RS, o mesmo não se poderá no caso do 3.º ciclo, com 28%, e do secundário com 38% (gráfico 67). Estes dados indiciam que quanto mais novo é o aluno, mais facilmente é controlado pelo encarregado de educação sobre o acesso às RS, menos tempo utiliza as RS ou ainda um menor domínio revelado sobre as novas tecnologias e o acesso à Internet, o que não o permite usar diariamente as RS.

Gráfico 67– Frequência de uso das redes sociais pelos alunos em tempo de aulas por nível de ensino



FREQUÊNCIA DE USO EM TEMPO DE FÉRIAS

No que diz respeito à frequência em que costumam utilizar a rede social em tempo de férias, a quase maioria afirma utilizar diariamente, um quarto (25%) refere que 2 a 4 vezes por semana e quase um quinto (18%) 5 a 6 vezes por semana (gráfico 68). A frequência de tempo de uso aumenta no tempo de férias.

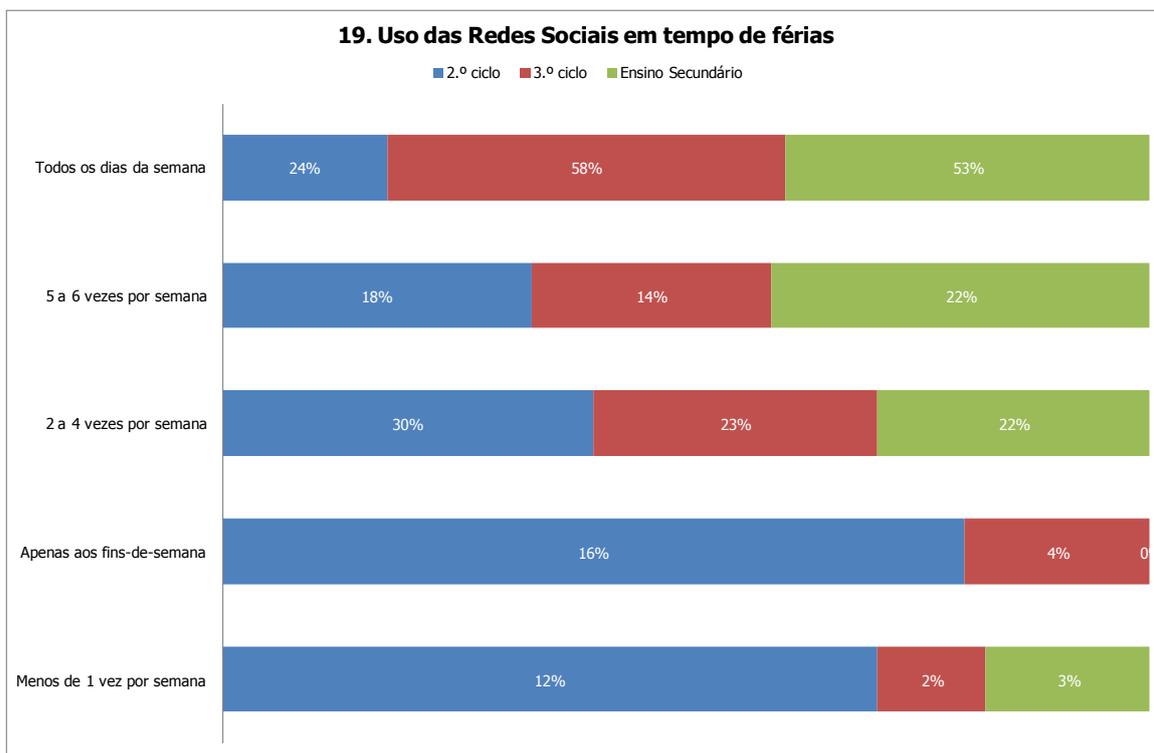
Gráfico 68 - frequência de uso das rs em tempo de férias pelos alunos

19. Frequência de uso das Redes Sociais em tempo de férias			
Frequência de uso em Tempo de férias		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Todos os dias da semana		177	45%
2 a 4 vezes por semana		102	25%
5 a 6 vezes por semana		68	18%
Apenas aos fins-de-semana		30	7%
Menos de 1 vez por semana		24	5%
Total		401	100%

Também se compararmos a porcentagem entre o tempo de aulas e o de férias, a frequência de uso aumenta no tempo de férias dada a maior disponibilidade. Um exemplo são as crianças do segundo ciclo cuja frequência aumenta para 2 a 4 vezes por semana.

Verificamos ainda que o tempo de uso das redes sociais durante o período de férias aumenta à medida que maior é a idade e mais alto é o nível de ensino. Enquanto uma grande parte das crianças do nível do ciclo utiliza as RS 2 a 4 vezes por semana, a maioria dos outros ciclos utiliza todos os dias da semana – gráfico 69.

Gráfico 69 – frequência de uso em tempo de férias pelos alunos – nível de ensino



LOCAIS DE ACESSO

No que toca aos locais de acesso, a maioria refere em casa (96%), seguidamente da casa de familiares (35%) e a casa de amigos (29%) - gráfico 70. Em contexto escolar, sala de aula, biblioteca e outros espaços escolares, o acesso situa-se a pouco mais dos 20%, o que revela que o acesso às RS é algo ainda muito pessoal.

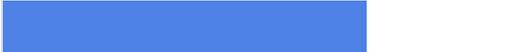
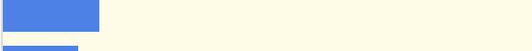
Gráfico 70 – Locais de acesso pelos alunos às redes sociais

20. Locais de acesso às redes sociais			
Locais de acesso		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Casa		387	96%
Casa de familiares		146	35%
Casa de amigos		107	29%
Na biblioteca da escola		55	13%
Em outros espaços da escola		45	12%
Em locais públicos (junta de freguesia, biblioteca...)		33	8%
Em salas de aula da escola		21	5%
Nas aulas de TIC		30	6%
Em outro(s) lugar(es). Indica qual/quais:		10	2%

ATIVIDADES REALIZADAS NO PERFIL

Ao observarmos o gráfico 71, verificamos que os alunos utilizam a rede social para bastantes atividades. A maioria utiliza o chat para conversar (87%), segue-se “fazer likes” com 73% e responder a mensagens com 55%. A RS tem sobretudo um papel mais importante na parte da comunicação. A partilha de links, músicas e outros documentos ronda ainda os 20%.

Gráfico 71 - Atividades realizadas pelos alunos nas redes sociais

21. Atividades realizadas no perfil			
Atividades		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Conversar no chat		345	87%
Fazer "like"		288	73%
Responder a mensagens		231	55%
Comentar fotos		228	56%
Fazer comentários		227	56%
Jogar online		223	50%
Publicar no mural		187	47%
Publicar fotografias		182	47%
Deixar mensagens		154	44%
Partilhar músicas		106	28%
Partilhar links		94	24%
Partilhar outros documentos		80	20%
Partilhar vídeos		79	20%
Criar eventos		16	4%
Fazer outras coisas. Indica quais:		13	3%

MOTIVOS DE ACESSO

Como se pode observar no gráfico 72, a grande maioria com 84% refere como maior motivo de acesso o comunicar com os amigos. Seguem-se com 61% o comunicar com os familiares. O terceiro motivo com 31% é o fazer amigos, conceito que deveria ser estudado numa próxima investigação.

Relativamente ao uso das redes sociais em contexto escolar, como o trabalho colaborativo, a partilha de documentos e a aprendizagem, o somatório destes aponta para 53%, o que revela algum uso das Redes para as tarefas escolares – gráfico 72.

Gráfico 72 – Motivos dos alunos para aceder às redes sociais no ensino secundário

22. Motivo(s) de acesso			
Motivos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Para comunicar com amigos		340	84%
Para comunicar com familiares		247	61%
Para fazer amigos		128	31%
Por curiosidade		124	31%
Para trabalhos escolares		100	25%
Para partilhar ficheiros		61	17%
Para aprender coisas		57	14%
Porque todos usam		48	11%
Para comunicar com antigos professores		48	11%
Para comunicar com professores deste ano		47	10%
Para namorar		30	7%
Por outros motivos. Indica quais:		14	3%

DISPOSITIVOS DE ACESSO

Quanto aos dispositivos de acesso, a quase-generalidade utiliza o computador portátil para aceder às redes sociais (87%), quase metade usa o telemóvel (43%) e finalmente 28% o computador fixo (gráfico 73). No que toca ao uso dos tablets, os valores são ainda residuais.

Gráfico 73 - dispositivos de acesso às redes sociais

23. Dispositivos de acesso			
Dispositivos		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Computador portátil		347	87%
Telemóvel		156	43%
Computador de secretária		116	28%
Tablet		62	14%
Consola de jogos portátil		20	5%
Outros dispositivos. Indica qual:		6	1%

SÍNTESE DA CARACTERIZAÇÃO DO ACESSO E USO DE REDES SOCIAIS NA INTERNET POR PARTE DOS ALUNOS

A maioria da nossa amostra de alunos é utilizador de alguma rede social (90%). A maioria de alunos que não utiliza as redes sociais alega que não tem interesse em fazer parte de uma rede social (52%). Outros motivos apontados são o facto de os pais não deixarem dada a idade (20%) ou de não terem acesso à Net em casa (7%). Observamos ainda que os números de utilizadores variam entre os níveis de escolaridade, sendo que no 2.º ciclo há 84% e no 3.º ciclo e ensino secundário 94%.

Entre as redes sociais mais utilizadas, encontra-se em primeiro lugar o Facebook (77%).

No que concerne à idade em que começaram a utilizar as redes sociais, a média também varia entre os diferentes níveis de escolaridade, sendo de 9,7 anos para os alunos do 2.º ciclo, de 11,5 anos para os do 3.º ciclo e de 13,5 para os do nível secundário.

Quanto ao apoio na criação do perfil, a maioria dos alunos criou-o sozinho sem ajuda (39%), com a ajuda dos pais ou outro adulto (34%) e finalmente com o apoio de um amigo da sua idade ou colega da escola (14%).

Relativamente ao número de amigos no perfil, a média é de 573,37 amigos a quase-maioria tem entre 100-499 amigos. Uma análise mais cuidada também nos permitiu constatar que quanto maior a idade, maior é o número de amigos. No que toca ao grupo de pessoas presentes na rede social, a grande maioria apresenta os amigos (95%), seguidos dos colegas de escola (94%), e finalmente outros familiares que não sejam próximos (pais, filhos e irmãos) com 80%. Ao nível dos professores, são 40% os antigos professores que fazem parte, uma percentagem próxima da dos pais com 51%. Os atuais professores representam apenas 33%. A maioria reconhece ainda que não adiciona (73%) desconhecidos ou "amigos de amigos".

Entre as razões enumeradas para a criação do perfil, a maioria alega que foi por curiosidade (62%), seguem-se outras razões (20%) como o comunicar com amigos e o falar com familiares que estão no estrangeiro.

No que diz cerne ao conhecimento dos pais dos alunos saberem que participam na rede social, a quase-totalidade (99%) refere que sabe.

No que respeita à frequência com que costumam utilizar a rede social em tempo de aulas, quase um terço afirma utilizar apenas 2 a 4 vezes por semana, um quarto refere que utiliza apenas aos fins-de-semana e quase todos os dias da semana um outro quarto. Em tempo de férias, a quase-maioria afirma utilizar todos os dias da semana (44%), quase um quarto refere que utiliza 2 a 4 vezes por semana e finalmente um quinto refere que utiliza 5 a 6 vezes por semana.

No que toca aos locais de acesso, a generalidade refere em casa (47%), seguidamente a casa de familiares (18%) e a e a casa de amigos (13%). Quanto aos dispositivos de acesso, a maioria utiliza o computador portátil para aceder às redes sociais (87,3%), 43%o telemóvel e o computador de secretaria (28%).

Relativamente às atividades que podem realizar, a quase-totalidade utiliza o chat para conversar (71%), segue-se com 60% "fazer likes e 54%,

“responder a mensagens”, o que leva a concluir que a função comunicativa da rede social é bastante importante para esta amostra. A análise também nos levou a concluir que quanto maior a idade, maior é a frequência,

A grande maioria dos alunos com 76% refere como maior motivo de acesso o comunicar com os amigos. Seguem-se os motivos como comunicar com os familiares com 64% e o fazer amigos com 31%.

4.2.3. PERSPETIVAS DE USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTOS ESCOLARES

USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Pela análise do gráfico 74, verificamos que apenas 35% dos alunos já utilizou as redes sociais em contexto escolar, uma percentagem mínima numa época em que as novas tecnologias imperam e as RS cada vez tomam um maior lugar quer em contextos profissionais, quer em contextos escolares.

Gráfico 74 – Uso das redes sociais em contexto escolar

24. Uso das Redes Sociais em contexto escolar				
			Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Não			262	65%
Sim. Em que disciplina(s)?			139	35%
Total			401	100%

Pediou-se ainda para especificar as disciplinas em que utilizaram as redes sociais. Para o tratamento dos dados, foram agrupadas as disciplinas semelhantes dos vários níveis de ensino.

Constatamos que um terço utilizou na disciplina de Língua Portuguesa (33%), seguindo-se TIC com 32% e a área da Geografia e da História com 18% - gráfico 75. Foram referidas 22 áreas disciplinares nos vários níveis de ensino duas delas contemplando várias disciplinas e todas as disciplinas, o que revela algum trabalho a nível escolar com as RS, embora estas respostas sejam um pouco ambíguas e deveriam ser mais exploradas.

Gráfico 75 - Disciplinas em que utilizaram as redes sociais

24.1. Uso das redes sociais em contextos escolares - disciplinas

Disciplinas			Freq. Absoluta	Freq. Relativa
1	Língua Portuguesa/ Português		69	33%
2	TIC		68	32%
3	História e Geografia de Portugal/ Geografia/ Geologia		55	18%
4	Inglês		20	6,5%
5	Francês (3ºciclo e NS)		6	2%
6	Matemática		8	2,6%
7	Ciências da Natureza/ Biologia		14	4,6%
8	Filosofia (3ºciclo e NS)		3	1%
9	Físico-química (3ºciclo e NS)		5	2%
10	Psicologia (3ºciclo e NS)		3	1%
11	Educação Visual/ Educação Tecnológica		4	1,3%
12	Educação Musical/ Música		4	1,3%
13	Educação Física		3	1%
14	Formação Cívica/ Educação para a Cidadania		3	1%
15	Área de Projeto/ Área -escola		3	1%
16	Tempos livres		1	3%
17	IMC (3.º C)		3	1%
18	Comemorações na escola		1	0,5%
19	Para trabalhos de grupo		2	0,7%
20	Tirar dúvidas no chat		4	1,3%
21	Várias disciplinas		5	2%
22	Todas as disciplinas		3	1%

USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Posteriormente, observamos a opinião daqueles que nunca utilizaram as redes sociais em contexto escolar. Se não as usaram na escola, gostariam de o fazer ou não? Verificamos que a maioria (52%) gostaria de utilizá-las - gráfico 76.

Gráfico 76 - Opinião sobre o uso das redes sociais em contexto escolar

25. Opinião sobre a utilização das redes sociais em contexto escolar

		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
Sim, porque...		200	52,8%
Não, porque...		180	47,2%
Total		380	100%

Mais uma vez, à semelhança do que aconteceu com a amostra dos professores, tivemos a curiosidade de procurar identificar as razões por que gostariam (pergunta 25.1) ou não gostariam de utilizar (pergunta 25.2) as redes sociais em contexto escolar.

Utilizou-se o mesmo tratamento das respostas às perguntas abertas do que o utilizado na amostra dos docentes. Isto é, às respostas textuais qualitativas, fez-se uma análise de conteúdo através do método das categorias emergentes, isto é, para o seu tratamento partiu-se da análise das respostas e das suas regularidades para a criação de categorias (Robert Bogdan & Biklen, 1994). Para a análise de conteúdo, mantivemos as mesmas razões do que as identificadas nas respostas pela amostra dos docentes e acrescentamos as que os alunos dos diferentes níveis de escolaridade referiram. Revelou-se uma amostra numerosa que revela bastantes motivos para que se questione a utilização das redes sociais em contexto escolar.

NÃO UTILIZOU AS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR MAS GOSTARIA DE UTILIZAR

Relativamente a quem ainda não utilizou as RS em contexto escolar e gostaria de as utilizar, no gráfico 77, verificamos a existência de quase duas dezenas de razões para a utilização de RS em contexto escolar, nomeadamente 17 razões dadas pelos alunos do 2.º ciclo, 19 pelos do 3.º ciclo e 16 pelos do nível secundário.

As opiniões apresentam-se bastante divididas, sendo que os primeiros motivos referidos com quase um quinto das opiniões são “para uma maior interação” e “seria mais divertido” (17%). Segue-se com 16% “É uma ferramenta interessante que nos permite explorar diversas temáticas” e que nos relembra o conceito referido no capítulo II, *invisible learning*. Com 15%, referem que “melhoraria a aprendizagem”. Denotam-se ainda outras razões importantes que revelam algum domínio das RS em contexto escolar como a partilha de documentos, “uma ferramenta motivadora”, “inovadora” e “de trabalho colaborativo”.

Contudo, verifica-se que a razão abordada pelos professores no que toca ao sucesso escolar não é abordada pela amostra dos alunos do terceiro ciclo. Outros pontos referidos pelos docentes mas de pouco relevo para os alunos são a facilidade de acesso, “o pôr os alunos à vontade” e “o experimentar”.

Gráfico 77 – Não utilizou as redes sociais em contexto escolar mas gostaria de utilizar

25.1. Não utilizou as redes sociais em contexto escolar mas gostaria de utilizar				
Razões			Freq. Absoluta	Freq. Relativa
1	Para uma maior interação.		28	17%
2	Seria mais divertido.		28	17%
3	É uma ferramenta interessante que nos permite explorar diversas temáticas.		24	16%
4	Para uma melhor aprendizagem.		22	15%
5	Para uma maior partilha dos documentos.		21	14%
6	Facilitaria as tarefas.		19	12%
7	É uma ferramenta motivadora.		15	9%
8	É uma ferramenta de entretenimento.		15	9%
9	Facilitaria a comunicação.		12	8%
10	Melhoraria a nossa perspectiva sobre as redes sociais.		11	7%
11	Outros motivos		11	7%
12	...para explorar as redes sociais.		10	16%
13	É uma ferramenta de maior e mais fácil acesso.		7	5%
14	É uma ferramenta de trabalho colaborativo.		6	3%
15	É uma ferramenta inovadora.		5	6%
16	...para pôr os alunos à vontade para colocarem as suas dúvidas.		5	3%
17	...para alertar para o perigo das redes sociais.		2	0,5%
18	...para fazer trabalhos de grupo.		2	0,5%
19	...para experimentar.		1	0,5%
20	...para obter mais sucesso escolar.		0	0%

NÃO UTILIZOU AS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO ESCOLAR E NÃO GOSTARIA DE UTILIZAR

No que diz respeito às razões para a não utilização das RS em contexto escolar, o gráfico 78 aponta para muito menos razões para a não-utilização das RS, tendo os alunos de cada nível de ensino dado 10 razões, denotando-se uma maior homogeneidade nas respostas.

Mais de um quarto, 26%, afirma que “não tem qualquer utilidade ou interesse”, um quinto afirma que “a sala de aula não é lugar para uma rede social” e outro quinto que “não faz qualquer sentido pois trata-se de um lazer que não se relaciona com a escola”, o que demonstra que para muitos alunos o carácter pedagógico do contexto escolar não se coaduna com as RS, que as RS não representam nada de pedagógico. No entanto, ninguém classificou as RS como não pedagógicas. Seguem-se opiniões como “é algo pessoal” e “só nos distrairia”, o que, mais uma vez, remete que não pode ser utilizado numa sala de aula pelo carácter lúdico e informal das RS.

Gráfico 78 - Razões para a não-utilização das redes sociais

25.2 Não utilizou as redes sociais em contexto escolar e não gostaria de utilizar

Razões		Freq. Absoluta	Freq. Relativa
1	Não tem qualquer utilidade/interesse.	40	26%
2	A sala de aula não é lugar para uma rede social.	27	20%
3	Não faz qualquer sentido pois trata-se de um lazer que não se relaciona com a escola.	26	19%
4	É algo pessoal.	21	14%
5	Só nos distrairia.	12	8%
6	Outros motivos.	12	8%
7	Seria prejudicial para os alunos, prejudicando o seu aproveitamento escolar.	7	5%
8	Há outros meios mais eficazes.	6	4%
9	Não acho pedagógico.	5	4%
10	Não se aplica à minha situação.	1	0,5%

SÍNTESE DAS PERSPETIVAS DE USO DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTOS ESCOLARES

Verificamos que 35% dos alunos já utilizou as redes sociais em contexto escolar, tendo sido nas disciplinas de Português (33%), TIC (32%) e a área de Geografia e de História com 18%.

Relativamente ao uso das RS na escola, as opiniões dividem-se mas a maioria que ainda não utilizou em contexto escolar gostaria de o fazer. Aqueles que gostariam de utilizá-las em contexto escolar alegam que, com quase um

quinto das opiniões, proporcionariam “uma maior interação” e “seria mais divertido” (17%). Segue-se com 16% “ É uma ferramenta interessante que nos permite explorar diversas temáticas”, o que nos remete para o conceito de *invisible learning*.

No que diz respeito às razões para a não utilização das RS em contexto escolar, mais de um quarto, 26%, afirmou que “Não tem qualquer utilidade ou interesse”. Um quinto afirmou que não poderia ser utilizado numa sala de aula, e pouco menos, 19%, refere que “Não faz qualquer sentido pois trata-se de um lazer que não se relaciona com a escola”, o que demonstra mais uma vez que para muitos alunos o carácter pedagógico e obrigacional do contexto escolar não se coaduna com as RS.

Perante a variedade dos dados e das amostras, optamos por criar um quadro-síntese dos principais resultados para que se comparassem melhor os dados e, por conseguinte, para que, no capítulo que se segue, se tecessem mais facilmente as conclusões.

Tabela 24 - Quadro-síntese comparativos dos resultados do questionário

Quadro-síntese dos questionários aos professores e alunos						
População	Professor	Alunos do 2.º ciclo	Alunos do 3.º ciclo	Alunos do secundário	Totais alunos	
Caracterização biográfica e Pessoal						
Idade (média de anos)	43,5	10,9	13,28	16	13,39	
Sexo	Feminino	78%	53%	54%	56%	54%
	Masculino	22%	47%	46%	44%	45,6%

População	Professor	Alunos do 2.º ciclo	Alunos do 3.º ciclo	Alunos do secundário	Totais alunos	
Caracterização quanto ao uso das RS						
Utilização das RS	61%	84%	94%	94%	90,6%	
Rs utilizadas	Facebook (96%)	Facebook (84%)	Facebook (96%)	Facebook (96%)	Facebook (92%)	
Rs mais utilizada	Facebook (93%)	Facebook (80%)	Facebook (87%)	Facebook (90%)	Facebook (85,6%)	
Tempo de uso	1-5anos					
Média de tempo	7 anos					
Idade de uso	36-45 (43%)	10 (48%)	12 (29%)	13 (30%)	11,6 anos (35,6%)	
Média da idade inicial de uso	37,7	9,7	11,5	13, 5	11,56 anos	
Apoio na criação do perfil	Sozinho sem ajuda (75%)	Os meus pais ou outro adulto (56%)	Sozinho sem ajuda (46 %)	Sozinho sem ajuda (64%)	Sozinho sem ajuda (43%)	
Apoio na criação do perfil (sexo)	Feminino	Sozinho sem ajuda (72,7%)	Os meus pais ou outro adulto (62,65%)	Sozinho sem ajuda (38,04%) (64,44%)	Sozinho sem ajuda (38%)	
	Masculino	Sozinho sem ajuda (83,3%)	Os meus pais ou outro adulto (49,35%)	Sozinho sem ajuda (55,7%) (62,86%)	Sozinho sem ajuda (48,7%)	
Amigos do perfil	100-499 (36%)	100-499 (42%)	100-499 (46%)	500-999 (30%)	100-499 (36%)	
Média de amigos no perfil	355,05 amigos	175,34 amigos	573,37 amigos	1037,01 amigos	595,24 amigos	
Grupo de pessoa no perfil	Amigos (100%)	Amigos (91%)	Amigos (95%)	Amigos (100%)	Amigos (95%)	
Adição de desconhecidos	----	Não (85%)	Não (76%)	Não (42%)	Não (67%)	
Motivações para a criação de um perfil	Relacionamento mais fácil (46%)	Curiosidade (52%)	Curiosidade (66%)	Curiosidade (68%)	Curiosidade (62%)	
Conhecimento dos pais		99%	99%	99%	99%	
Frequência do uso das RS em tempo de aulas	Todos os dias (32%)	Apenas aos fins-de-semana (35%)	2 a 4 vezes por semana (29%)	Todos os dias da semana (38%)	2 a 4 vezes por semana (28,6%)	
Frequência do uso das RS em tempo de aulas (sexo)	Feminino	Todos os dias (22,7%)	Apenas aos fins-de-semana (32,9%)	2 a 4 vezes por semana (30,4%)	Todos os dias da semana (36,4%)	2 a 4 vezes por semana (32,4%)
	Masculino	Todos os dias da semana (66,7%)	Apenas aos fins-de-	Todos os dias da semana	Todos os dias da	Todos os dias da semana

			semana (37,7%)	(34,2%)	semana (58,8%)	(33,2%)
Frequência do uso das RS em tempo de férias		2 a 4 vezes por semana (52%)	2 a 4 vezes por semana (30%)	Todos os dias da semana (58%)	Todos os dias da semana (53%)	Todos os dias da semana (45%)
Frequência do uso das RS em tempo de férias (sexo)	Feminino	2 a 4 vezes por semana (47,6%)	2 a 4 vezes por semana (29,3%)	Todos os dias da semana (50,6%)	Todos os dias da semana (43,2%)	Todos os dias da semana (39,4%)
	Masculino	2 a 4 vezes por semana (66,7%)	2 a 4 vezes por semana (30,6%)	Todos os dias da semana (67%)	Todos os dias da semana (66,7%)	Todos os dias da semana (52,5%)
Locais de acesso às RS		Casa (100%) Escola ⁷⁴ (69%)	Casa (94%) Escola (29%)	Casa (96%) Escola (47%)	Casa (99%) Escola(34%)	Casa (96%) Escola(36%)
Dispositivos de uso		Portátil (89%) Computador fixo (43%) Telemóvel (50%) Tablet (11%)	Portátil (85%) Computador fixo (31%) Telemóvel (30%) Tablet (14%)	Portátil (86%) Computador fixo (30%) Telemóvel (44%) Tablet (21%)	Portátil (91%) Computador fixo (23%) Telemóvel (45%) Tablet (6%)	Portátil (87%) Computador fixo (28%) Telemóvel (39,6%) Tablet (13,6%)
Atividade desenvolvida mais		Conversar no chat (82%), observar notícias, fazer "likes", responder a mensagens e fazer comentários (75%)	Conversar no chat (71%), jogar online (68%), fazer "likes" (55%)	Conversar no chat (95%), fazer "likes" (80%), responder a mensagens e fazer comentários (65%)	Conversar no chat (95%), fazer "likes"(85%) publicar fotografias, comentar fotos e fazer comentários (58%)	Conversar no chat (86%) fazer "likes" (73%),fazer comentários (56%) e responder a mensagens (53%)
Motivo de acesso		Consultar as páginas de interesse (71%)	Comunicar com os amigos (76%)	Comunicar com os amigos (89%)	Comunicar com os amigos (89%)	Comunicar com os amigos (84,6%)
Motivos de acesso (sexo)	Feminino	Comunicar com atuais colegas professores (72,7%)	Comunicar com os amigos (78,05%)	Comunicar com os amigos (94,57%)	Comunicar com os amigos (95,56%)	Comunicar com os amigos (89,39%)
	Masculino	Consultar as páginas... (83,3%)	Comunicar com os amigos (73,6%)	Comunicar com os amigos (83,54%)	Comunicar com os amigos (79,41%)	Comunicar com os amigos (78,85%)

⁷⁴ Escola- Designamos por escola o somatório dos espaços escolares como salas de aula, aulas, bibliotecas da escola e outros locais que se prendem a este contexto.

População	Professor	Alunos do 2.º ciclo	Alunos do 3.º ciclo	Alunos do secundário	Totais alunos
Perspetivas de uso das RS em contextos escolares					
Uso em contexto escolar ⁷⁵	25%	27%	46%	25%	32,6%
Opinião sobre a possibilidade do uso pedagógico das RS	Sim (68%)				
Se ainda não usou as RS, gostaria de usá-las em contexto escolar?	Não (57%)	Sim (56%)	Sim (50%)	Sim (52%)	Sim (52,6%)
Gostaria de usar porque...	Entre 5 opções É uma ferramenta motivadora (70%)	Entre 17 opções: Para uma melhor aprendizagem (19%); Facilitaria as tarefas (14%) Seria mais divertido (13%)	Entre 19 opções Seria divertido (17%); Para uma melhor aprendizagem e para explorar as RS (16%).	Entre 16 opções Para uma maior partilha (26%); Seria mais divertido (20%); É uma ferramenta interessante (17%).	Entre 17 opções: Seria mais divertido (16%); Facilitaria as tarefas e é uma ferramenta interessante (14%)
Não gostaria de usar porque ...	Entre 5 opções Não tem qualquer utilidade/interesse (30%)	Entre 10 opções Não faz qualquer sentido um lazer relacionar-se com a escola (26%)	Entre 10 opções Não tem qualquer utilidade/interesse (27%)	Entre 10 opções Não tem qualquer utilidade/interesse (29%)	Entre 10 opções Não tem qualquer utilidade/interesse (23%)

No capítulo seguinte, apresentaremos as principais conclusões decorrentes da análise dos dados, faremos referência às limitações do estudo e apresentaremos sugestões de investigações futuras.

⁷⁵ Relembramos que o uso em contexto escolar refere-se à utilização das RS nas aulas como apoio nas diversas disciplinas.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1. SÍNTESE DE CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES

5.2. CONSTRANGIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO E ALGUMAS SUGESTÕES

5.3. CONCLUSÃO FINAL

Capítulo 5 – Conclusões e recomendações

CONCLUSÕES

Neste capítulo, apresentamos uma síntese dos resultados e das conclusões obtidas no nosso estudo tendo em conta o quadro teórico que suporta a nossa investigação. Tentamos ainda confrontar os resultados obtidos entre as diferentes amostras e os de outros estudos realizados na mesma temática. Finalizamos com algumas sugestões e recomendações para estudos futuros a realizar em investigações da mesma área.

5.1. SÍNTESE GLOBAL DE CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES

Ao celebrar o décimo aniversário da maior rede social de todos os tempos, observamos o impacto que as redes sociais têm sobre a sociedade e o seu crescimento exponencial pelas diferentes faixas etárias e pelos mais diversos locais do mundo constituindo um fenómeno à escala mundial que não pode ser ignorado.

O peso da sua influência pelo mundo aos diferentes níveis, social, económico, pedagógico, é tão marcante, que constitui um objeto de estudo pelas universidades e empresas, de modo a melhor compreender o impacto da mesma tendo em vista a exploração do seu potencial nas áreas de intervenção das próprias instituições, sejam elas na educação ou em áreas de negócio.

O conceito de “sociedade em rede” de Castells (2005) ganha mais do que nunca relevo e, pese embora as diferentes tendências de outros tempos, como “a morte” do Hi5 ou a decadência do Orkut no Brasil, e alguns estudos que revelam que o Facebook “está sepultado”, sobretudo para os adolescentes, a estatística revela-nos que o maior social networking pretende continuar respondendo às modas e aos usos dos utilizadores. Com as novas aplicações em voga e o crescente uso dos smartphones, a rede facebookiana não ignora os seus utilizadores e ainda menos o maior grupo etário destes, os

adolescentes. Numa sociedade em que a inovação tecnológica reina, os jovens são aqueles que mais se atualizam, utilizam as diferentes plataformas e ditam modas e tendências. Muitas destas aprendizagens e competências não foram adquiridas ou desenvolvidas na escola, ou através dos pais, mas com o crescente uso das novas tecnologias. A realidade de um novo paradigma socioeconómico, a sociedade 3.0 (Cobo & Moravec, 2011), uma sociedade em rápida mudança socioeconómica e tecnológica, em que se valoriza para além das competências de literacia, as competências digitais, as *soft skills* e a inovação, a formação de talentos e a criatividade, a escola tem de ser repensada de modo a que os alunos tenham acesso a aprendizagens significativas. Deve-se analisar o que caracteriza muitos dos talentosos da nossa era, os *knowmads*, para singrar nesta sociedade e desenvolver a aprendizagem não formal e informal e outros modelos de aprendizagem a fim de se observar o “invisible learning” que contribui para formação do novo cidadão no novo paradigma.

No âmbito português, pretendemos observar o uso do Facebook pelos alunos e professores, o acesso e a utilização das Redes sociais, e as perspetivas de uso pedagógico em contexto escolar. O estudo realizado teve como principais objetivos avaliar a presença no Facebook de professores e alunos do Agrupamento da Escola Básica e Secundária de Barroselas no ano letivo 2012/2013 e a sua possível interação. Finalmente, pretendíamos ainda analisar em que medida a rede social pode ser mobilizada como espaço de apoio a atividades escolares.

A fim de facilitar o tratamento dos dados, dividiu-se o questionário em três dimensões, a primeira refere-se à caracterização biográfica dos inquiridos, a segunda à caracterização das práticas de acesso e de uso das redes sociais e da internet e a terceira às vantagens e desvantagens do seu uso em contexto escolar.

Foram distribuídos questionários pela totalidade dos alunos e dos docentes do agrupamento, sendo que responderam ao mesmo 451 alunos (65,6% dos alunos) e 46 professores (51,7%).

Quanto à presença dos professores e alunos nas redes sociais (RS), os dados obtidos permitiram-nos observar que 61% dos docentes utilizam as redes sociais contra 90,6% dos discentes, com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos, sendo que a RS mais utilizada é o Facebook com 93%, seguidas do Skype e do MSN. Observamos ainda que os números de utilizadores variam entre os níveis de escolaridade, sendo que no 2.º ciclo 84% são utilizadores e no 3.º ciclo e ensino secundário 94%. Estes dados aproximam-se dos que foram apresentados pela Obercom 2013 que nos revela um domínio do Facebook bastante mais expressivo, atingindo 98%, surgindo o Google + na segunda posição (13,7%). Alguns professores referiram outras redes como Google +, e os alunos o Snapchat⁷⁶, o Instagram, o Trumbledr. e o Ask.fm como redes alternativas, o que parece revelar uma tendência particularmente acentuada por parte das crianças/jovens em acompanharem as novas redes que vão surgindo, que foram igualmente referidas na bibliografia. O estudo "E-Generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal" revelava que embora a maioria dos adolescentes estejam no Facebook com uma média de 400 amigos, o Twitter e Instagram são cada vez mais relevantes.

Relativamente à amostra de alunos que não utiliza as redes sociais, a maioria alega que não tem interesse em fazer parte de uma rede social (52%), outros que os pais não deixam dada a idade (20%), outros que não têm acesso à Internet em casa (7%). A partir destes últimos dados, observamos que o uso individual do computador em casa é um fator que potencializa o uso da Internet e das redes sociais.

A maioria dos professores inquiridos começou a utilizar o Facebook com 38 anos enquanto os alunos começaram a utilizar com 12 anos (11,5), o que revela que, de geração para geração, há um acesso cada vez mais facilitado às

⁷⁶ Normalmente associado a jovens e adolescentes, como uma *app* válida para o público na casa dos 13 a 25 anos, o Snapchat já figura na lista das principais aplicações para iOS e Android. O software não só envia sms para pessoas específicas que desaparecem logo a seguir, como publica histórias que ficam disponíveis por apenas 24 horas. Estas características – privacidade de dados, campanhas rápidas e de urgência – leva a pensar que este software tem um potencial praticamente inexplorado no que diz respeito ao seu uso empresarial, no que toca a promoções sociais e fidelização de clientes- consultado em <http://corporate.canaltech.com.br/dica/redes-sociais/Snapchat-tambem-pode-ser-usado-como-ferramenta-de-negocios/#ixzz2sy5Rfs9X>, em 07-02-2014.

redes sociais, seja pela disponibilidade dos dispositivos e infraestruturas de acesso, seja pela facilidade que as crianças e os jovens apresentam em lidar com as novas tecnologias, não esquecendo, evidentemente que muitos destes serviços são relativamente recentes.

Observamos ainda que a idade inicial de uso da maioria dos alunos inquiridos, 12 anos de idade, se distancia dos 10 anos, idade apontada por Cardoso e Espanha (2007) no estudo "E-Generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal". No entanto, como aponta o estudo "Crianças e Internet: Uso e Representações, a Família e a Escola" (2011), de facto, a tendência é para a idade inicial de uso diminuir. Os alunos do 2.º ciclo começaram a utilizar com 9,7, os do 2.º ciclo com 11,5 e os do secundário com 13,5 anos. No que se refere ao apoio na criação do perfil, tanto professores como alunos na sua maioria indicam que o criaram sozinho, sem ajuda.

Quanto ao número de amigos no perfil, tanto os professores com os alunos, têm entre 100 a 499 pessoas. Os professores apresentam uma média de 355 amigos e os alunos de 595 amigos.

No que toca ao grupo de pessoas presentes na rede social, na totalidade apresentam amigos. Entre os alunos, apresentam ainda familiares e pais como seus amigos e 99% afirma que os pais têm conhecimento de que fazem parte da RS. Observa-se ainda uma relação crescente entre alunos e professores, no que concerne à presença como "amigos".

No que toca à adição de desconhecidos, 67% afirma que não o faz, se bem que as percentagens diminuem à medida que a idade dos alunos aumenta. A nível do 2.º ciclo, 85% não aceita desconhecidos como "amigos", contra 76% no 3.º ciclo e 42% no ensino secundário.

Entre as razões enumeradas para a criação do perfil, enquanto os professores declaram que foi para se relacionar mais facilmente com os colegas (46%), 62% dos alunos declaram que o fizeram por curiosidade.

Quanto à periodicidade de uso das redes sociais, em tempo de aulas, um terço dos professores afirma que o utiliza diariamente, e, em tempo de férias, a maioria afirma utilizar 2 a 4 vezes por semana (52%). Já os alunos, em tempo de aulas, quase um terço afirma utilizar apenas 2 a 4 vezes por semana,

enquanto em tempo de férias, a quase-maioria (44%) afirma utilizá-las diariamente e os estudos consultados, como o E-Generation revelam que cerca de metade a utiliza diariamente ou 2 a 3 vezes por semana. A análise também nos levou a concluir que quanto maior a idade, maior é a frequência de tempo de uso da RS.

Observamos ainda que havia diferenças, tanto entre as crianças/jovens como entre os professores, em função do género, sendo que os inquiridos do género masculino passam sempre muito mais tempo do nas RS do que os do género feminino.

No que toca aos locais de acesso e aos dispositivos de acesso, a totalidade de ambos os públicos refere em casa e a utilização do portátil. O uso de telemóveis e *tablets* para aceder às RS ainda se encontra em crescimento. Enquanto a maioria dos docentes utiliza o computador portátil para aceder às redes sociais (89%), metade dos inquiridos utilizam o telemóvel (50%) e finalmente 43% o computador fixo. Relativamente aos alunos 87% usa o portátil e...

Os dados da nossa investigação vão ao encontro de os que foram referidos no projeto europeu EU Kids Online (Portugal) que dava conta que 93% das crianças portuguesas acediam à Internet a partir de casa e que eram líderes no acesso à Internet através do portátil (65%). Se compararmos os dados do nosso estudo com os consultados, observamos que mais uma vez são bastantes próximos. No estudo "Face to Facebook", 40% acede ao Facebook via telemóvel.

Também no que toca às atividades mais realizadas, tanto professores (82%) como alunos (86%), utilizam mais o chat para conversar, o que demonstra a importância da comunicabilidade das RS. Ainda outras duas atividades apontadas pelos alunos segue-se com 60% "fazer likes" e 54%, "responder a mensagens".

No que diz respeito aos motivos de acesso, a maioria da amostra dos docentes (71%) refere como maior motivo a consulta de páginas do seu interesse, enquanto os alunos 85% refere comunicar com os amigos, o que os professores percebem bastante bem, quando lhes perguntam o que pensam

que os alunos fazem nas RS e eles referem na generalidade que é para comunicar com amigos (100%). Os alunos referem ainda outros motivos como comunicar com os familiares com 64% e o fazer novos amigos com 31%.

É de relembrar que o estudo da Obercom 2012 referia que entre as funcionalidades disponíveis nas redes sociais, os seus utilizadores faziam mais uso das ferramentas de comunicação: envio de mensagens (74,4%) e serviço de chat (59,7%) e entre os motivos de adesão a uma RS, o primeiro motivo apontado prendia-se com a possibilidade de manter contactos à distância (87,6%). Outros estudos apontavam para o mesmo sentido. O estudo "E-Generation – Os usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal" referia que uma das principais utilizações sociais da rede social era a interação e comunicação com os pares da escola ou de outros contextos sociais através de *sms* e *chats*. Referia ainda que na faixa etária dos 13-16 anos de idade, para ambos os sexos, é mais importante contatar com outros. Ainda no âmbito de uma tese de doutoramento (maio 2012) sobre o impacto da rede social nos jovens portugueses entre os 14 e os 20 anos, a psicóloga Teresa Paula Marques observou que os jovens utilizavam sobretudo o Facebook para atividades de relacionamento social (estar a par da vida dos amigos e para fazer novos amigos).

No que concerne à possibilidade de utilizar em contexto pedagógico as redes sociais, a maioria dos professores 68% concorda com o seu uso e 32% já as utilizou em contexto escolar. A maioria (57%) daqueles que não utilizaram as redes sociais demonstrou que não gostaria de utilizá-las em contexto escolar porque considera que não tem qualquer utilidade ou interesse (30%).

No que respeita os alunos, verificamos que 35% já as utilizou em contexto escolar, tendo sido nas disciplinas de Português (33%), TIC (32%) e a área de Geografia e de História com 18%, as disciplinas/áreas em que esse uso se revelou mais frequente. A maioria dos alunos que ainda não utilizou RS em contexto escolar gostaria de o fazer, justificando esse interesse "para uma maior interação" e considerando que "seria mais divertido".

No que diz respeito às razões para a não utilização das RS em contexto escolar, mais de um quarto dos alunos, 26%, afirmou que "Não tem qualquer

utilidade ou interesse”, o que demonstra mais uma vez que para muitos alunos o carácter pedagógico e obrigacional do contexto escolar não se compatibiliza com as RS.

5.2. CONSTRANGIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO E SUGESTÕES PARA PRÓXIMAS

Um dos principais constrangimentos do estudo em causa encontra-se nas condições em que o mesmo foi desenvolvido. De facto, o estudo foi desenhado em condições de grande instabilidade profissional por parte da investigadora. Desempregada, optou pela recolha de dados na última instituição escolar em que esteve a lecionar, nomeadamente pela proximidade à residência de modo a não ter custos mais elevados no processo de recolha de dados. No entanto, o facto de não estar integrada na mesma, e de não ter grande proximidade de alguns elementos do corpo docente, apesar de todos os esforços da direcção em apoiá-la no seu estudo e de muitas vezes estar presente na escola, limitou-lhe a recolha dos dados.

Outra limitação do estudo foi o facto de não haver computadores em número suficiente para cada aluno responder ao inquérito a nível informático. Perante esta impossibilidade, os inquéritos foram entregues em papel num envelope a cada diretor de turma. Cada um deles ia acompanhado com o pedido de autorização destinado aos encarregados de educação para que autorizassem os alunos a responder aos mesmos. Isto tornou o processo de recolha de dados não só mais dispendioso como também muito mais demorado, a que acresce que exigiu esforço e tempo elevados para a introdução de dados tendo em vista o seu tratamento estatístico.

Caso houvesse computadores suficientes para os alunos, os procedimentos teriam sido diferentes. Enviar-se-ia primeiro o pedido de autorização aos pais e, posteriormente, perante os pedidos de autorização entregues, os alunos responderiam ou não por via digital aos inquéritos nas sessões mensais com os diretores de turma. Sendo a burocracia menor, o trabalho da recolha de dados pelos diretores de turma seria facilitado e

certamente a adesão ao estudo teria sido maior. Embora apenas 6% dos pais não tenha autorizado os alunos a responder ao inquérito, não recebemos de volta muitos dos envelopes com os inquéritos. Assim, não temos a certeza que o principal motivo da não participação ao estudo tenha sido o facto de os pais não autorizarem os seus filhos ou outras razões como sejam o não preenchimento dos mesmos pelos alunos ou a não entregar dos mesmos por parte dos diretores de turma.

Também o tratamento dos dados permitiu observar que algumas questões poderiam ter sido colocadas de outra forma. As questões relativas às habilitações literárias, tanto dos encarregados de educação como dos docentes, não contemplavam a opção Bacharelato embora houvesse a possibilidade de indicarem outro tipo de habilitação para além das inicialmente indicadas. No que toca ao acesso à Internet, não foi colocada a questão aos alunos sobre o local de acesso às RS em casa, se na sala, se no escritório, se no quarto.

Apesar de não se encontrar a trabalhar, a investigadora, durante o ano letivo de 2012/2013 esteve a frequentar uma segunda licenciatura o que lhe exigiu também tempo e esforço adicionais.

5.3. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA ESTUDOS POSTERIORES

Atendendo às condições em que decorreu a realização do nosso estudo, especialmente por apenas termos conseguido apenas termos conseguido abranger uma amostra de professores e de alunos num pequeno agrupamento (amostragem por conveniência), percebemos que todas as conclusões a que aspiremos chegar com este estudo ficam condicionadas a um contexto particular. Mais ainda, no que toca à amostra dos docentes, a nossa investigação não nos permite generalizar os resultados, uma vez que pouco mais de 50% dos mesmos responderam ao questionário. No entanto, ainda que admitindo as limitações acima referidas, pensamos que os dados obtidos sustentam um conjunto de considerações necessárias e oportunas ao

conhecimento do nosso contexto escolar e que contribuem para o conhecimento da presença de professores e jovens alunos das redes sociais.

A primeira conclusão que podemos retirar do nosso estudo é que de facto, é cada vez maior o uso crescente das redes sociais por parte das crianças e dos jovens portugueses. As *social networking* constituem ciberespaços cada vez mais amplos e partilhados por diversos públicos (crianças, jovens, adultos) com diferentes finalidades (sociais, económicas, financeiras, pedagógicas), embora os princípios ativos destas plataformas sejam a comunicação, a partilha e a interação entre os seus elementos. Como dizia (Lévy, 1999), este é um espaço de todos para todos.

A análise dos dados permitiu-nos observar que, embora os alunos do secundário não tenham os pais como amigos ao contrário dos restantes alunos, tanto alunos, como professores e encarregados de educação utilizam o Facebook. O principal motivo de acesso é a comunicação e a partilha de conteúdos.

Outra conclusão que conseguimos retirar do estudo é que quanto mais o aluno utilizar as redes sociais, o que se determina a partir do tempo de uso, do número de amigos e das funcionalidades utilizadas, um maior domínio tem das novas tecnologias e mais facilmente se consegue adaptar aos seus progressos. É ainda de notar que caso os alunos tenham utilizado as RS em contexto escolar, facilmente reconhecem o seu potencial pedagógico. Aliás, os alunos do 10.º ano já têm uma clara noção das funcionalidades do Facebook e daquelas que possam ser oportunas para o no processo de ensino-aprendizagem como o chat que permite uma maior comunicação, a informação que possam retirar da pesquisa e da consulta de algumas páginas consideradas relevantes no âmbito desta ou daquela disciplina, as capacidades de partilha dos documentos e de interação presentes na plataforma. Deste modo, denota-se uma mudança no paradigma escolar, com alguns alunos a assumirem uma atividade de maior participação e a valorizarem a dimensão da interação, da colaboração e da partilha possível nos ambientes online.

Finalmente, não podemos ignorar que o uso crescente das RS amplifica as perspetivas quanto ao potencial dos recursos da Internet nos mais diversos

contextos, pessoais, sociais e profissionais. Da mesma forma, a apetência e o interesse pela utilização das RS manifestadas pelas crianças e jovens passa a ser tema de reflexão no âmbito.

Concluimos assim que, apesar das dificuldades encontradas e das limitações do estudo, o mesmo contribuiu para revelar o uso crescente das RS pela maioria dos alunos e professores e algumas das perspetivas no âmbito pedagógico. Consideramos também que é urgente o desenvolvimento de estudos que ponderem o seu uso no contexto escolar e que consigam acompanhar e compreender o real impacto que as RS possam passar para a comunidade escolar. Neste sentido, consideramos de grande relevância o desenvolvimento de práticas e de estudos que analisem as aprendizagens que podem decorrer a partir das redes sociais a fim que se possam ser de facto utilizadas como “ferramentas sociais”.

A concluir, importa também referir que a realização deste estudo, que assumiu um carácter exploratório e descritivo, numa vertente essencialmente quantitativa, foi fazendo surgir no nosso espírito diversas questões que elencamos aqui como possibilidades de investigação futura.

Durante o desenvolvimento do estudo, fomos desenvolvendo a ideia de que teria sido interessante, e pode vir a ser feito, seria realizar este mesmo estudo envolvendo alunos do 1.º ciclo, uma vez que cada vez mais cedo as crianças acedem à internet. Mais, perante a falta de alguns estudos de relevo a nível nacional sobre o uso das RS⁷⁷, alguns estudos desta natureza deveriam ser realizados com maior frequência, tendo em conta os avanços tecnológicos, a nível regional e nacional, a fim de podermos observar as diferenças e as alterações ao longo do tempo no que concerne ao uso das RS e de hábitos no país. Seria portanto interessante a realização de estudos de carácter longitudinal.

Apesar de considerarmos que estudos exploratórios e descritivos de carácter essencialmente quantitativo são contributos importantes, a que acresce, serem estudos que por vezes são os mais adequados face a constrangimentos diversos no desenvolvimento da investigação, nomeadamente de ordem temporal e económica, consideramos que os mesmo devem ser confrontados,

⁷⁷ Muitas das referências utilizadas dizem respeito ao panorama de uso das RS nos EUA.

articulados e completados com estudos de natureza qualitativa que permitam obter informação mais rica e contextualizada sobre os mesmos fenómenos, ou explorar aspetos que tenham sido identificados a partir dos estudos exploratórios anteriores.

Da nossa análise, identificamos outras situações que podem vir a ser aprofundadas e estudadas. A título de exemplo, observamos que os alunos repetentes não usam mais as redes sociais do que os não-repetentes. Contudo, o estudo desta situação deveria ser mais aprofundado. Outras temáticas interessantes relacionadas com as redes sociais mas que tocam apenas alguns grupos sugerimos a título de exemplo:

- Os pais com mais escolaridade tendem a ser mais ou menos permissivos relativamente ao acesso ao facebook?

- Em busca de alguém com quem comunicar, será que os filhos únicos usam com maior regularidade as redes sociais?

Um área que consideramos também particularmente interessante explorar, talvez numa vertente de estudo mais qualitativa, poderia ser também a natureza das interações geradas na rede entre professores e alunos (neste estudo praticamente apenas se identificou a sua existência) e em que medida as mesmas se refletem nos contextos escolares.

Muitos outros aspetos poderiam ser investigados no contexto das redes sociais e do seu potencial educativo. Esperamos que outros investigadores, ou a própria investigadora deste estudo, num outro momento e contexto, se aventurem nesse sentido!

6. BIBLIOGRAFIA

6. Bibliografia

- Barnes, J.A. (1972). Social Networks. *Addison-Wesley Module in Anthropology* 26, 1-29.
- Bell, J. (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação - um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Gradiva .
- Bouzas, I. (2011, Abr/Jun). A especificidade dos adolescentes. *Adolescência e Saúde* , 8, p. 5.
- Bouzas, I. (2013, Outubro). Porquê? *Adolescência e Saúde* , 10, pp. 23-30.
- BOYD, D. M., & ELLISON, N. B. (2007). *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. 13: *Journal of Computer- Mediated Communication*.
- Capra, F. (2008). Vivendo redes. In F. Duarte, C. Quandt, & Q. Souza, *O tempo das redes* (pp. 21-23). São Paulo: Perspectiva S/A.
- Cardoso, G., & Espanha, R. (2012). *A sociedade em rede: A Internet em Portugal 2012* (Em linha: [http://www.obercom.pt/content/ ed.](http://www.obercom.pt/content/ed/)). (O. 2012, Ed.) Lisboa: OberCom - Observatório da Comunicação.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2007). *E-Generation: os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES/ ISCTE - Centro de Investigação e Estudos.
- Carneiro, R. (2001). *2020 – 20 anos para vencer 20 décadas de atraso educativo*. Lisboa : DAP/ME, .
- Castells, M. (2004). *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2005). A Sociedade em rede. In R. V. Majer, *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (8.^a edição ed., Vol. 1, pp. 21-47). São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M., & Cardoso org., G. (2006). *A sociedade em rede - do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- CEDEFOP. (2008). *Terminology of European education and training policy. A selection of 100 key terms*. Bélgica: Office for Official Publications of the. Retrieved 08 26, 2013, from EuropeanCommunities: http://www.cedefop.europa.eu/etv/Upload/Information_resources/Bookshop/369/4064_en.pdf

- Cobo, C. R., & Moravec, J. W. (2011). *Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación*. Barcelona: Col·lecció Transmedia XXI. Laboratori de Mitjans Interactius / Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Cobo, C. R., & Moravec, J. W. (2011). *Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación*. Barcelona: Col·lecció Transmedia XXI. Laboratori de Mitjans Interactius / Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Cobo, C. R., & Moravec, J. W. (2011). *Aprendizaje Invisible. Hacia una nueva ecología de la educación*. Barcelona: Col·lecció Transmedia XXI. Laboratori de Mitjans Interactius / Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Coutinho, C. C. (2005). *Percursos de investigação em Tecnologia Educativa em Portugal, uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Dewey, J. (1938). *Experience and Education*. New York: Collier Books.
- Ferreira, H. C. (2008). *Metodologia da investigação Guia para a Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Foddy. (1996). *Como Perguntar: Teoria e Prática da construção de Perguntas em Entrevistas e Inquéritos*. Oeiras: Celta Editora.
- Ghiglione, R. &. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, M. J. (2005). *E-learning: Reflexões em torno do conceito*. Retrieved Dezembro 15, 2013, from repositorium.sdum.uminho.: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2896/1/06MariaGomes.pdf>.
- Hoz, A. (1985). *Investigación Educativa*. Madrid: Anaya.
- Javeau, C. (1992). *L'enquête par questionnaire: manuel à l'usage de praticien*. Bruxelles : Éditions de l'Institut de Sociologie de l'Université Libre de Bruxelles.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura* . São Paulo.
- Lyon, D. (1992). Questões e Ilusões. In T. R. S. Machado, *A Sociedade de Informação* (pp. pp. 1-23). Oeiras: Celta Editora.
- MAFFESOLI, M. (1998). *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense.
- MAYFIELD, A. (2007). *What is social media? iCrossing* . Retrieved outubro 20, 2012, from What is social media? iCrossing : http://www.icrossing.co.uk/fileadmin/uploads/eBooks/What_is_Social_Media_iCrossing_ebook.pdf
- Nogueira, M. A. (2005). A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações. *Análise Social, XL* , 176, pp. 563-578.

- O'Reilly, T. (2005, 09 30). *What is web 2.0?* Retrieved 08 26, 2013, from O'Reilly: <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>
- OCDE. (2010). *Are the New Millennium Learners Making the Grade?: Technology Use and Educational Performance in PISA*. Retrieved 08 26, 2013, from Organisation for Economic Co-operation and Development.: <http://browse.oecdbookshop.org/oecd/pdfs/browseit/9609101E.Pdf>
- Patrício, M. R., & Gonçalves, V. (2010). *Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior*. Retrieved Setembro 18, 2012, from Academia.edu: http://www.academia.edu/869871/Utilizacao_educativa_do_facebook_no_ensino_superior
- Pearce, D. (2011). <http://www.hedweb.com/intelligence-explosion/singularidades.html>. Retrieved 08 26, 2013, from Original title: Technological Singularities, Intelligence Explosions & The Future of Biological Sentience : <http://www.hedweb.com/intelligence-explosion/singularidades.html>
- Robert Bogdan & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Silva, B. D. (2002). A Tecnologia é uma Estratégia para a Renovação da Escola. *Movimento. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*. n° 5, pp. 28-44. Rio de Janeiro, Brasil: Tecnologia Comunicação e Educação.
- Silva, B. D. (2008). Tecnologias, Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. In M. Martins, M. Pinto, & (Orgs.). (Ed.), *Comunicação e Cidadania - Actas 5º Congresso da Associação* (pp. 1908-1920). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho).
- SILVA, B. (2005). Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, 2, pp. 31-51 .
- SIMMEL, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia*. Ruio de Janeiro : Jorge Zahar Editor.
- Sousa, C. (2013). *USO DAS FERRAMENTAS SOCIAIS NA ESCOLA*. Brasília: UNB/CEED.
- W.Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Webster, F. (2004). Desafios globais e respostas nacionais na Era da Informação. In J. M. Oliveira, & J. J. Barreiros, *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação* (pp. 53-74). Lisboa: Quimera Editores.

Worsley, P. (1983). *Introdução à Sociologia* (5.^a ed.). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo 1: Pedido de autorização aos pais

ANEXO 2: Grupos de recrutamento para a docência

ANEXO 3: Modelo de questionário para o professor

ANEXO 4: Modelo de questionário para o aluno

ANEXO 5: Modelo de questionário para o professor *online*

ANEXO 1

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PAIS

Exmo. Senhor Encarregado de Educação

Eu, Carina Domingues dos Reis, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação - Tecnologia Educativa, na Universidade do Minho, estou a elaborar uma investigação no âmbito da qual pretendo caracterizar a utilização de redes sociais na internet, nomeadamente no Facebook, por parte de alunos do ensino básico e secundário. Neste sentido, solicito a colaboração, no sentido de autorizar que o seu educando preencha um questionário de resposta anónima que lhe será fornecido pelo respetivo diretor de turma. Desde já manifesto disponibilidade para lhe facultar os resultados finais do estudo, pelo que me comprometo a entregar na escola uma cópia do trabalho final.

Autorização

Eu, _____ Encarregado de educação do
aluno _____, da turma ____ do _____ ano,

autorizo / não autorizo que o meu educando preencha o questionário “Usos de redes
sociais na Internet por crianças e jovens do ensino básico e secundário”.

Manifesto também o desejo de ter acesso aos resultados finais do estudo para o que
disponibilizo o meu endereço de e-mail _____

Barroselas, ____ de _____ de 2013

ANEXO 2

GRUPOS DE RECRUTAMENTO PARA A DOCÊNCIA

2º Ciclo do Ensino Básico		
Código	Grupo de Recrutamento	Antigo Código de Grupo de Docência
200	Português e Estudos Sociais/História	1
210	Português e Francês	2
220	Português e Inglês	3
230	Matemática e Ciências da Natureza	4
240	Educação Visual e Tecnológica	5/7/8
250	Educação Musical	6
260	Educação Física	9
290	Educação Moral e Religiosa	10
3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário		
290	Educação Moral e Religiosa	10
300	Português	20
310	Latim e Grego	
320	Francês	21
330	Inglês	22
340	Alemão	
350	Espanhol	41
400	História	23
410	Filosofia	24
420	Geografia	25
430	Economia e Contabilidade	18, 19
500	Matemática	11
510	Física e Química	15, 16
520	Biologia e Geologia	26
530	Educação Tecnológica	12/14/27/28/ 30/31/32/33/34
540	Eletrotecnia	13
550	Informática	39
560	Ciências Agropecuárias	35/36/37
600	Artes Visuais	17
610	Música	40
620	Educação Física	38
Educação Especial		
910	E1 - Educação Especial 1 - Apoio a crianças e jovens com graves problemas cognitivos, com graves problemas motores, com graves perturbações da personalidade ou da conduta, com multideficiência e para apoio em intervenção precoce na infância.	

ANEXO 3

MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Questionário de caracterização de usos de redes sociais na internet

Este questionário tem por objetivo conhecer e caracterizar a presença de crianças e jovens portugueses em redes sociais na Internet, (por exemplo no Facebook) e a sua aplicação insere-se num projeto de investigação em curso na Universidade do Minho, no quadro do Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Tecnologia Educativa.

O preenchimento do questionário é anónimo e os dados são confidenciais, destinando-se apenas ao projeto de investigação em causa. Agradecemos desde já toda a sua colaboração, sem a qual este projeto não será viável. Caso deseje ter conhecimento dos resultados finais deste estudo, por favor contacte a investigadora.

Carine Reis – domingues.carine@gmail.com

Caraterização biográfica e profissional

1. Idade: anos

2. Sexo:

3. Tem filhos? Não

Sim Com que idades? - - -

4. Situação Profissional:

Professor de Quadro da Escola Professor de Quadro da Zona Pedagógica

Professor Destacado Professor Contratado Professor em Substituição

5. Grupo de recrutamento a que pertence: _____

6. Ciclo(s) de escolaridade que leciona atualmente:

2º Ciclo 3º ciclo Ensino Secundário

7. Indique as suas habilitações literárias atuais:

Licenciatura Curso de especialização Pós-graduação Mestrado

Mestrado Pós-Bolonha Doutoramento Outras. Quais? _____

8. Encontra-se a frequentar atualmente alguma iniciativa de formação entre as indicadas?

Curso de especialização Pós-graduação Mestrado

Doutoramento Outras. Quais? _____

Caraterização do acesso e uso de redes sociais na internet

As “redes sociais” são espaços na internet onde podes comunicar com outras pessoas e publicar e partilhar, por exemplo, mensagens, fotos, músicas ou vídeos. Exemplo de “redes sociais” são o Facebook, Hi5, MySpace, Skype; Twitter entre outros.

9.É utilizador de alguma rede social? Sim Não

Caso não seja utilizador de nenhuma rede social, o preenchimento do questionário termina aqui.

Caso utilize alguma rede social (exemplo: Facebook, Hi5, MySpace, Skype; Twitter entre outros) continue a responder ao questionário.

10.Assinale todos os serviços de redes sociais que costuma utilizar:

Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype

HI5 MySpace

Outra *Qual?* _____

11.Assinale o serviço de redes sociais que mais utiliza:

Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype

HI5 MySpace

Outro. *Qual?* _____

12. Há quantos anos começou a utilizar redes sociais na Internet? anos

13. Com que idade começou a utilizar redes sociais na Internet? anos

14. Quem criou/ajudou a criar a primeira conta numa rede social?

- Criei sozinho, sem ajuda Um colega da escola Um amigo
 Outra(s) pessoas *Qual / quais?* _____

15. Quantas pessoas tem como contactos (“amigos”) na rede social que mais utiliza?

Cerca de pessoas (“amigos”)

16. Assinale todos os grupos de pessoas que fazem parte da sua rede social na internet.

- Amigos pessoais Antigos colegas do tempo de estudante
 Actuais colegas de trabalho Antigos colegas de trabalho
 Antigos Alunos Alunos actuais desconhecidos ou conhecidos apenas da Internet
 Pais Irmãos Filhos Outros familiares
 Outra(s) pessoas *Qual / quais?* _____

17. Por que razão criou uma conta numa rede social?

- Porque os meus amigos também tinham Porque tinha curiosidade em saber como era
 Para me relacionar mais facilmente com um determinado grupo de amigos
 Porque recebi um convite Por motivos profissionais
 Por outra razão. Indique qual:

18. Com que frequência costuma usar as redes sociais em tempo de aulas?

- Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana
 Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana: Menos de 1 hora por dia
 2 a 4 horas por dia
 Mais de 4 horas por dia

19. Quanto tempo costuma passar nas redes sociais em tempo de férias?

- Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana

Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana: Menos de 1 hora por dia

2 a 4 horas por dia

Mais de 4 horas por dia

20. Assinale os locais onde costuma aceder às redes sociais (mais de uma alternativa):

Casa Aparelhos móveis Salas de aula da escola Aulas Biblioteca da escola

Outros espaços da escola Locais públicos (junta de freguesia, biblioteca...)

Outro(s) lugar(es). Indique qual/quais:

21. Por que motivos costuma aceder às redes sociais (mais de uma alternativa):

Lazer e entretenimento Comunicação Trabalho Aulas

Outro(s). Indique qual/quais:

21. Assinale as atividades que costuma realizar nas redes sociais (mais de uma alternativa):

Partilhar documentos Publicar no mural Publicar fotografias Jogar online

Conversar no chat Partilhar músicas Partilhar vídeos Observar as notícias

Relacionar-me com os amigos Relacionar-me com os alunos Conhecer melhor os alunos

Observar o comportamento dos alunos Comentar fotos Responder a mensagens de outros Fazer comentários Partilhar links Criar eventos

Outros (as). Indique quais: _____

22. Por que motivos utiliza as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

Partilhar documentos Publicar no mural Publicar fotografias Jogar online

Conversar no chat Partilhar músicas Partilhar vídeos Observar as notícias

Relacionar-me com os amigos Relacionar-me com os alunos Conhecer melhor os alunos

Observar o comportamento dos alunos Comentar fotos Responder a mensagens de outros Fazer comentários Partilhar links Criar eventos
 Outros _____ (as). Indique quais: _____

22. Por que motivo(s) utiliza as redes sociais? (Mais de uma alternativa)

Para fazer amigos Por curiosidade Porque todos usam
 Para trabalhos escolares Para namorar Para comunicar com amigos
 Para comunicar com familiares Para comunicar com antigos professores
 Para comunicar com professores deste ano
 Por _____ outros _____ motivos. Indica quais: _____

23. Já usou as redes sociais em contexto escolar?

Não Sim (Em que disciplina(s)? _____)

24. Gostaria de utilizar as redes sociais na internet em contexto escolar? Porquê?

Sim, porque _____
 Não, porque _____

Muito obrigada pela sua colaboração!

ANEXO 4

MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

Questionário de caracterização de usos de redes sociais na internet

Este questionário tem por objetivo conhecer e caracterizar a presença de crianças e jovens portugueses em redes sociais na Internet, (por exemplo no Facebook) e a sua aplicação insere-se num projeto de investigação em curso na Universidade do Minho, no quadro do Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Tecnologia Educativa, na Universidade do Minho. O preenchimento do questionário é anónimo e os dados são confidenciais, destinando-se apenas ao projeto de investigação em causa. Pedimos-te que respondas com sinceridade às questões que se colocam e agradecemos desde já a tua colaboração.

Carine Reis – domingues.carine@gmail.com

Caraterização biográfica

1. Idade: anos

2. Sexo:

3. Com quem resides habitualmente?

Com ambos os meus pais Com o meu pai Com a minha mãe

Com o meu encarregado de educação Com os meu(s) irmão(s)

Com outras pessoas. Indica quem: _____

4. Indica as habilitações literárias/escolares dos teus pais e encarregado de educação:

a. Do Pai	b. Da Mãe	c. Encarregado de educação quando não é a mãe ou o pai
Não sabe ler nem escrever	Não sabe ler nem escrever	Não sabe ler nem escrever
1.º Ciclo (ensino primário)	1.º Ciclo (ensino primário)	1.º Ciclo (ensino primário)
2.º Ciclo (5.º e 6.º ano)	2.º Ciclo (5.º e 6.º ano)	2.º Ciclo (5.º e 6.º ano)
3.º Ciclo (até ao 9.º ano)	3.º Ciclo (até ao 9.º ano)	3.º Ciclo (até ao 9.º ano)
Secundário (até ao 12.º ano)	Secundário (até ao 12.º ano)	Secundário (até ao 12.º ano)
Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura
Mestrado	Mestrado	Mestrado
Doutoramento	Doutoramento	Doutoramento

5.A que ano e turma de escolaridade pertences?

6.Já ficaste retido em algum ano de escolaridade? Sim Não

Caraterização do acesso e uso de redes sociais na internet

As “redes sociais” são espaços na internet onde podes comunicar com outras pessoas e publicar e partilhar, por exemplo, mensagens, fotos, músicas ou vídeos. Exemplos de “redes sociais” são o Facebook, Hi5, MySpace, Skype; Twitter entre outros.

7.És utilizador de alguma rede social? Sim Não

8.Se não és utilizador de nenhuma rede social, indica por que razões:

- Não sei o que é isso Não tenho interesse em fazer parte de uma rede social
- Os meus pais (ou encarregados de educação) não me deixam
- Tenho receio do que possam colocar no meu espaço Não sei criar uma conta
- Não tenho acesso à internet em casa Não tenho acesso à internet na escola
- Outra razão. Qual? _____

Caso não sejas utilizador de nenhuma rede social, o preenchimento do questionário termina aqui.

9.Assinala todos os serviços de redes sociais que costumas utilizar:

- Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype
- HI5 MySpace
- Outra Qual? _____

10.Assinala o serviço de redes sociais que mais utilizas:

- Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype HI5
- MySpace Outro. Qual? _____

11.Com que idade começaste a utilizar o serviço a que te referiste na questão 10?

anos

12.Quem te criou/ajudou a criar a primeira conta numa rede social?

- Criei sozinho, sem ajuda Um amigo da minha idade ou colega da escola

Um amigo mais velho Os meus pais ou outro adulto

13. Quantas pessoas tens como contactos (“amigos”) na rede social que mais utilizas?

Cerca de pessoas (“amigos”)

14. Assinala todos os grupos de pessoas que fazem parte da tua rede social na internet.

Colegas de escola Amigos Pais Irmãos Outros familiares

Antigos professores Professores deste ano letivo

Outra(s) pessoas *Qual / quais?* _____

15. Costumas adicionar “desconhecidos” ou “amigos de amigos”? Sim Não

16. Por que razão criaste uma conta numa rede social?

Porque os meus amigos também tinham Porque tinha curiosidade em saber como era

Por outra razão. Indica qual: _____

17. Os teus pais (ou encarregado de educação) sabem que participas numa rede social na internet? Sim Não

18. Com que frequência costumavas usar as redes sociais em tempo de aulas?

Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana

Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana

19. Quanto tempo costumavas passar nas redes sociais em tempo de férias?

Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana

Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana

20. Assinala os locais onde costumavas aceder às redes sociais:

Casa Casa de amigos Casa de familiares Em salas de aula da escola

Nas aulas de TIC Na biblioteca da escola Em outros espaços da escola

Em locais públicos (junta de freguesia, biblioteca...)

Em outro(s) lugar(es). Indica qual/quais: _____

21. Assinala as atividades que costumavas realizar nas redes sociais:

- | | | |
|---|--|---|
| <input type="checkbox"/> Publicar no mural | <input type="checkbox"/> Publicar fotografias | <input type="checkbox"/> Jogar online |
| <input type="checkbox"/> Conversar no chat | <input type="checkbox"/> Partilhar músicas | <input type="checkbox"/> Partilhar vídeos |
| <input type="checkbox"/> Partilhar outros documentos | <input type="checkbox"/> Deixar mensagens | <input type="checkbox"/> Comentar fotos |
| <input type="checkbox"/> Fazer “like” | <input type="checkbox"/> Responder a mensagens | |
| <input type="checkbox"/> Fazer comentários | <input type="checkbox"/> Partilhar links | <input type="checkbox"/> Criar eventos |
| <input type="checkbox"/> Fazer outras coisas. Indica quais: _____ | | |

22. Por que motivo(s) utilizas as redes sociais?

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Para fazer amigos | <input type="checkbox"/> Por curiosidade | <input type="checkbox"/> Porque todos usam |
| <input type="checkbox"/> Para trabalhos escolares | <input type="checkbox"/> Para namorar | <input type="checkbox"/> Para comunicar com amigos |
| <input type="checkbox"/> Para partilhar ficheiros | <input type="checkbox"/> Para aprender coisas | <input type="checkbox"/> Para comunicar com familiares |
| <input type="checkbox"/> Para comunicar com antigos professores | <input type="checkbox"/> Para comunicar com professores deste ano | |
| <input type="checkbox"/> Por outros motivos. Indica quais: _____ | | |

23. Que dispositivos utilizas para aceder às redes sociais na internet?

- | | | | |
|---|---|------------------------------------|---------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Computador portátil | <input type="checkbox"/> Computador de secretária | <input type="checkbox"/> Telemóvel | <input type="checkbox"/> Tablet |
| <input type="checkbox"/> Consola de jogos portátil <input type="checkbox"/> Outro dispositivo. Indica qual: _____ | | | |

24. Já usaste as redes sociais em contexto escolar?

- Não Sim (Em que disciplina(s)? _____

25. Gostarias de utilizar as redes sociais na internet em contexto escolar? Porquê?

- Sim, porque _____

- Não, porque _____

O questionário chegou ao fim. Muito obrigada pela tua colaboração!

ANEXO 5

MODELO DE QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR REALIZADO *ONLINE*

Questionário de caracterização de usos de redes sociais na internet

Este questionário tem por objetivo conhecer e caracterizar a presença de professores do 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário em redes sociais na Internet, (por exemplo no Facebook) e a sua aplicação insere-se num projeto de investigação em curso na Universidade do Minho, no quadro do Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Tecnologia Educativa, na Universidade do Minho.

O preenchimento do questionário é anónimo e os dados são confidenciais, destinando-se apenas ao projeto de investigação em causa. Agradecemos desde já toda a sua colaboração, sem a qual este projeto não será viável. Caso deseje ter conhecimento dos resultados finais deste estudo, por favor contacte a investigadora.

Carine Reis – domingues.carine@gmail.com

Caraterização biográfica

1. Idade: anos

2. Sexo: Masculino Feminino

3. Tem filhos?

Não Sim Com que idades _____

4. Situação profissional:

Professor de Quadro da Escola Professor de Quadro da Zona Pedagógica

Professor Destacado Professor Contratado

Professor em Substituição

5. Grupo de recrutamento a que pertence:

6. Ciclos de escolaridade em que leciona atualmente:

Segundo ciclo Terceiro ciclo Ensino secundário

7. Indique as suas habilitações literárias atuais:

Licenciatura Curso de Especialização Pós-graduação Mestrado

Mestrado pós-Bolonha Doutoramento

Outras. Quais? _____

8. Encontra-se a frequentar ultimamente alguma iniciativa de formação entre as indicadas?

Curso de Especialização Pós-graduação Mestrado Doutoramento

Caraterização do acesso e uso de redes sociais na internet

As “redes sociais” são espaços na internet onde podes comunicar com outras pessoas e publicar e partilhar, por exemplo, mensagens, fotos, músicas ou vídeos. Exemplos de “redes sociais” são o Facebook, Hi5, MySpace, Skype; Twitter entre outros.

7.É utilizador de alguma rede social? Sim Não

Caso não sejas utilizador de nenhuma rede social, o preenchimento do questionário termina aqui.

8.Assinale todos os serviços de redes sociais que costuma utilizar:

Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype

HI5 MySpace

Outra *Qual?* _____

9.Assinale o serviço de redes sociais que mais utiliza:

Facebook Twitter Messenger (MSN) Skype HI5

MySpace Outro. *Qual?* _____

10. Há quanto anos começou a utilizar o serviço que referiu na questão 9? anos

11.Com que idade começou a utilizar redes sociais na internet? anos

12.Quem criou/ajudou a criar a sua primeira conta numa rede social?

Criei sozinho, sem ajuda Um amigo da minha idade ou colega da escola

Um amigo mais velho Outras pessoas. *Quais?* _____

13.Quantas pessoas tem como contactos (“amigos”) na rede social que mais utiliza?

Cerca de pessoas (“amigos”)

14. Assinale todos os grupos de pessoas que fazem parte da tua rede social na internet.

- Amigos pessoais Antigos colegas de escola de tempo de estudante
 Colegas da escola onde estou a trabalhar Colegas de outras escolas em que trabalhou
 Antigos alunos Alunos atuais Desconhecidos ou conhecidos apenas da Internet Pais Irmãos Filhos Outros familiares
 Outra(s) pessoas *Qual / quais?* _____

15. Por que razão criou uma conta numa rede social?

- Porque os meus colegas professores também tinham Porque os meus amigos também tinham
 Porque tinha curiosidade em saber como era Para me relacionar mais facilmente com um determinado grupo de amigos/ colegas
 Porque recebi um convite Por motivos profissionais
 Por outra razão. Indica qual: _____

16. Com que frequência costuma usar as redes sociais em tempo de aulas?

- Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana
 Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana

17. Quanto tempo costuma passar nas redes sociais em tempo de férias?

- Menos de 1 vez por semana 2 a 4 vezes por semana 5 a 6 vezes por semana
 Apenas aos fins-de-semana Todos os dias da semana

18. Assinale os locais onde costumavas aceder às redes sociais:

- Casa Salas de aula da escola Aulas Biblioteca da escola
 Outros espaços da escola Locais públicos (junta de freguesia, biblioteca...)
 Outro(s) lugar(es). Indica qual/quais: _____

19. Assinale os dispositivos utilizados para aceder às redes sociais na internet?

- Computador portátil Computador de secretária Telemóvel Tablet
 Consola de jogos portátil Outro dispositivo. Indica qual: _____

20. Assinale as atividades que costuma realizar nas redes sociais:

- Publicar no mural Publicar fotografias Jogar online
 Conversar no chat Partilhar músicas Partilhar vídeos
 Observar notícias Partilhar documentos Deixar mensagens
 Fazer “like” Comentar fotos Responder a mensagens
 Fazer comentários Partilhar links Criar eventos
 Relacionar-me com amigos Relacionar-me com antigos alunos
 Observar o comportamento dos alunos
 Outros(as). Indique qual/ quais: _____

21. Assinale os motivo(s) que o levam a aceder às redes sociais?

- Fazer novos amigos Relacionar-me com amigos Comunicar com familiares
 Comunicar com antigos alunos Comunicar com alunos atuais
 Consultar páginas de assuntos que me interessam a nível pessoal
 Comunicar com antigos colegas professores Comunicar com colegas professores atuais
 Observar o comportamento dos alunos
 Desenvolver projetos pedagógicos com os alunos Desenvolver projetos pedagógicos com outros colegas professores
 Acompanhar o uso por parte dos meus filhos/ as
 Por outros motivos. Indica quais: _____

22. Conhece colegas professores que sejam utilizadores de redes sociais, na esfera pessoal/ privada?

- Não Sim, alguns Sim, bastantes Sim, muitos

23. Conhece colegas professores que sejam utilizadores de redes sociais, na esfera profissional?

- Não Sim, alguns Sim, bastantes Sim, muitos

24. Na sua opinião, por que razão/ razões utilizam os alunos as redes sociais?

- Fazer novos amigos Curiosidade Porque todos usam Aceder à informação
- Para trabalhos escolares Namorar Comunicar com amigos
- Comunicar com professores atuais Comunicar com antigos professores
- Por outros motivos, Indique quais: _____

25. Na sua opinião, é possível utilizar do ponto de vista pedagógico as redes sociais na internet?

- Sim Não Talvez, mas desconheço como.

26. Já usou as redes sociais em contexto escolar?

27. Caso tenha respondido sim à questão anterior, indique em que disciplinas e descreva sucintamente os objetivos dessa utilização:

28. Se ainda não usou as redes sociais na internet em contexto escolar, gostaria de utilizá-las? Porquê?

- Sim, porque _____
- _____
- Não, porque _____
- _____

O questionário chegou ao fim. Muito obrigada pela sua colaboração!

